

LUZIA SANTIAGO (ORG.)

# Canção Nova

um testemunho vivo e vivido



GERÊNCIA GERAL: Rafael Cobianch  
CAPA: Renata Santiago Albuquerque  
FOTÓGRAFO: Dário Sampaio dos Santos  
PREPARAÇÃO E REVISÃO: AnnaBella Editorial / Thuâny Simões  
DIAGRAMAÇÃO: Diego Rodrigues

EDITORA CANÇÃO NOVA  
Rua João Paulo II, s/n – Alto da Bela Vista  
12 630-000 Cachoeira Paulista – SP  
Tel.: [55] (12) 3186-2600  
E-mail: [editora@cancaonova.com](mailto:editora@cancaonova.com)  
[loja.cancaonova.com](http://loja.cancaonova.com)  
Twitter: @editoracn  
Instagram: @editoracancaonova

*Todos os direitos reservados.*

ISBN: 978-65-88451-00-7

© EDITORA CANÇÃO NOVA, Cachoeira Paulista, SP, Brasil, 2020

LUZIA SANTIAGO (ORG.)

# Canção Nova

um testemunho vivo e vivido



Canção Nova

EDITORA



# Sumário

APRESENTAÇÃO .....	9
Eu não me canso de cantar .....	9
COMO NASCERAM AS MARCAS DA CANÇÃO NOVA E DA FUNDAÇÃO JOÃO PAULO II.....	13
A HISTÓRIA DO CAFÉ .....	15
A HISTÓRIA DO ÔNIBUS .....	17
CANÇÃO NOVA: ESCOLA DE VIDA .....	19
NASCEMOS DA PALAVRA DE DEUS .....	25
CANÇÃO NOVA: CASA DE SACRIFÍCIO E MISERICÓRDIA.....	29
CANÇÃO NOVA: ESSÊNCIA DA GRAÇA DE DEUS.....	37
CANÇÃO NOVA: LUGAR DE BÊNÇÃO DE DEUS.....	41
CANÇÃO NOVA: INSTRUMENTO DE CURA EM MINHA VIDA....	43
CANÇÃO NOVA: CAMINHO PARA A SANTIDADE .....	47
CANÇÃO NOVA: INTERVENÇÃO DE DEUS.....	49
UM CONTO SOBRE A PROVIDÊNCIA .....	51
A PROVIDÊNCIA DIVINA E O PERDÃO .....	53

NADA É POR ACASO... TUDO É PROVIDÊNCIA! .....	57
SER CANÇÃO NOVA É BOM DEMAIS.....	63
UMA HISTÓRIA DE FÉ .....	67
SÃO LOURENÇO E A DOAÇÃO DA VIDA .....	69
VIDA FRATERNA: UM DOM NA CANÇÃO NOVA.....	73
SOU SENTINELA DO MEU IRMÃO .....	77
VIDA COMUNITÁRIA: UM DESAFIO A SER VENCIDO .....	81
TEMPO DE RECONCILIAÇÃO.....	87
FUI TRANSFORMADA PELO CARISMA CANÇÃO NOVA.....	89
ARRISCAR NA FÉ.....	93
TUDO O QUE SE FAZ ESCONDIDO, UM DIA VEM À LUZ .....	97
VIVEMOS MUITAS AVENTURAS.....	101
UM CHAMADO DE INTERCESSÃO .....	103
O SIM À VIDA TRAZ A VIDA EM ABUNDÂNCIA.....	105
ACEITA SER O MEU CORAÇÃO?.....	109
PE. JONAS: UMA HISTÓRIA DE FÉ .....	113
ANUNCIADORES DA PALAVRA DE DEUS .....	123
MINHA MISSÃO É ONDE DEUS ME COLOCAR.....	131
É PRECISO DOBRAR OS JOELHOS E FALAR COM DEUS.....	135
MARANATHÁ .....	137
DEUS CUIDA DE NÓS .....	141
SOMOS SALVA-VIDAS!.....	143
MEU CHAMADO PARA A CANÇÃO NOVA.....	147

MEU ENCONTRO PESSOAL COM JESUS.....	151
É HORA DE VOLTAR PARA DEUS!.....	163
MEU SONHO SE TORNOU REALIDADE.....	169
O AMOR DE DEUS TEM PODER PARA NOS CURAR.....	171
MILAGRES EM MINHA VIDA.....	179
UMA NOVA MULHER .....	187
VENCENDO AS DIFICULDADES.....	191
A DOR NOS DEVOLVE O ESSENCIAL .....	197
PROCURO A PÁTRIA DO AMOR. PROCURO SEM DESCANSAR...	207
AS SURPRESAS DE DEUS .....	211
UM MILAGRE PELAS MÃOS DA VIRGEM MARIA.....	215
EU SOU CANÇÃO NOVA .....	217
COMO É LINDA NOSSA FAMÍLIA.....	219





# Apresentação

## Eu não me canso de cantar

*A vida é caminhar.  
Sou peregrino do amor.  
Vou semear a esperança  
deste mundo que há de vir.  
Eu não me canso de cantar.*

*Mundo novo vem aí.  
Gente de coragem vai lutar.  
A verdade vencerá.  
Quem é da verdade saberá,  
eu não me canso de cantar.*

*Gente nova vem dizer.  
Vive de certezas quem lutou.*

*Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

*A justiça já brotou.  
A libertação vamos colher.  
Eu não me canso de cantar.*

*Se o trigo não morrer,  
fruto não se pode esperar.  
Hoje é dia de plantar.  
Muita gente, em breve, vai colher.  
Eu não me canso de cantar.  
Eu não me canso de cantar.*

Já faz bastante tempo que eu compus esta canção, mas ela continua sendo uma das preferidas por causa de sua música, mas principalmente pela letra.

Realmente a vida é caminhar e todos nós precisamos, continuamente, ser caminhantes nas duras trilhas da vida. E nesse caminho somos chamados a ser peregrinos do amor. Amar é a essência da vida e o distintivo do cristão.

O nosso chamado é pelos caminhos que trilharemos para semear a esperança por onde passarmos. E a nossa maior esperança é o mundo que há de vir. Mundo novo que construímos hoje e que vamos desfrutar quando o Senhor vier na Sua glória. E por isso eu não me canso de cantar e não me cansarei, porque muitos precisam saber e juntos cantar: “eu não me canso de cantar”.

A segunda estrofe da canção ressoa dizendo: “mundo novo vem aí”. É certo, não sabemos quando, mas ele se apressa. Por

isso precisamos estar preparados sempre. Há uma convocação: gente de coragem e disposta para lutar.

É certo: a verdade vencerá, e mais ainda, quem é da verdade saberá. Por isso, mais uma vez, eu não me canso de cantar, porque quem é de verdade saberá.

Quando Dom Afonso de Miranda, que naquele tempo era bispo de Lorena, colocou em minhas mãos a *Evangelii Nuntiandi*, ele me disse, com um acento especial: “comece com os jovens, porque com os jovens é mais fácil”. Ali estava a palavra-semente que gerou a Canção Nova. Foi a realização do que eu cantei: “gente nova vem dizer, vive de certezas quem lutou”. Ser jovem é sinônimo de luta, e quem luta vive de certezas. Quem luta permanece jovem. Os anos passaram e a juventude permanece mesmo nos cabelos brancos. Do coração de quem é jovem, a justiça vai brotar; e o que o jovem mais quer, a liberdade, rapidamente ele vai colher. Cante com quem é jovem: eu não me canso de cantar.

É preciso que o trigo venha a morrer; só então o fruto se pode esperar. Hoje é dia de plantar; não esmoreça, aguarde com paciência, pois muita gente, incluindo você, é convidada para este grande coral: eu não me canso de cantar...

Monsenhor Jonas Abib



# Como nasceram as marcas da Canção Nova e da Fundação João Paulo II

Monsenhor Jonas Abib e Luzia Santiago

**M**ÁRIO PACHECO, PRIMO DE Monsenhor Jonas Abib e que trabalhava no Senai, era quem, naquela época, fazia as capinhas para as fitas das palestras da Canção Nova. Ele e a esposa, Cida, ouviam toda a palestra, e, a partir disso, desenvolviam as capinhas. Mário conhecia, portanto, muito bem as coisas da Canção Nova.

Certo dia, durante o horário de almoço no Senai, conforme Monsenhor Jonas conta, Mário, com uma caneta, começou a fazer os traços da logo: a pomba, o violão... E depois, desinteressadamente, mostrou para Monsenhor Jonas.

– Nós gostamos demais! – conta Monsenhor Jonas. – Nós vimos que a logo realmente retratava a Canção Nova. O Mário

e a esposa escutavam todas as palestras para fazerem as capinhas, então a logo saiu de acordo com aquilo que a Canção Nova é.

Isso aconteceu por volta dos anos 80, e, em 1982, a FJPII tornou-se fundação, passando a precisar, também, de uma marca. Foi Júnior, filho de Luis Paulo, membro do Segundo Elo da Canção Nova, hoje já falecido, quem fez essa logo.

– Júnior tinha muita inspiração! – conta Luzia Santiago. – Ele não era da comunidade, mas nasceu conosco, e o padre Jonas pediu para ele fazer a logo. Depois, essa logo foi um pouco modificada, mas a criação foi dele. Júnior, depois de algum tempo, sofreu um acidente de moto e passou a depender dos pais. Mas eu me lembro de que ele era apaixonado pelo padre Jonas.

– Quando o Júnior me via, ele tremia todo de alegria! – relembra Monsenhor Jonas. – Na ocasião em que ele sofreu o acidente, fomos nós que salvamos a vida dele. A prefeitura de Cruzeiro estava naquele negócio de “vai, não vai”, sem definir nada... Então nós tomamos a iniciativa de procurar um hospital em São Paulo e arrumar um helicóptero para levá-lo. Em São Paulo, o Júnior foi operado, mas, por questões neurológicas, ficou tetraplégico. Foi essa operação que salvou a vida dele, porque foi uma batida muito forte. Graças a Deus fizemos isso por eles. Nós os queríamos muito bem, ao Júnior e aos pais dele, Luis Paulo e Denise, que fizeram parte da Canção Nova desde o início. O Luis Paulo era quem comandava a infraestrutura dos rebanhões antes mesmo de a Canção Nova existir.

# A história do café

Monsenhor Jonas Abib

**A**NICE, DA COMUNIDADE, CERTA vez ficou encarregada do café da manhã do dia seguinte, em Queluz. Mas, quando ela percebeu, não tinha nada de café! Decidiu, então, fazer chá: pegou as folhas, deixou-as prontinhas, fechou o refeitório e subiu para o dormitório. No dia seguinte, para seu espanto, quando ela chegou ao refeitório, encontrou pacotes de pó de café, um fardo inteiro. E ficou, toda contente, se perguntando: “Foram os anjos que colocaram aqui esse café?”. Fez, então, o café, sem contar para ninguém que tinha pensado em fazer chá.

Somente depois o Luiz Paulo, que sempre ia trabalhar na nossa casa, contou que eles tinham ganhado da torrefação, na noite anterior, no grupo de oração dos homens, em Cruzeiro, um fardo de pó de café. Como não sabiam o que fazer com aquele café todo, o Luiz Paulo propôs:

– Vamos levar para a Canção Nova.

Ele e o Orlando pegaram o carro e foram para Queluz. Como o Luiz Paulo trabalhava conosco como voluntário, ele

*Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

tinha a chave do refeitório, então deixou o fardo do pó de café na cozinha. O anjo foi o Luiz Paulo!

Histórias como essas são simples, mas muito tocantes.



# A história do ônibus

Monsenhor Jonas Abib

**E** U SENTI QUE PRECISAVA me confessar, mas não em qualquer lugar. Vinha a mim que eu precisava me confessar lá no Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro. Quer dizer, era um exagero, né? Não tinha carro, não tinha nada, então desci da nossa casa de Queluz até o ponto de ônibus da outra, tentando fazer com que algum ônibus parasse. Não é que um ônibus parou? O motorista perguntou:

- Vai para o Rio?
- Vou! – respondi.
- Então, entre!

Eu entrei, e só então notei que o ônibus estava vazio. Já fiquei meio temeroso, mas ele já havia fechado a porta. Perguntei, então:

- Por que esse ônibus está vazio?
- Ele explicou:

– Esse ônibus vai para o Nordeste, mas em São Paulo não havia ninguém, em Aparecida não havia ninguém, agora, sim, no Rio de Janeiro tem gente para pegar. Daí sigo para o Nordeste.

Agradei muito a ele, desci no Rio de Janeiro, fui para o Mosteiro de São Bento, e o monge me recebeu como um pai. Depois fui para a rodoviária e voltei de ônibus comum. Mas por que contei isso? Para mostrar que, quando você tem boa vontade e quer resolver os nós da sua vida, Deus faz coisas extraordinárias. Ele põe até um ônibus para pegá-lo e levá-lo aonde você precisa ir...

# Canção Nova: escola de vida

João Luiz de Oliveira

○ PADRE JONAS SEMPRE TEVE uma dimensão da fé e sempre nos levou a acreditar que Deus é o Senhor dessa obra. Deus, através do padre Jonas, fez-nos acreditar naquilo que não víamos, que humanamente era impossível alcançarmos, mas que depois conseguimos tocar, primeiramente com nossa fé, e depois com as nossas mãos e com a nossa vida. O que era impossível havia se tornado possível e palpável.

Eu entrei para a Canção Nova no dia 29 de março de 1981. Saí da minha casa sem a aprovação dos meus pais e fui para Queluz sozinho. Chegando lá, no domingo à noite, não havia ninguém para me receber, pois todos estavam em Silveiras/SP, em um dia de louvor e no lançamento do Clube do Ouvinte.

Quando chegaram, todos me receberam e me acolheram, e assim comecei a viver em Comunidade. Não fiz o caminho vocacional porque, naquela época, ele não existia. Fiquei em

Queluz de março até o final de janeiro. Assim, passei dez meses muito fecundos para minha caminhada e para a minha vida, que era muito simples.

Levantávamos de manhã e tínhamos atividade física, banho, café e missa na capelinha com o padre Jonas, a qual tinha horário para começar, mas não para terminar. E ali o Padre foi nos formando na Palavra de Deus. Naquela época, eu não tinha noção, mas hoje posso dizer que ele nos ensinava como o Mestre ensinava aos Seus discípulos. Ali aprendi o uso dos dons e a conhecer a Palavra de Deus através da Sagrada Escritura, da imagem e do discernimento.

Ao sairmos da missa, tínhamos um intervalo para comer alguma coisa e, logo depois, tínhamos formação, sempre com a Palavra de Deus. Depois, por volta do meio-dia, ouvíamos o programa *Estou no meio de vós* e íamos almoçar.

Nesse tempo de formação, tivemos como formadoras a Luzia Santiago e a Fátima Arreco. Estudamos sobre um livro das edições Paulinas que detalhava sobre a profissão de fé, mas essa formação era nos passada pelo padre, que nos dava uma explicação mais teológica do que havíamos lido.

Recordo-me de que tivemos um retiro com o padre Eduardo e com a Irmã Neli que nos ajudou a discernir o que era a Canção Nova. No seu jeito americano, padre Eduardo nos dizia que a Canção Nova era uma faculdade de Jesus para formar jovens. E, assim, tanto o Pe. Jonas como a Luzia procuravam nos dar essa formação.

Na parte da tarde, tínhamos os trabalhos manuais, da manutenção da casa, em que cada um realizava um serviço. No meio da tarde, tínhamos um lanche e depois eu ia para o que hoje é o DAVI, porém antes era um quartinho em que eu duplicava as palestras do padre Jonas em cassete e enviávamos pelo correio. Eu diria que foi assim que nasceu o DAVI (Departamento de Audiovisual).

Em alguns finais de semana, a casa era ocupada pela Renovação Carismática de Resende, Barra Mansa, Volta Redonda e também da cidade de São Paulo. Em alguns encontros dos cadetes, precisávamos sair. Uma coisa da qual gostávamos muito nesses encontros era da comida, pois eles sempre caprichavam. Quando eles iam embora, nossa dispensa ficava cheia de comida, material de limpeza e comida pronta, o que para nós era motivo de festa.

Lembro-me de quando o padre Jonas sofreu um acidente e fraturou a perna. Nós o carregávamos para cima e para baixo, o tempo todo. E assim vivemos uma experiência lindíssima de Natal, pois fizemos a missa no estábulo que ficava próximo da Casa de Maria, em Queluz, e ali celebramos o Natal. Foi simples, mas, ao mesmo tempo, muito marcante.

Quando eu ainda tinha pouco tempo de Comunidade, houve uma reunião com alguns membros, e depois dois membros de São Paulo deixaram a Comunidade e foram remanejados: Denise e Cido. Naquela época, aquilo foi muito estranho para mim, pois eu sabia que estava acontecendo alguma coisa difícil, porém não perguntei nada a ninguém.

Lembro-me da reunião que determinou o nosso remanejamento para Cachoeira Paulista. Estávamos na sala de palestra e a mudança estava marcada para janeiro. O padre Jonas começou a falar da importância de irmos para lá, que, mesmo já tendo alguns missionários, precisava da nossa ajuda. E esse foi meu primeiro remanejamento.

Ao chegarmos a Cachoeira Paulista, não tínhamos onde morar. Então o padre Jonas procurou o Sr. João Dabu, que nos emprestou uma casa. Levamos alguns colchões de Queluz e forramos o chão com jornal. As nossas roupas ficavam nas malas e fazíamos as refeições na casa do Peixoto e da Heloísa. Não tínhamos nada, mas o desejo de fazer a vontade de Deus era forte e o grande imperativo dentro de nós, o qual eu trago comigo até hoje.

O padre Jonas sempre nos passou que deveríamos conhecer a vontade de Deus e fazê-la sem murmuração e reclamação. Mais tarde, ele e a Luzia levaram para nossa casa um fogão velho que havia sido usado no início da Comunidade em Lorena, e isso foi muito significativo para nós. Comíamos arroz, feijão e alguma coisa que tinha sobrado do almoço do dia anterior, mas nós éramos imensamente felizes. Aos poucos fomos vendo o DAVI crescer, e com isso foi nos dado outros espaços aqui em Cachoeira Paulista.

Eu morei em Cachoeira Paulista de 1982 a 1991. Foram nove anos. No começo, trabalhávamos meio período, mas depois começamos a trabalhar período integral, pois as coisas estavam crescendo.

Eu viajei junto com o Padre e com a Luzia pelo Brasil. Enquanto o Padre pregava, nós duplicávamos as pregações, porém, muitas vezes, não conseguíamos atender à demanda do local e enviávamos os pedidos depois, o que alcançou mais pessoas.

O padre Jonas sempre nos disciplinou muito. Muitas vezes, nas viagens que fazíamos, ele ia rezando e conduzindo a oração com o povo. Então ele nos dava um sinal e nos deixava conduzir a oração. Posso dizer que o padre Jonas nos ensinou a fé, e a Luzia nos ensinou a rezar. Reconheço que hoje eu sou um homem de oração porque aprendi a rezar com ela.

Tudo aquilo que Deus investiu em mim foi porque tive grandes mestres. Aprendi a acreditar no Deus do impossível. Cachoeira Paulista foi uma grande escola de vida que ninguém tira de nós, foi uma experiência única.

Sou grato a Deus por esses três mestres que tive: padre Jonas, Luzia e Eto. Tudo o que eu vivi na missão de Cuiabá foi porque tive essa base forte e sólida que vivi nesses nove anos em Cachoeira Paulista. A Canção Nova me fez um homem trabalhador. Sou grato a Deus por tudo que vivi no passado, e vivo ainda hoje, e por tudo aquilo que Deus ainda tem reservado para mim.

Na Comunidade, conheci a Fatinha, pela qual me interessei e me apaixonei. Ela foi me ajudando a entender e colocar para fora o verdadeiro João Luiz. Depois de noivar, logo nos casamos, no dia 23 de abril de 1988. Completamos trinta e dois anos de casados e temos dois filhos: Samuel e a Ana Carolina, que vivem conosco na Missão de Portugal, onde estamos atualmente.





# Nascemos da Palavra de Deus

Monsenhor Jonas Abib

Sua mãe e seus irmãos vieram ter com ele, mas não podiam se aproximar, por causa da multidão. Alguém lhe comunicou: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem te ver”. Ele respondeu: “Minha mãe e meus irmãos são estes aqui, que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 8,19-21).

**N**ESSA PASSAGEM DO EVANGELHO de São Lucas, Jesus proclama que somos Sua família: pai, mãe, irmãos e irmãs consanguíneos. Somos aqueles que ouvem Sua Palavra e a põem em prática.

Isso significa muito para nós, porque nascemos da Palavra. Já no início da Renovação Carismática, tínhamos a Palavra na mão. E porque eu estava sempre com a Bíblia e pregava com ela na mão, os jovens também queriam tê-la.

Certa vez, em Queluz, no último catecumenato – uma espécie de encontro de catequese voltado para a juventude –,

algo marcante aconteceu. Naquele dia, eu me preparei para apresentar o que depois passou a se chamar “A Bíblia foi escrita para você”, mas não tínhamos, naquela época, muitos recursos, então fiz cartazes, estiquei uma cordinha na frente da sala de palestras e fui explicando cada cartaz que havia feito. O que aconteceu depois foi lindo: os jovens aceitaram aquilo de tal maneira que, já no finalzinho daquele encontro, foram sentar-se ali na escadaria da Casa de Maria para fazerem pela primeira vez o seu diário espiritual.

Nossa gênese é a Palavra de Deus, especialmente dentro desse método, “A Bíblia foi escrita para você”, que compus pensando especialmente nos jovens: a maneira de riscar a Bíblia, de escolher a promessa, a ordem, o princípio eterno... Tudo foi pensado para que, de forma jovem e dinâmica, pudéssemos buscar a mensagem de Deus para cada um de nós.

E o resultado foi tão espetacular que pudemos testemunhar uma multidão de jovens fazendo o seu estudo da Palavra todos os dias!

Entre os princípios que propus aos jovens, citei: “Sem Bíblia não tem café”. Ou seja, se a pessoa dormia demais e acabava sem tempo de fazer o estudo bíblico, então ia para a escola ou para o trabalho sem café. “Sem Bíblia não tem café” era severo, mas era interessante ver como os jovens aceitavam.

Havia também aqueles que trabalhavam, estudavam e chegavam tarde em casa. Para eles, havia outro princípio: “Sem Bíblia não há cama”. Então víamos uma multidão de jovens, à noite, depois de tudo que fizeram durante o dia, sentados

na própria escrivaninha, às vezes na mesa da cozinha, ou até mesmo na cama, fazendo seu estudo bíblico.

Os pais começaram a ficar admirados com aquilo, e alguns deles começaram a dizer: “Nossos filhos vão ficar loucos, porque estão estudando a Bíblia”. Mas não ficaram loucos, é claro. Ficaram loucos por Jesus.

No método “A Bíblia foi escrita para você”, a nossa gênese é a Palavra de Deus. Por que eu insisto nesse método? Porque foi algo inspirado por Deus, não algo simplesmente inventado. E se Deus nos inspirou, temos que abraçar a inspiração.

Eu sei que existem outros métodos, como a *Lectio Divina*, talvez até considerada mais intelectual, mas não sei se é mais eficaz. Para os jovens, principalmente jovens dinâmicos como os que vemos na Canção Nova, devemos apresentar métodos criativos, jovens, como o “A Bíblia foi escrita para você”.

Que Deus ponha vergonha na nossa cara, que façamos o “A Bíblia foi escrita para você” todos os dias e que o ensinemos a muitos, e esses muitos possam também se tornar loucos por Jesus, como vi acontecer com aqueles jovens no início do nosso movimento.



# Canção Nova: casa de sacrifício e misericórdia

Celiane Ramos

**A** MINHA FAMÍLIA SEMPRE FOI uma família de Deus. Até a minha entrada na Canção Nova, nós já éramos muito ativos na Igreja; meu pai um pouco menos, mas minha mãe sempre nos levou às missas de domingo e sempre nos incentivou a sermos catequistas.

Mais tarde, em 1980, conhecemos a Renovação Carismática e também a Canção Nova e o padre Jonas, pelo qual nós fomos formados. Nessa época, éramos sócios da boa semente, fazíamos doações mensais e recebíamos uma pregação do padre Jonas.

Ao ouvirmos as palestras, que, na época, eram em fitas cassete e vídeos, replicávamos na nossa paróquia e fazíamos uma experiência de oração, na qual falávamos de Deus, do pecado e da salvação. Da mesma forma, a família do Mazinho (atual marido, na época namorado) também fazia, pois éramos do

mesmo grupo de oração e nossa casa ficava a três quarteirões de distância uma da outra.

Vivemos juntos com Monsenhor Jonas e não perdíamos nenhum acampamento, que acontecia em São Paulo. Saíamos de madrugada para chegar bem cedinho, e neles testemunhávamos muitas curas e muitos milagres.

Monsenhor Jonas também pregava pelas dioceses para dirigentes de Renovação e coordenadores de grupos, e, como eu já fazia parte da coordenação da minha cidade, vivi minha adolescência ouvindo as palavras do Monsenhor, pois, na época, eu tinha apenas 17 anos.

Meu desejo de ser toda de Deus surgiu em meu coração desde os 5 anos de idade, pois já nessa época eu dizia que queria ser freira. Depois eu fiz um teste vocacional e, de fato, eu tinha razão, minha vocação era ser religiosa. Porém o Mazinho entrou na minha vida e a história mudou de rumo.

Nós sempre cultivamos esse desejo de fazer parte de uma comunidade, porém nunca imaginávamos estar na Canção Nova, mas, sim, em uma comunidade da nossa paróquia. Quando solteiros, éramos muito ativos dentro da Igreja, e isso não mudou quando nos casamos. O fato de formarmos uma família não nos tirou da Igreja. É claro que, com a chegada das nossas filhas, nosso ritmo diminuiu um pouco, pois elas exigiam nossos cuidados.

Entramos para a Comunidade Canção Nova em 1997. Lembro-me do enorme anseio que havia no meu coração, mas tive que esperar o Mazinho também senti-lo. Em 1995, esti-

vemos pela primeira vez aqui, e quando pisamos na chácara, Mazinho disse: “Acabou a procura, aqui é o nosso lugar”. Imagina a minha alegria ao vê-lo dizer isso.

Então começamos nosso caminho na Comunidade e tudo aconteceu muito rápido. Fomos um dos últimos casais a entrar, já casados, para a Canção Nova. Em 1996, fizemos caminho, e, em 1997, fomos chamados para vir para Cachoeira Paulista. Tivemos apenas um mês para arrumarmos tudo e virmos para cá: vender a nossa casa e a nossa empresa, pagar as nossas dívidas e entregar a nossa vida para Deus.

Dentro da Comunidade, passamos por um longo processo de cura, eu principalmente, pois precisava de uma grande cura na minha vida afetiva, pois, na minha infância, eu havia sido molestada pelo meu tio-avô. Graças a Deus esta violência não chegou a ferir a minha virgindade, mas me trouxe muitos traumas e medos. Porém na Canção Nova tudo isso foi curado e eu aprendi a renunciar às minhas vontades, o que me fez crescer cada vez mais.

Em 1999, fomos remanejados para Londrina/PR. Nessa época, deixamos tudo e levamos apenas o que cabia no carro, o que foi uma luta da minha cabeça com o meu coração. Minha cabeça me dizia: “Coloca tudo em um caminhão e leva embora seus móveis novinhos”, mas meu coração falava: “Deixa tudo, seja livre”.

Então, um dia, andando pela chácara, encontrei com Monsenhor Jonas e começamos a conversar, e ele me disse: “E aí, minha filha, como estão os preparativos para a mudança?”.

E eu respondi: “Uma briga entre minha cabeça e meu coração”. E ele me perguntou: “Como assim?”. Então expliquei o que estava acontecendo. E ele novamente me perguntou: “Você vai obedecer à sua cabeça ou ao seu coração?”. E eu logo respondi: “Meu coração”.

Como Deus nos forma nas pequenas coisas, quando chegamos a Londrina, o móvel mais velhinho que ganhamos foi um rack. Então, nesse momento, eu entendi o que Deus estava querendo fazer comigo, já que, ao trazer a mudança, não queria deixar o meu rack para trás. Tudo na casa estava combinando: o carpete verde, o sofá bordô, a cortina azul. Tudo como eu gostaria que fosse. Nessa hora Deus estava me ensinando que Ele era a única propriedade dentro da Canção Nova.

Tive que aprender a trabalhar fora de casa, na Fundação, e com isso deixei de fazer algumas coisas das quais eu gostava muito. Como antes eu só cuidava da casa, gostava de encará-la todos os dias, porém tive que aprender a priorizar mais minhas filhas, o Mazinho e meu descanso. Minha casa continuava organizada, porém sem excessos, pois Deus me deixou somente o essencial.

Dentro da Comunidade, em 1998, Mazinho ficou diabético, e eu tive que retirar a vesícula e quase morri de cirrose hepática. Depois tive que operar a minha cervical, porque estava perdendo os movimentos do braço direito. Tive também um câncer de mama, mas antes minha filha Jéssica teve hepatite autoimune e o Mazinho teve câncer. Diante de todas essas dificuldades, Deus foi nos ensinando a confiar e acreditar Nele em tempo integral.



Não foi fácil, mas eu vi Deus nos ensinando a ter misericórdia e compaixão do povo diante dessa realidade.

Como é importante para nós, que vivemos dentro da Canção Nova, sentirmos as dores do nosso povo, porque passamos a olhar para as outras pessoas com outros olhos. Queremos acolhê-las, estar junto delas e rezar as suas dores.

E nós vivemos toda essa realidade, principalmente as mais dolorosas, depois que o Monsenhor Jonas escreveu o documento que diz que a Canção Nova é a casa do sacrifício, a casa da Misericórdia. Diante dessa realidade, olhando o documento e o lendo, principalmente quando ele fala dos sofrimentos como visita forte de Deus, minha alma teve gozo de dizer que Deus estava me tirando de um tempo no purgatório, e uma alegria invadiu o meu coração. Não vou negar que, quando começamos a enfrentar essas realidades, eu entrei em profunda angústia, a ponto de olhar para mim e dizer: “Mas quem sou eu? Que mulher de fé sou eu, tão baqueada assim, sem esperança, com medo de Deus?”, e passei por uma síndrome de pânico, chegando ao esgotamento físico, porque não dormia, e, como consequência, cheguei ao esgotamento emocional, e, assim, a uma depressão.

Eu cheguei a me perguntar várias vezes onde estava minha fé, mas Deus, na Sua infinita bondade, lembrava-me de que Jesus é Deus e sabia que seria flagelado, crucificado, mas que iria ressuscitar. Porém, mesmo assim, Ele sentiu uma enorme angústia, sentiu-se abandonado por Deus. Então eu descobri que tudo o que eu estava sentindo era normal, que não era falta

de fé, mas, sim, o momento de juntar tudo o que eu estava vivendo com o que Jesus também havia vivido.

Nós pudemos presenciar o milagre. A situação do Mazinho foi muito delicada, a Comunidade, o Brasil e até pessoas fora do país rezavam por ele. Sentimos a beleza de ver que as pessoas perceberam que somos como elas, que passamos por sofrimentos e que a oração tem um grande poder. Nós nos preparamos para que Deus realizasse a Sua vontade na nossa vida, e Ele trabalhou durante todo esse tempo de doença pelo qual nós passamos e nos ensinou a ter a mesma fé que os jovens, quando foram jogados na fornalha, tiveram. Nunca corremos atrás de Deus por causa da cura, mas queríamos acreditar que aconteceria o melhor.

Nós tivemos a graça de o Mazinho permanecer entre nós. Foram dias de lutas, pois em dez dias foram feitas várias cirurgias, que se complicaram muito. E, ao chegarmos a Cachoeira Paulista para nos encontrarmos com os responsáveis de missão e com o Monsenhor, ele nos disse: “Oh Mazinho, meu filho, quem diria que eu ia vê-lo aqui e deixá-lo abraçar a ressurreição de Nosso Senhor. Era para você estar morto, porém Deus não quis”.

Desde minha adolescência, eu escuto o Monsenhor profetizar, porém hoje estou vendo acontecer em nossa vida. Não há como não acreditar naquilo que ele fala. Como homem, eu conheço suas fragilidades e sei que ele não é perfeito, mas sei também que ele é santo, e isso é motivo para nos mantermos em pé.

Esse foi um grande sinal de Deus na nossa vida e o testemunho para todos. Minha família ama o Monsenhor como

se também fossem membros da Comunidade, tanto da minha casa como da casa do Mazinho. Nós tivemos muitas graças, e eu acredito que ainda teremos muitas.

Deus tem nos melhorado nesses anos, principalmente pelas renúncias. Eu, particularmente, tenho as experimentado desde o início do meu caminho. Em todos os momentos que eu quis sair da Comunidade, Deus falou comigo.

Dou minha vida com muita alegria, não sem dor ou sem lágrimas, mas sabendo que aqui é o meu lugar, junto de Deus. Ele sonhou que eu estaria aqui. Eu nasci Canção Nova e somos muito felizes. Todo o vazio que eu sentia antes de vir para a Comunidade foi preenchido com o carisma Canção Nova. Temos visto milagres no nosso interior feitos pela ação do Espírito Santo, e assim vamos caminhando, até chegar ao Céu.

A Canção Nova é escola de santos, e com o reconhecimento Pontifício isso se confirmou. O que vivemos aqui é capaz de nos fazer alcançar a santidade. Eu louvo a Deus por estar nessa escola. Dela eu só sairei para morar no Céu: da Canção Nova da terra para a Canção Nova do Céu.



# Canção Nova: essência da graça de Deus

Graça Melro

**E**U ENTREI PARA A Canção Nova em 10 de janeiro de 1993. Como sou uma pessoa muito ativa, sempre rezei muito, mas nunca havia tido a experiência que tenho hoje na Canção Nova: ver a graça de Deus na vida do povo e vê-Lo agora na vida das pessoas. Isso é muito rico para mim.

O que me deixa mais feliz é ver o povo sendo transformado, sendo curado e mudando de vida. Quantas graças, quantas mudanças de vida, curas e transformação eu vi acontecendo na vida do povo. Antes, como eu trabalhava muito, não conseguia tocar nessa essência. Mas depois que eu entrei para a Canção Nova, eu experimento muito essa realidade.

Quando comecei na Comunidade, eu trabalhava na Rádio com locução e produção, o que me proporcionou a alegria de trazer a devoção à Divina Misericórdia e rezar com o povo. Nessa época, só tínhamos o padre Jonas e o frei Jorge, e até a

## *Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

celebração da Palavra eu fazia e também ajudava na liturgia. Desde o início, eu nunca fui uma pessoa de fazer uma coisa só, sempre começo fazendo uma coisinha e depois vou fazendo mais e mais.

Eu testemunho não só a graça de Deus em minha vida, mas também na vida da minha família, que, mesmo não vindo muito à Canção Nova, acompanha as missas, os acampamentos, as orações, e, assim, é transformada e curada.

Meu chamado à Canção Nova aconteceu em um encontro no Rio de Janeiro com o Monsenhor Jonas, em 1984, em uma igreja situada na cidade de Laranjeira, onde ficava a Comunidade. Nessa época, eu viajava e estudava muito. Já tinha feito uma faculdade e estava com a intenção de fazer outra.

Então, certo dia, falei com o Bispo de Niterói, Dom Carlos, dizendo que queria ajudá-lo. Ele, então, pediu-me para procurar o padre da paróquia. Fui ao seu encontro e ele me disse que eu já ajudava muito, pois, na época, eu fazia parte do grupo de oração, participava das vigílias, fazia curso da Bíblia e catequese.

Eu pensava como iria largar tudo isso e ir embora para outra cidade. Mas chegou uma época em que eu não podia mais me esconder. Certa noite, tive um sonho, como o de Samuel, no qual eu ouvi alguém me chamando. Levantei e perguntei à minha mãe o que ela queria, porém ela me disse que não havia me chamado. Voltei a dormir e novamente escutei alguém chamando pelo meu nome. Nesse momento, acordei e disse a mim mesma: “Não vou mais me esconder de Deus. Já estou fugindo Dele há cinco anos”.

Naquela manhã, prometi a Deus que se alguém aparecesse em minha casa falando da Canção Nova, eu iria. E nesse dia apareceu uma amiga com uma passagem para a Canção Nova, dizendo que havia sobrado um lugar no ônibus e que já tinha até colocado meu nome na lista de viagem. Ali tive a certeza de que eu realmente não poderia mais me esconder de Deus.

O padre Jonas é um exemplo para mim. Ele me leva para perto de Deus e me faz ter diversas experiências com Ele através da Palavra. Ele é um exemplo que eu sigo. Vejo nele um modelo, um exemplo a ser seguido. Tenho um grande carinho pelo Monsenhor. Ele é meu pai espiritual, é meu fundador que amo muito.





# Canção Nova: lugar de bênção de Deus

Nascimento

**A** CANÇÃO NOVA É PARA mim um lugar da bênção de Deus, onde sou e me sinto muito amado por Ele.

Conheci a Canção Nova com 16 anos de idade, através do Monsenhor Jonas, no Maranathá, em uma época em que eu estava enfrentando problemas difíceis de família, uma vida vazia, sem sentido, trabalhando, estudando, bebendo muito e necessitando de um verdadeiro sentido para a minha vida.

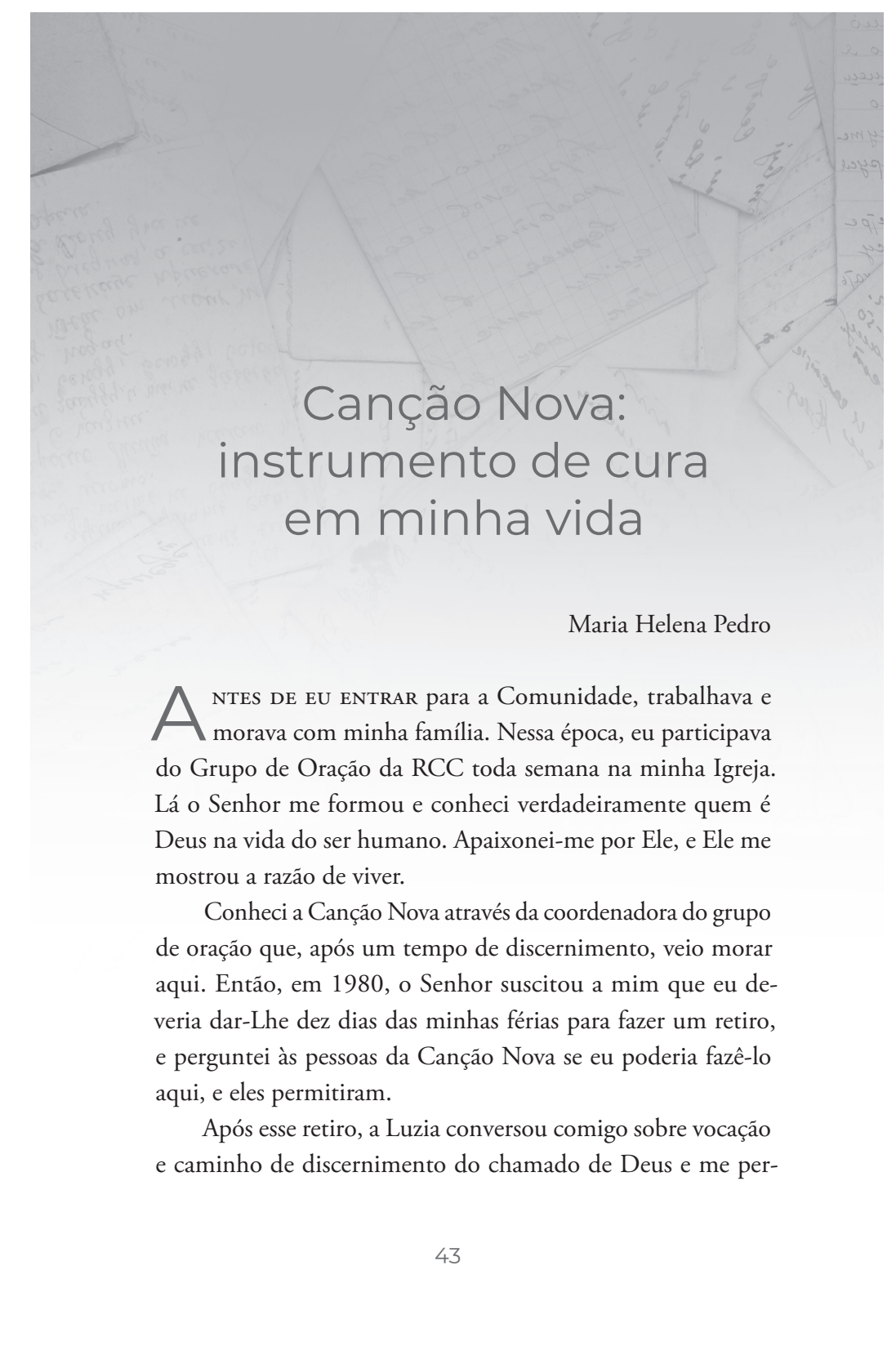
Por causa da bebida, perdi muitos amigos, mas a Canção Nova me resgatou e me livrou da mesma morte. Hoje tenho 61 anos, sou casado há mais de 38 anos, sou pai de quatro filhos e avô de dois netos e uma neta.

Foi a partir do Maranathá que Jesus manifestou a graça de Deus na minha vida, pelo batismo no Espírito Santo. E foi pela participação no catecumenato com o Monsenhor Jonas que conheci a Canção Nova, ainda no seu início, quando ele

## *Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

fez a pergunta: “Quem quer deixar tudo e dar um ano de sua vida para viver em Comunidade?”. Muitos foram os escolhidos, naquele momento, para a obra de Deus, e outros foram chamados ao longo do caminho, no tempo de Deus.

Na Canção Nova, encontrei e assumi o meu chamado, vivendo minha vocação de ser e viver em Comunidade. Hoje sou missionário e consagrado no carisma Canção Nova.



## Canção Nova: instrumento de cura em minha vida

Maria Helena Pedro

**A**NTES DE EU ENTRAR para a Comunidade, trabalhava e morava com minha família. Nessa época, eu participava do Grupo de Oração da RCC toda semana na minha Igreja. Lá o Senhor me formou e conheci verdadeiramente quem é Deus na vida do ser humano. Apaixonei-me por Ele, e Ele me mostrou a razão de viver.

Conheci a Canção Nova através da coordenadora do grupo de oração que, após um tempo de discernimento, veio morar aqui. Então, em 1980, o Senhor suscitou a mim que eu deveria dar-Lhe dez dias das minhas férias para fazer um retiro, e perguntei às pessoas da Canção Nova se eu poderia fazê-lo aqui, e eles permitiram.

Após esse retiro, a Luzia conversou comigo sobre vocação e caminho de discernimento do chamado de Deus e me per-

guntou se eu gostaria de fazê-los. Logo eu aceitei. Esse caminho era durante dois anos, por telefone, visitas e cartas. Porém eu sentia que Deus estava trabalhando dentro de mim de forma acelerada, e em 1981 surgiu um encontro vocacional com o padre Eduardo na cidade de Campinas. Padre Jonas viu nesse encontro que era uma boa oportunidade para chamar todos os candidatos à Canção Nova.

Enquanto eu me preparava para ir ao encontro, tive a certeza absoluta de que eu estava preparada para morar na Canção Nova e fazer o encontro vocacional. Sendo assim, fiz todos os preparativos, segundo a inspiração de Deus: deixei minha família, que eu tanto amo, o Grupo de Oração e meu trabalho, e preparei todo o enxoval.

Ao chegar à Canção Nova, reprovaram a atitude que tive de pegar tudo e já vir com a mudança para cá, porém, quando terminei o Retiro Vocacional, que durou uma semana, pediram-me para falar com o padre Jonas e dizer-lhe tudo o que Deus tinha para fazer em mim e o que Ele já havia feito.

Enquanto o padre me dizia que eu não poderia ficar, pois eu ainda não sabia se tinha realmente vocação para morar na Comunidade, eu ficava imaginando voltar para Uberaba, para minha família, continuar minha vida, voltar para minha igreja e para o meu Grupo de Oração, arrumar outro emprego e nunca mais mexer com essa história de caminho vocacional. Mas o padre Jonas, que é dócil ao Espírito Santo, disse-me para ficar na Canção Nova e se, no final, eu percebesse que esta vida de

Comunidade não era para mim, eu deveria pegar a minha mala e voltar para minha casa.

Cheguei à Canção Nova no dia 30 de abril de 1981, e já são trinta e nove anos que eu moro aqui. Posso dizer com toda a certeza que sou muito feliz e não me arrependo de Deus ter me colocado aqui dentro.

Ter encontrado meu lugar, o chamado de Deus na minha vida, foi uma graça recebida. Vi também as graças de Deus nas minhas irmãs, que se casaram com homens bons e tementes a Deus, sempre buscando viver o amor e a harmonia de Deus da melhor forma possível.

A Canção Nova é um instrumento em minha vida de milagres e curas, e o padre Jonas sempre foi muito cuidadoso com todos que vivem aqui, trazendo sempre pessoas capacitadas para nos formar.

Diante de tudo o que eu já relatei nessas linhas, trago também um testemunho de cura física e o milagre de Deus na minha vida. Durante dezessete anos, eu sofri com uma gastrite muito severa e, de tempos em tempos, eu precisava fazer endoscopia. E logo desenvolvi uma úlcera no estômago.

Então, em quarenta dias, o médico marcou a minha cirurgia e me passou todos os remédios para aliviar as dores, que eram intensas. Porém, a missão em que eu morava ficava no Rio de Janeiro e todos os remédios ficariam muito caros. Como eu não tinha dinheiro, comprei apenas os comprimidos e, dando um passo na fé, dividia-os em dois, para economizar.

Durante esse tempo, tomei os remédios, e os irmãos de Comunidade oravam por mim e faziam novenas. Após esse tempo, como eu não sentia mais dores, voltei ao médico na data da cirurgia e fiz uma nova endoscopia. Para a graça de Deus, a ferida no meu estômago estava cicatrizada.

Outo fato marcante para mim foi quando o padre Jonas me remanejou para Cachoeira Paulista. Ali senti que eu estava saindo da Comunidade e pedi ao Padre que me desse um tempo para me acostumar com a ideia de sair de Queluz. Então ele, com sua docilidade a Deus e amor aos membros, deixou-me pelo tempo do qual precisei, já que essa mudança tinha me apavorado.

Na Canção Nova, descobri uma certeza: eu encontrei o lugar que Deus criou para mim desde sempre para a realização de uma missão. Pois, antes de ingressar na Canção Nova, eu vivia uma vida de incertezas, medo das minhas decisões, mas hoje eu não duvido que o Senhor me deu a coragem de tomar esse grande passo e vir morar na Canção Nova, permanecendo nela por todos esses anos.

# Canção Nova: caminho para a santidade

Danúbia Gleisser

**C**ONHECI A CANÇÃO NOVA quando eu tinha 12 anos de idade, por meio de uma amiga chamada Denise, cuja família era muito católica e sempre fazia excursões para lá.

Nesse tempo, como eu estava tendo muitas influências protestantes, pensei até em mudar de religião, mas a ordem da minha mãe foi bem clara: “Não abandone Nossa Senhora”.

A Denise, percebendo que eu estava frequentando cultos evangélicos e ouvindo muitas músicas gospel, falou-me sobre a Canção Nova e que tinha alguns CD’s de músicas católicas que poderia me emprestar, pois, para mim, era algo que não existia.

O primeiro CD que ouvi foi o do Cantinho da Criança e achei um máximo ter músicas católicas gravadas em CD. Desde então, a Canção Nova começou a entrar na minha vida. Então Denise começou a gravar as pregações dos Acampamentos de Oração para eu assistir, pois na minha casa ainda não tinha

antena parabólica. Na Canção Nova, aprendi mais sobre a Igreja Católica, e posso dizer, com toda a certeza, que foi graças a esta Comunidade que não mudei de religião e aprendi a riqueza do que é a Igreja.

Com o passar do tempo, comecei a vir, todos os anos, em excursão. Esse foi um dos motivos pelos quais tirei o RG apenas com 13 anos de idade. Após oito anos vindo nesta obra de Deus como peregrina, senti o chamado para ser missionária, e, estando hoje na Comunidade, percebo que ela não precisa de mim, mas eu preciso dela, pois, por meio dela, o Senhor tem me levado a percorrer um desafiador, alegre, transformador e libertador caminho para a santidade.

Sempre fui uma menina muito obediente aos meus pais, educada e estudiosa, porém chegou um tempo na minha vida em que eu desejava dar sentido à minha existência e saber mais sobre Jesus. Então, aos 14 anos, conheci o método “A Bíblia no meu dia a dia”, e desde então não parei de fazer o estudo bíblico. Foi também na Canção Nova que meu amor e minha devoção por Maria foram crescendo e também o interesse em conhecer a vida dos santos.

São muitas as graças que Deus me concedeu. Perceber a vitalidade e a busca dos meus pais por Deus, após eu, filha única, sair de casa, é para mim um milagre. Na minha vocação, percebo cada vez mais que sou parte do cacho que é essa obra de Deus.



# Canção Nova: intervenção de Deus

Terezinha Fonseca

**C**ONHECI A CANÇÃO NOVA em 1988, através da Rádio Canção Nova, e em 1994, passei a fazer parte do seu núcleo. Ela foi o que me deu forças para não desistir.

Nessa época, eu era uma pessoa muito medrosa, tímida e só pensava em mim, nos meus projetos e planos. Porém a Canção Nova me fez perceber que isso não é o mais importante. Claro que não deixo de ter sonhos e planos, porém hoje eles são pautados na vontade de Deus.

Na Canção Nova, casei-me com o Messias e temos três maravilhosos filhos: Natan, Helly e Nubya. Já presenciei diversas curas e intervenções de Deus, inclusive na vida do meu filho, que teve uma fratura craniana num acidente, mas, pela força do Carisma Canção Nova, mantive-me em pé. Presenciei também o grande milagre na vida do nosso irmão de Comu-

nidade Willian Guimarães, o qual, devido a um acidente, já estava praticamente morto e retornou à vida.

Tive também o privilégio de morar em várias frentes de missão do Brasil, sair para pregar em encontros e perceber curas e milagres na vida das pessoas. Isso é maravilhoso e gratificante.

Inúmeras são as graças de Deus na minha vida. Ele realizou e realiza curas, conversão e me leva a cada dia mais querer ser de Deus e me doar mais na missão de evangelizar.

São vários anos de inúmeras conversões, muitos matrimônios que foram renovados quando já estavam completamente destruídos e tantas outras graças desse Carisma que veio e vem de Deus!

# Um conto sobre a providência

Monsenhor Jonas Abib

CERTA VEZ, EU ESTAVA em Assis, fazendo um retiro. As refeições estavam inclusas, mas a sobremesa era paga à parte, na hora. Eu queria muito experimentar um *tiramisù* que eles serviam, uma sobremesa de que eu já tinha ouvido falar, mas que nunca tinha experimentado. E eu só com vontade! Foi então que, no último dia, o senhor que servia no refeitório me ofereceu um potinho inteirinho de *tiramisù*. Teria sido a providência ou meu olho comprido?

Brincadeiras à parte, sei que foi a providência. Na Canção Nova, costumamos dizer que nada é coincidência, tudo é providência. Naquele dia, eu a senti por meio da cortesia daquele senhor ao me oferecer um potinho de *tiramisù*.

A providência estava ali.



# A Providência Divina e o perdão

Tatiana Ferreira

“**A** COSTUMEI MEU CORAÇÃO A confiar sempre e em tudo até o fim” (Padre Jonas Abib).

Aprendi com o Carisma Canção Nova que a Providência Divina rege todos os acontecimentos. Ela nunca nos abandona. Quero aqui testemunhar sua força e atuação em minha vocação.

Meu nome é Tatiana e estou na Comunidade há 22 anos. Desde então, tenho a honra de partilhar a força da Divina Providência por meio do Carisma Canção Nova!

Aos 6 anos de idade, meus pais se separaram e perdi todo o contato com o meu pai. As poucas vezes que o vi na vida foram encontros traumáticos. Em uma das vezes ele estava bêbado e desmaiado na praça da cidade, outra vez em um lixão, no ônibus que eu pegava para dar aula na cidade vizinha, em uma noite de Natal e depois em um supermercado. Cresci apenas me sentindo filha de uma mãe. Eliminei a possibilidade de ter um pai.

Ingressei na Canção Nova em 1998 com esta certeza, e tocar nesta dimensão da história foi muito doloroso. Eu não aceitava ter um pai. Para mim, ele não passava de um homem fracassado que não foi capaz de exercer sua missão. Com as orientações formativas, as orações de cura, os tempos fortes de oração, percebi que era preciso um reencontro, um encontro novo, para assim reencontrar o amor do Pai que estava ofuscado por esta experiência. Após alguns anos desafiadores, fui convencida a correr ao seu encontro.

A providência me levou onde ele estava! Fui a fundo na história do meu pai, encontrei-o em um barraco à beira de um rio e fui descobrindo que ele era bom, um homem de vida sofrida, vítima dos sofrimentos desde sua infância. Um homem que não sabia o que era amor. Eu não tinha o direito de negar a ele o amor que tanto recebi de Deus através da minha mãe e de toda família que me amou de maneira tão grandiosa e concreta.

Comecei a me lembrar dos gestos de amor do meu pai para comigo, os quais foram poucos, apenas durante seis anos, mas tão intensos. Um novo tempo se iniciou! Em um encontro, ele me disse: “Minha filha, que pai, mãe, ninguém impeça você de viver o seu caminho”. Naquele momento, ele não era meu pai, mas um instrumento que Deus usou para me revelar e convencer ainda mais da Sua vontade. Reencontrei meu pai, reencontrei Deus!

Os anos se passaram, e após 22 anos de pertença à Comunidade Canção Nova, meu pai adoeceu gravemente e precisava de um membro da família para cuidar dele. Tenho apenas um

irmão, o qual estava impossibilitado de ajudá-lo. E agora? Só me restou abandonar-me na Providência Divina que rege todas as coisas. Pedi ao Pai Celeste que não o deixasse partir sem experimentar o amor que vem Dele. E que ele contasse comigo.

Foram dias e dias de muita oração, já havia pedido ao Senhor, a Nossa Senhora, ao Frei Galvão e a Madre Teresa uma vaga em um abrigo que eu havia pesquisado chamado “Cristo Redentor”, o qual estava sendo administrado por uma Comunidade amiga: Obra de Maria.

Até que, por meio da Luzia Santiago, uma grande mãe espiritual, e o Gilberto, fundador da Comunidade Obra de Maria, um homem com o coração de Madre Teresa de Calcutá, meu pai foi acolhido gravemente doente, com sérios riscos.

Em meio à pandemia do Covid 19, afastei-me por um tempo para acompanhá-lo! A providência aconteceu! Meu pai reagiu! E hoje está literalmente na companhia do Cristo Redentor, sendo cuidado e amado.

É um verdadeiro milagre contemplado por todos que o viram chegar! Ele está bem e feliz! E eu sigo essa aventura de confiar na Divina Providência que nunca me abandona.

SER CANÇÃO NOVA É BOM DEMAIS!





# Nada é por acaso... Tudo é providência!

Thuany Pinheiro

**P**ARTILHO COM VOCÊ MEU testemunho com a Canção Nova. Meu nome é Thuany Naiara Pinheiro da Silva, tenho 31 anos e sou membro da Comunidade Canção Nova. Sou da cidade de São José do Rio Preto (interior de São Paulo) e casada há 11 anos com Rafael Augusto (também membro da Comunidade), com o qual tenho dois filhos, João (que perdi durante a gestação) e Maria Ester (hoje com 1 ano e 11 meses).

Minha história com a Comunidade Canção Nova começou quando me tornei sócia aos dezesseis anos. Nesta época eu já tinha um grande desejo de evangelizar, de salvar as almas, e me senti movida a contribuir para que a evangelização continuasse a acontecer, pois quem é sócio ganha méritos de evangelizador, já que promove que ela aconteça mantendo-a.

Mas minha experiência mais profunda com o Carisma Canção Nova se deu com a chegada da Comunidade em minha

cidade, São José do Rio Preto, a pedido do bispo Dom Orani João Tempesta (hoje cardeal), no ano de 2004, quando ele pediu e deu abertura para este belo carisma frutificar em nossa região.

Nessa época eu ainda não conhecia a Canção Nova, pois tinha apenas 15 anos. Eu frequentava as missas e ia aos encontros em preparação para o sacramento da crisma por obrigação, era um meio de “trocas”, pois, indo aos encontros, meus pais me deixavam ir a festas, shows, sair com minhas amigas. Nesse tempo eu também tinha umas amigadas que não me levavam para Deus, eram góticos, e assim eu dizia que era também. Sempre gostei muito de ler, e lia livros que não me acrescentavam nada, pois falavam de seitas satânicas, maçonaria e bruxaria. Aos poucos eu estava me perdendo e contribuindo para a perdição de minha alma.

Foi então que, no dia 30/05/2004 (domingo), a Igreja celebrava o Dia de Pentecostes e eu fui crismada. No momento em que o bispo D. Orani começou a ungir a testa dos outros crismandos, meu coração começou a pulsar mais forte, parecia que ia sair pela boca, e senti algo estranho. Ao mesmo tempo em que ele pulsava forte, parecia que queimava também, e comecei a chorar. Todos olhavam para mim e não sabiam o que estava acontecendo. Então minha madrinha de crisma começou a me perguntar o que eu estava sentindo, e eu respondi que não sabia identificar, mas eu chorava muito e o meu coração parecia que ia pular para fora do meu peito. Fui para a fila, para ser crismada, e quando cheguei na frente do bispo ele me perguntou o que estava acontecendo, por que eu estava chorando, e eu disse que

não sabia. Ele olhou para mim, sorriu e disse-me que era a ação do Espírito Santo, e me ungiu com o óleo da crisma. Fiquei tentando entender o que o bispo havia me falado, pois já tinha ouvido sobre o Espírito Santo, como Ele agia nos apóstolos, mas não esperava que fosse agir tanto em mim.

Após minha crisma, minha vida mudou bastante. Comecei a gostar de ir à missa e a me engajar em algumas pastorais da Igreja, entre elas: liturgia, catequese, coral, grupo de jovens... Iniciei na pastoral familiar com meu pai e minhas irmãs (pois minha mãe trabalhava à noite), com o Grupo de Oração Resgate – RCC para jovens na Paróquia Nossa Senhora do Brasil.

Conheci a Comunidade Canção Nova após meu Encontro Pessoal com Jesus e meu Batismo no Espírito Santo (no dia de minha crisma), por meio do casal César e Gizele (na época, coordenadores da Pastoral Familiar; depois, fundadores do Grupo de Oração Resgate), que me pediram para ler o livro “Sim, sim, não, não”, do Monsenhor Jonas Abib.

A partir de então comecei a acompanhar as pregações pela TV e os programas de rádio, o qual era recente aqui na minha cidade. Recordo-me de que eu estudava de manhã, e à tarde ouvia a rádio, às vezes até ligava para pedir música e acabava gravando em fitas cassete para eu ouvir novamente.

Nessa época eu sentia muito forte o chamado de Deus, sentia que Ele estava me chamando para ser Dele, para levá-Lo, para anunciá-Lo. Nesse tempo entrei em contato com várias congregações religiosas, em busca de um discernimento vocacional, para identificar esse chamado.

Em 2006 eu tinha começado a namorar o Rafael, hoje meu esposo, e fomos juntos à Casa de Missão da Canção Nova aqui em São José do Rio Preto. Falamos com a responsável do vocacional, mas, como estávamos namorando, não compreendemos direito como faríamos esse discernimento e, então, fomos embora. Nem sabíamos que tinha a pertença do segundo elo, mas sempre mantivemos contato por meio dos produtos da Canção Nova.

Fiquei por 10 anos participando do Grupo de Oração Resgate – RCC, o qual era vinculado à Diocese de São José do Rio Preto-SP, através do qual meu esposo e eu aprendemos a servir: iniciei na intercessão, fui para o núcleo, conduzia a oração, montei o plantão de oração e fiz parte do ministério diocesano de oração por cura e libertação. Eu acreditava que Deus me queria ali, e assim fui seguindo.

Quando passei por um momento de desemprego, em 2013, após rezar e pedir a Deus que me encaminhasse para um serviço, fui chamada para trabalhar em um colégio católico de minha cidade. Na época a coordenadora era da Comunidade Canção Nova, na pertença do Segundo Elo, e ela e seu esposo me convidaram para participar de um acampamento promovido pela Comunidade Canção Nova aqui em São José do Rio Preto. Durante este acampamento, no momento de Efusão do Espírito Santo, pude sentir novamente muito forte a presença de Jesus, como havia sentido no dia da minha crisma, e o que estava meio adormecido em mim veio à tona: o desejo de evangelizar. A alegria de servir e de entender “para quê” Deus

me queria me fez recordar o meu encontro pessoal com Jesus, meu Batismo no Espírito Santo e posso dizer que o dia do meu chamado (dia de minha crisma também).

Naquela época não soube discernir direito, talvez pelas circunstâncias encontradas, e, mesmo assumindo a vocação ao matrimônio para ajudar na salvação do meu esposo, pedi que Deus não desistisse do meu chamado, pois sei que Jesus nunca volta atrás quando Ele chama, mas por um tempo achei que Ele tinha me esquecido.

Comecei a participar do grupo de oração da Canção Nova, e ao passo que me aproximava desse carisma, mais eu sentia a vontade de ser de Deus, de buscar a santidade, de ser formada, de começar o caminho vocacional na Comunidade Canção Nova, em meio ao tempo novo que Deus estava me permitindo viver, mas me coloquei em oração para que fosse uma decisão madura e consciente. Então tive um sonho com o Monsenhor Jonas Abib, no qual ele impunha as mãos sobre a minha cabeça e sorria, e o Rafa, que estava ao meu lado, também sorria para mim.

Nesse dia, ao sair do colégio em que trabalhava, fui me confessar com o Pe. Márcio Prado na Canção Nova, antes da missa, e nesse momento ele, que já me conhecia por estar bem próxima da missão, sugeriu-me fazer o caminho vocacional. Partilhamos um pouco, mas não relatei o meu sonho, e ele sugeriu que eu procurasse a Val (Maria Valdilene), responsável pelo vocacional, para discernir a voz de Deus através do Acompanhamento Vocacional. A princípio, achava que seria egoísmo de minha parte iniciar o caminho vocacional sozinha; afinal, eu

já era casada, mas o Pe. Márcio me explicou que o chamado é individual. Durante a missa realizada pelo Pe. Márcio, ele disse: “nada e ninguém vos impeça de fazer a vontade de Deus”.

Ao término da missa, meu marido foi me buscar e eu contei para ele tudo o que eu estava sentindo e o que eu tinha vivenciado, e lhe perguntei se ele concordava com o fato de eu começar o caminho vocacional, e ele concordou. Falei com a Val em 27/11/2013, dia de Nossa Senhora das Graças, e já iniciei os procedimentos via e-mail para o caminho vocacional. Meu esposo começou a se aproximar da missão e acabou iniciando o caminho vocacional junto comigo. Fizemos três anos de caminho vocacional e entramos na Comunidade no ano de 2017.

Deus tem Seus caminhos, e tudo acontece no tempo previsto por Ele. Não tenho dúvidas de que fui gerada para ser Canção Nova. Eu sou fruto desse belo carisma!

**Ser Canção Nova é bom demais!!!**

# Ser Canção Nova é bom demais

Rosinalva Santos

**M**EU NOME É ROSINALVA Santa Rosa, sou alagoana e membro da Comunidade Canção Nova.

Conheci a Canção Nova através da TV, em 2005. No início, não fui muito com a cara, porque era um canal que só rezava, mas a juventude da Canção Nova foi me conquistando aos poucos.

Eu vivia com um pé no mundo e o outro na Igreja, e a Canção Nova me ajudou a decidir definitivamente por Deus. Vivi uma virada radical na minha vida! De uma pessoa que só ia para a Igreja por obediência aos pais a uma católica fervorosa que decidiu dar a sua vida inteira para Deus. Foi aí que, depois de um tempo de caminhada, tomei coragem e fui fazer o caminho vocacional, em 2008.

Foi um lindo processo de conversação e descoberta de quem eu sou e da minha vocação, porque eu achava que Deus não

havia me escolhido para nada. E foi nesse processo de caminho vocacional, depois o ingresso na Comunidade, em 2001, que pude ver o quanto sou amada por Deus e que Ele me escolheu para ser Sua consagrada, para ter uma vida inteira gasta pela salvação das almas.

Dentro da Canção Nova, Deus foi restaurando em mim a dignidade de filha de Deus e me ajudando a tomar posse dela. O tempo passa rápido, e já faz nove anos que estou na Comunidade. A primeira maravilha que vi foi a minha conversão, coisa que eu achava impossível, e depois a conversão dos meus.

Sempre rezei pelo meu pai e pude contemplar o milagre. Ele faleceu aos 86 anos, quando eu estava no discipulado, etapa de formação inicial da Comunidade. Ele era um homem bom, mas precisava ter um coração mais aberto para Deus. Tive a oportunidade de ir para casa para enterrar meu pai. Chegando lá, minha irmã me falou que, dias antes de ele falecer, ele acordou chorando, chamando por Jesus e pedindo para Ele lembrar os seus pecados, porque ele não estava lembrando e queria pedir perdão. Era um choro que vinha da alma.

Na noite antes de ele passar mal e vir a falecer, minha irmã foi fazer o estudo da Palavra, e eis que foi justo esta: “Não se perturbe o vosso coração. Credes em Deus, credes também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas” (João 14,1-6). Horas depois meu pai faleceu.

Fui até o cemitério e notei que a primeira flor que caiu na cova do meu pai foi uma flor branca. E quando ela tocou o chão, eu ouvi Deus falar no meu coração: “Eu ouvi suas orações. Eu



ouvi suas orações”. Eu já não chorava mais de tristeza, mas de alegria, porque aquilo que pedi tanto para Deus, a conversão do meu pai, Ele concedeu. A dor deu espaço à gratidão, porque Deus salvou o meu pai, dando a ele a graça da contrição dos seus pecados.

Outro milagre que pude contemplar foi a conversão do meu avô materno. Fazia vários anos que ele não falava com seu irmão, rixa antiga, e por causa disso ele guardava uma grande mágoa. Sempre que eu ia à sua casa, pedia para ele voltar a falar com o irmão, porque isso não estava correto. O irmão dele até queria, mas meu avô se mostrava irredutível, porém sempre rezei e falava para Deus que esperava a conversão dele até o seu último dia de vida.

Em um belo dia, eu estava na missão da Canção Nova em Gravatá-PE. Minha irmã me ligou e disse que meu avô havia se reconciliado com seu irmão. Eu pasmei. Não acreditei. Passados mais ou menos cinco dias, minha irmã me ligou falando do seu falecimento. E mais uma vez a dor da perda deu lugar à gratidão de ver meu avô reconciliado com Deus e com seu irmão. Mais do que querer ele aqui na terra, eu desejei ardentemente que ele estivesse junto com Deus. Não pedia para Deus a saúde, nem para o meu pai nem para o meu avô, mas focava no essencial: no Céu. Falava para Deus que não queria vê-los aqui com saúde perto de mim e longe Dele, mas vê-los no Céu, e assim continuo rezando por todos os meus parentes, pois quero ver todos no Céu. E todos são todos!

Na Comunidade também presenciei a “ressurreição” do meu irmão Willian. Somos da mesma turma, entramos no mesmo ano na Comunidade. Em 2016, ele e mais alguns seminaristas sofreram um grave acidente de carro, no qual veio a falecer um deles. O William ficou seriamente ferido, tivemos medo de perdê-lo também, mas a cada dia, diante de cada boletim que recebíamos, fomos contemplando o milagre. Foi pela força da intercessão de cada um que Deus concedeu a graça da recuperação do Willian, do Felipe e dos demais envolvidos nesse acidente.

Só posso dizer que não dá mais para voltar! Ser Canção Nova é bom demais!

# Uma história de fé

Luzia Santiago

**E**TO E EU, RECENTEMENTE, estávamos conversando sobre o dia em que encontraram um dólar na coleta e um cruzeiro lá em Arapeí, depois de Monsenhor Jonas ter feito um apelo por nossa campanha de arrecadação. Isso aconteceu ainda antes de termos a rádio, e a campanha era justamente para comprarmos nossa primeira caixinha de som e o microfone.

Arapeí, se hoje tem por volta de 6 mil habitantes, naquela época não tinha nem 2 mil. Era uma área mais rural, com pessoas simples. Mas quando o Padre, na coleta, fez um apelo para que nos ajudassem, porque nós precisávamos de uma caixa de som para falar para mais pessoas, eles doaram, e junto com as moedas veio aquele um cruzeiro, que, como Monsenhor Jonas conta, uma senhora colocou em seu bolsinho, dizendo que não tinha conseguido colocar na coleta.

No projeto “Dai-me Almas” de 2017, o diácono Nelsinho lembrou a história do dólar, comentando que Deus nos havia dado aquele dólar porque sabia que nós precisaríamos

*Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

adquirir os novos equipamentos de radiodifusão com dinheiro estrangeiro. Nosso Senhor, com aquele dólar, nos falou: “Não tenham medo, pois, seja como for, com a moeda que for, Eu mantereí vocês na fé”.

# São Lourenço e a doação da vida

Monsenhor Jonas Abib

“**E**M VERDADE, EM VERDADE, vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto” (Jo 12,24).

Nessa passagem do Evangelho de São João, vemos que, se o grão de trigo que cai na terra não morre, ele continua só um grão de trigo, mas, se morre, então produz muito fruto.

São Lourenço foi um diácono que viveu em meados do século III e que serviu a Deus na Igreja de Roma. Durante a perseguição do imperador Valeriano, foi martirizado, mas não antes de deixar bem clara sua fidelidade a Deus. Sofreu seu martírio em uma grelha com um braseiro ardente, mas em nenhum momento abandonou a fé, intercedendo por todos. Sustentado pelo Espírito Santo, até chegou a dizer a seus algozes: “Vira-me que já estou bem assado deste lado”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Saiba mais sobre São Lourenço em: <<https://santo.cancaonova.com/santo/sao-lourenco-servia-a-deus-na-igreja-de-roma/>>.

Muitas pessoas podem pensar que a morte de São Lourenço foi inútil, pois ele podia ter escapado. Mas isso não é verdade: sua morte não foi inútil porque ele era uma semente, uma semente de cristãos, tanto assim que, depois de seu martírio, muitos despertaram para o cristianismo.

Tudo que ele enfrentou – uma morte terrível, em uma grelha, com fogo por baixo – foi com fé, até mesmo brincando com os algozes. Passou por algo terrível, mas foi ao máximo, doou-se ao máximo, como um grão de trigo que cai na terra e morre. Por isso, ele nasceu para a vida eterna e tornou-se semente de muitos cristãos daquela época, que viram seu martírio.

No mesmo sentido, nos diz São Paulo: “Quem semeia pouco também colherá pouco, e quem semeia com largueza colherá também com largueza” (2Cor 9,6). Nós, no nosso serviço de missionariedade, se nos pouparmos, colheremos pouco, mas se nos entregarmos ao máximo, totalmente, os frutos serão muitos.

Nós não precisamos ter medo de nos doar, pelo contrário, porque a doação só traz bons resultados. É por isso que aprendemos a nos doar, a não ter tempo para nós mesmos. É por isso que não nos poupamos, que nos doamos continuamente. É isso que Deus quer da nossa parte, e nosso trabalho como missionários precisa ser assim. Nosso trabalho missionário não é uma poupança, pelo contrário, é uma doação contínua.

Na Jornada Mundial da Juventude em Roma, em 2000, havia tantos carros na pequena estradinha, à noite, que os guardas diziam que o lugar estava muito cheio, que não se podia seguir adiante. Mas eu sabia que o que estava acontecendo lá,

a chance de estar com o papa João Paulo II no dia seguinte, era muito importante. Então eu me deitei debaixo da bancada da Rádio Vaticano, peguei a minha Bíblia, fiz dela o meu travesseiro, apoiando nela a cabeça, e dormi.

Quando acordei, vi um espetáculo, porque os jovens estavam acordando também, e, de onde nós estávamos, um local mais elevado, era possível vê-los dormindo embaixo. Parecia verdadeiramente uma ressurreição: os jovens que iam se levantando foram pegando suas próprias roupas, mexendo nas coisas que tinham... Eu disse depois para aqueles que me acompanhavam: “Eu vi uma ressurreição. Eu morri para mim mesmo naquela noite, mas não foi morte, graças a Deus. Eu acordei e pude ver aquele espetáculo”.

Depois, o final da Jornada Mundial, que sempre é uma coisa maravilhosa. Não era emocionante só porque o papa João Paulo II estava lá, ou porque estávamos perto da rádio, bem pertinho dele, mas porque foi um presente de Deus. Eu não me poupei, e Deus se doou a mim. É preciso que cada um de nós aprenda a se doar, seja nas pequenas coisas, seja nas grandes. Quando nós nos doamos, nós ganhamos.

É como dizem as crianças do Instituto Canção Nova: “Quem divide é mais feliz”. Podemos dizer o mesmo sobre a doação: “Quem se doa é mais feliz”.





# Vida fraterna: um dom na Canção Nova

Diácono Nelsinho Corrêa

**O** MEU CONTATO COM A Canção Nova foi na primavera de 1974, com o padre Jonas, em Areias/SP. Comecei a participar do grupo de jovens depois de uma promessa que eu fiz, em Piquete/SP. Lembro-me de que, em setembro, trabalhando na festa de São Miguel Arcanjo, fizemos uma barraca para arrecadar dinheiro para pagar o custo do evento que aconteceria com um tal padre chamado Pe. Jonas. Esse foi o primeiro Maranathá que teve lá em Areias.

Na época, não existia a Canção Nova ainda, pois a Comunidade só nasceu em 1978. Ao conhecer o padre Jonas nesse evento, minha vida foi mudada, e fiquei muito chateado ao vê-lo cantando e tocando sozinho no encontro. Então, no encontro posterior, vim com um violão, mesmo sem saber tocar, para ajudá-lo, e assim comecei a ir aos encontros e, com ele, aprendi

a tocar vilão, a rezar, a pregar, a compor. Tudo o que eu faço de bom aprendi com o Pe. Jonas.

Com quinze anos, eu mudei a minha perspectiva de vida e passei a me dedicar à igreja, especialmente à Canção Nova. Hoje, olhando de trás para frente, o Pe. Jonas cantava, tocava, pregava, arrumava a sala, dava palpite na cozinha, ajudava a empurrar os carros, fazia a logística do evento, ia para a capela e fazia as gravações em um gravador de fita cassete.

Naquele primeiro Maranathá, ele me deu uma aula do que seria cantar, compor, tocar e pregar. Tudo o que acontece hoje nos encontros estava ali acontecendo em uma pessoa, no fundador da Canção Nova, que nem imaginava em um dia ter nas mãos uma TV, uma Rádio, um sistema.

A cabeça aberta do padre Jonas e o acolhimento dele para com as pessoas são características que me encantam. Como ele é extremamente jovem, os jovens o amam, pois ele tem uma capacidade de acolher e de ouvir que é rara. Eu mesmo sempre fui muito acolhido por ele.

Na época em que eu tinha quinze anos, eu animava o cenáculo com ele, e ele me deixava livre, porém sempre atento. Ele não se importava de qual forma as pessoas se vestiam, pois o que ele queria era acolhê-las. E a ousadia do padre em tirar o melhor das pessoas e contar sempre com elas é impressionante.

A pérola da Comunidade é o viver reconciliado, e quando nos desviamos disso, acontecem os problemas, porque são princípios que brotaram da vida, e no meu caso particular é a vida fraterna, uma graça de Deus, e nós, mais antigos, experi-

mentamos muito disso, porque nasceu do nosso dia a dia. A vida fraterna nos refaz e é um dos maiores dons da Canção Nova.

Desde quando comecei a seguir o Pe. Jonas, a minha família percebeu que tinha algo a mais para mim, pois comecei a participar de todos os Maranathás, e onde ele estava, eu estava também. Quando eu vim para Cachoeira Paulista, em 1983, ele disse: “Você já mora aqui, você não sai daqui”. Então a minha família sentiu essa mudança de vida em mim. Eu comecei a evangelizar na escola, na cidade, comecei a compor, participar dos festivais, e assim houve uma mudança muito grande na minha vida e eu passei a ser esse elo entre minha família e Deus.

Fui ser diácono no ano de 2000, e o padre Jonas me olhava como quem queria dizer: “Eu te vi menino, agora estou te vendo diácono da igreja”. E, nessa mudança, meus amigos e minha família foram junto comigo.

Eu aprendi com o padre Jonas a saborear tudo o que ele diz. Quando conheci a Márcia, minha esposa e mãe dos meus filhos, ela era fonoaudióloga; e eu, radialista. Fui fazer um exame e foi constatado que eu estava com tuberculose na laringe. Então, quando vim para cá, devido à minha doença, passei dois meses morando com padre Jonas e dormindo no seu quarto. Ele dormia no chão; e eu, na cama dele, e ali me senti extremamente acolhido como filho.

Poucas pessoas sabem, mas eu fiz um curso de enfermagem e, quando a mãe do Pe. Jonas, avó Josefa, morou um tempo conosco, nos anos de 1984 e 1985, ela estava com um câncer de pulmão e nos revezávamos para passar a noite com ela. No

dia 31 de maio daquele ano, quando ela faleceu, eu estava perto dela e ela dizia: “Ela chegou, olha que linda ela é, ela está vestida de azul, Nossa Senhora está aqui, ela está sorrindo”, e foi descrevendo tudo.

É um privilégio conviver com o padre Jonas. A Canção Nova alcança lugares que nem imaginamos. Um famoso piloto de Fórmula 1 confidenciou-nos que ele gostava muito da música *Não dá mais pra voltar*. Também um deputado me ligou e disse: “Diga ao padre Jonas que gosto muito dele”. Outro dia, um famoso cantor também nos revelou que não se suicidou porque assistiu à TV Canção Nova. E tantas outras pessoas que são tocadas e marcadas por esse carisma, por esse padre. Eu digo, sem medo: “Ai do Brasil se não fosse a Canção Nova, ai do nosso país se não fosse o padre Jonas, porque ele desbravou novas terras”.

# Sou sentinela do meu irmão

Monsenhor Jonas Abib

“**E**M VERDADE VOS DIGO, tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu” (Mt 18,18). Nessa passagem do Evangelho de São Mateus, Jesus se dirige a todos nós.

Conhecemos muito bem aquilo que o Senhor disse a Pedro: “Tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus” (Mt 16,19). São trechos muito semelhantes, mas com uma sutil diferença: no capítulo 16 do Evangelho de São Mateus, Jesus fala no singular, dirigindo-se apenas a Pedro: “Tudo o que tu ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que tu desligares na terra será desligado nos céus”. Já no capítulo 18, Ele fala no plural, dirigindo-se a todos: “Tudo o que vós ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que vós desligardes na terra será desligado no céu”. Pouco antes, ainda no capítulo 18, Jesus fala sobre a correção

fraterna. Ou seja, Jesus está se dirigindo a todos nós para falar sobre o relacionamento fraterno. Se nós desligarmos o nosso irmão aqui na terra, ele será desligado no céu, mas, se não o desligarmos, ele também não será desligado no céu.

Jesus, então, continua: “Se dois de vós estiverem de acordo, na terra, sobre qualquer coisa que quiserem pedir, meu Pai que está nos céus o concederá. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles” (Mt 18,19-20). Esta é uma certeza que Jesus nos dá: onde dois ou mais estiverem reunidos com o mesmo propósito, com a mesma vontade, com o mesmo objetivo, em Seu nome, Ele estará no meio deles. E porque Ele está no meio deles, o que foi pedido será concedido pelo Pai.

Que coisa mais bela! Quando pedimos juntos, com o mesmo propósito, quando fazemos uma oração unânime, Jesus está em nosso meio, e, por isso, aquilo que pedimos será concedido pelo Pai que está nos céus. Isso é muito precioso para nós, é mais uma Palavra de Deus a respeito da eficácia da oração.

No Antigo Testamento, Deus já falava sobre nossa responsabilidade para com nossos irmãos: “Quanto a ti, filho do homem, eu te coloquei como sentinela para a casa de Israel” (Ez 33,7).

Quando Deus questiona Caim a respeito de Abel, seu irmão, ele Lhe responde: “Acaso sou o guarda do meu irmão?” (Gn 4,9). Com Jesus, aprendemos que somos, sim, responsáveis pelos nossos irmãos e respondemos por eles. O que meu irmão é, eu também sou, porque eu sou vigia, guarda, sentinela do meu irmão.

É muito importante para nós, consagrados, que vivemos em comunidade, cumprirmos esse desígnio do Senhor. Não podemos ser como Caim, precisamos fazer o que a Palavra de Deus nos diz. E ela nos diz para sermos sentinelas dos nossos irmãos. Que o Senhor nos abençoe!





# Vida comunitária: um desafio a ser vencido

Jorge Peixoto

**E**U SOU NATURAL DE Guaratinguetá e, antes de vir para a Comunidade, eu já participava de um grupo de jovens na minha cidade. A minha adolescência sempre foi envolvida com os vícios, bebidas, sexo e prostituição, mas quando fui servir o quartel, Deus mudou a minha vida.

Certo dia, participei de um encontro de jovens na paróquia Nossa Senhora da Glória e, nesse grupo, eu comecei a sentir prazer nas coisas de Deus e em servi-Lo. Naquela época, não existia outra maneira de servir a Deus, se não fosse padre ou membro de alguma congregação religiosa. Então esse grupo de jovens começou a participar do catecumenato que o Pe. Jonas estava realizando em Lorena/SP, o qual foi um pedido do Dom João Afonso de Miranda, para que o Pe. Jonas realizasse um trabalho com os jovens, e, durante todo o ano, participamos

desses encontros. No final do ano, o Pe. Jonas fez um apelo para quem quisesse dar um ano da sua vida para Deus.

Naquela época, eu já estava sentindo o chamado de Deus em minha vida para servi-Lo mais de perto e com mais dedicação. Então, quando o Padre fez esse apelo, para mim foi o novo, porém nesse tempo eu já estava envolvido com a equipe vocacional do Seminário Franciscano, em Guaratinguetá, e buscava o discernimento da minha vocação, porque eu já tinha certeza de que queria servir a Deus, mas não sabia como e nem onde.

No final desse primeiro ano de Comunidade, o Padre nos falou que gostaria de fazer mais um ano de experiência e que continuaria com a vida comunitária. Para mim, aquilo foi muito interessante, porque eu estava achando que o meu caminho era o Seminário Franciscano, mas, no final desse mesmo ano, conversando com meu acompanhador vocacional, eu disse que não tinha ainda maturidade para deixar tudo e vir para o seminário. Depois falei com o padre Jonas, e então fomos fazer esse ano na Comunidade em Queluz/SP. Diante do apelo, tive que deixar tudo para trás: emprego, estudo, família, namorada, todos os compromissos sociais.

E no dia 31 de janeiro de 1979, vim para a Comunidade, iniciando a nossa vida juntos em Queluz, na Casa de Maria. O que me deu base para tomar a decisão de entrar para a Comunidade foi o grupo de jovens do qual eu participava em Guará, pois éramos jovens radicais e firmes na nossa escolha, porque, para ser de Deus, precisamos ser radicais. O próprio livro do

Apocalipse diz que não podemos ser mornos, não podemos ser relaxados.

E na Comunidade Canção Nova, Deus foi trabalhando na minha vida, na minha formação, no meu caráter. No começo foi muito difícil o trabalho de Deus em minha vida, mas Ele não desiste de nós, Ele vai fazendo uma obra de arte na pedra dura, vai quebrando de um lado e do outro, tirando as arestas de um lado, a sujeira do outro e, assim, Ele vai realizando Sua obra, e depois de todo o trabalho, deixamos de ser pedra para sermos uma obra de arte de Deus.

Agradeço muito a Deus por ter feito isso em minha vida, pois Ele me pegou duro de coração, teimoso, sanguíneo, e tem transformado de lá para cá. Sei que Ele fez um grande progresso em minha vida. Um dia, na vida comunitária, falei para Deus: “Olha, Senhor, não dá para conviver com tantas pessoas não, é muito chato, é ardido, é horrível”. E o Senhor me disse: “Você acha que é fácil conviver com você também, você pode ser muito mais chato e mais ardido do que elas. Foi por esse irmão que eu derramei o meu sangue, assim como derramei por você”. E assim Deus me venceu nesse desafio da vida comunitária.

Eu vim para a Comunidade com vinte e quatro anos, hoje estou indo para os sessenta e quatro anos. Estamos na faixa dos quarenta anos que deixamos nossas casas, nossas famílias e viemos para a Comunidade, e nesse tempo estamos lutando para viver o carisma e o Evangelho, como nos foi proposto naquele apelo no dia de Santos Reis. Temos nos esforçado, pecando, caindo e levantando, mas temos aprendido que, se erramos uma

vez, não precisamos errar a segunda para aprender. Deus não desisti de nós, somos pedra dura, e Ele vai realizando em nós pela força do Espírito Santo e pela convivência com os irmãos.

Viver o Evangelho é viver o amor, a paciência, a superação, o suportar, e foi para isso que Ele nos chamou para a Comunidade Canção Nova. E vivendo o amor no Evangelho, podemos adorar a Deus. Por isso a Canção Nova recebeu de Deus esse chamado para ser comunidade de amor e adoração, pois quando amamos o irmão, estamos amando a Deus; do contrário, é mentira e estamos iludidos. Quando acolhemos o irmão, estamos acolhendo a Deus, quando acolhemos as dificuldades do irmão, estamos acolhendo a exigência de servir a Deus.

Deus chamou o Pe. Jonas e nós, jovens daquela época, e continua chamando outros tantos jovens a darem sua vida para Deus na Comunidade, nesse carisma que é viver o Evangelho entre irmãos, na igreja, para fecundar o povo de Deus que está espalhado.

A Comunidade é chamada por Deus para espalhar esse amor entre irmãos, esse amor puro, santo, verdadeiro, que cura, que salva e que transforma, esse é o chamado da Canção Nova.

Eu agradeço a Deus por esse tempo todo de Comunidade e por tudo o que Ele tem feito em mim, quebrando as arestas, a pedra dura. E todas as vezes que é preciso, que é necessário, Ele dá mais um toque para aperfeiçoar cada vez mais Sua obra de arte na minha vida, no meu coração, na minha mente. A cada dia Deus vai me conquistando, seduzindo-me, como diz Jeremias. Ele me seduziu, chamou-me e continua insistindo comigo.

Agradeço à Comunidade Canção Nova, que me proporciona a, nesse tempo todo, beber da fonte da graça de Deus junto com o padre Jonas, com os cofundadores e com os irmãos. Estamos em uma mina de águas puras, desfrutamos dela, bebemos da graça de Deus através dela e nos deixamos trabalhar por Deus dentro dela. Porém precisamos cuidar dela, precisamos cuidar da Comunidade Canção Nova assim como em nossa casa cuidamos do que temos.

O carisma precisa ser cuidado, guardado, zelado, para que ele possa fluir e frutificar para transformar corações e dar vida nova aos jovens, aos adultos, às crianças, aos idosos e a todos que vierem à Canção Nova, que é igreja, que é uma companhia de pesca.

Na Canção Nova trabalhamos para Deus e somos trabalhados por Ele. A grande riqueza e beleza do Carisma Canção Nova é essa. O Pe. Jonas é sempre um sinal, um espelho, para nós, de dedicação, de entrega para Deus incondicionalmente. As pessoas nos decepcionam, às vezes, alguns formadores, algumas autoridades, porque são humanos, mas Deus, que é a água viva que vem através dela, nunca vai nos decepcionar, e é dessa forma que seguimos em frente, cuidando do carisma, vivendo-o, doando-se por ele e se deixando ser formado como filho e filha de Deus vitorioso.



# Tempo de reconciliação

Maria Clara Olea

**N**O PERÍODO DO MEU caminho vocacional, ao contar um pouco sobre a minha história, um dos pontos em que fui conduzida a dar passos foi o relacionamento com o meu pai.

Um dos meus maiores temores era um dia entrar para a Comunidade e acontecer de o meu pai ficar doente e me pedirem para ir cuidar dele. No meu coração eu tinha certeza de que não seria capaz de tal ato, tamanha ainda eram as feridas da minha história e as resistências que elas me causavam em relação a ele.

Na etapa de formação inicial, continuei mergulhando na minha história, e, certo dia, em Lavrinhas, o Senhor falou ao meu coração que as reconciliações que vivia ali com os irmãos de turma eram necessárias, mas que ainda me faltava viver este princípio com o meu pai.

Desde então, decidi no meu coração que estaria sempre disposta a tentar, sem saber ao certo se conseguiria, mas com o firme propósito de ser fiel aos Princípios de Vida que neste Carisma me ajudam a viver uma santificação no dia a dia.

A cada ano, o Senhor foi me concedendo a graça de uma aproximação maior com meu pai, até que, em 2019, impulsionada em oração, Deus me dizia que eu não deveria deixar mais para depois, mas que era hora de ir visitá-lo e me apropriar concretamente desta reconciliação. Até então, o único contato que estabelecíamos era o cartão de aniversário que ele me enviava todo ano com a seguinte frase: “Desde aquí a la distancia...”. Então, rompendo com essa distância, foi a primeira vez, depois de 25 anos, que passei meu aniversário com o meu pai.

A Canção Nova, a todo tempo, me leva a avançar na santidade que o Senhor deseja para mim e para os meus! Bendito Carisma que me prepara, em tudo, para a vinda de Jesus!



# Fui transformada pelo Carisma Canção Nova

Izabel Guatura

**T**ENHO 36 ANOS DE Canção Nova. Entrei para a Comunidade com 24 anos e, nessa época, eu já estava formada em Economia.

Eu era uma pessoa extremamente tímida, ainda sou, pois isso faz parte de mim, mas antes eu não conseguia me dizer, revelar-me às pessoas. Quando eu me expressava, costumava ser muito agressiva e acabava agredindo as pessoas com minhas palavras. Eu não sabia expressar meus sentimentos, afetos e, muito menos, recebê-los. Eu não sabia demonstrar amor às pessoas.

O padre Jonas costumava me dizer que eu deveria tirar o muro que havia em minha frente. Então, com os trabalhos formativos que temos na Comunidade, sinto que, aos poucos, esse muro foi sendo derrubado e hoje eu sou uma pessoa completamente diferente, pois eu consigo me expressar e dizer para o outro o que me incomoda.

Recordo-me do dia em que estive na casa dos meus pais e dei um beijo no rosto do meu pai, o primeiro beijo que havia dado nele. Ele me olhou assustado, como se não tivesse entendido o meu gesto. Percebi, então, que o que Deus estava fazendo em minha vida refletia também na vida da minha família, pois ela também teve um encontro pessoal com Deus. Hoje minha mãe é uma pessoa orante, uma mulher de Deus.

Lógico que há ainda muitas coisas a serem realizadas em mim e na minha família, mas percebo uma enorme mudança entre a pessoa que chegou à Canção Nova e a pessoa que eu sou hoje.

Com relação à minha fé, sempre vi o padre Jonas como um homem extremamente grande na fé, e isso mexia muito comigo. Posso citar vários exemplos de como a fé do padre Jonas move a Canção Nova.

Quando tivemos que comprar a televisão, eu estava lá no dia, datilografei todas as promissórias para serem pagas, mês a mês. Cada promissória que eu datilografava, eu gelava por dentro, pois eu sabia que não tínhamos dinheiro para pagar, porém eu via o padre Jonas numa alegria só e extremamente confiante em Deus.

Outra experiência que tive ocorreu quando os transmissores da Rádio queimaram e ficamos sem a Rádio. Fizemos o projeto “Neemias” para comprar transmissores novos, porém Deus não nos deu apenas transmissores novos, mas também os outros aparelhos que teríamos que comprar depois.

Quando morávamos na cidade, pois antigamente não tínhamos a chácara, mas, sim, apartamentos que ficavam no centro de Cachoeira Paulista, as meninas e eu estávamos com muita vontade de tomar sorvete. Então fui perguntar ao padre Jonas se ele tinha o dinheiro para nos dar. Foi quando ele abriu a carteira e nos deu todo o dinheiro que tinha lá dentro, que, na época, era uns cinco reais.

Padre Jonas sempre deu tudo o que tinha para a missão, e hoje não é diferente. Ele é uma pessoa totalmente desapegada de coisas materiais. Tudo o que ele possui é para Deus e para a evangelização. Isso faz parte do nosso carisma, do nosso chamado.

Ser missionário também me transformou muito, pois aprendi a não me apegar a nada e a ninguém. Estou pronta para cada remanejamento. Para mim, o conselho é a voz de Deus, e se ele diz que precisa de mim em algum lugar, sinto que é Deus me pedindo para ir. Eu sou chamada a dizer sim. Deus usa as pessoas que estão ao nosso lado para nos transformar em pessoas melhores, para nossa conversão diária e como missionários. Somos chamados a nos converter até o último dia da nossa vida.

Eu sei que não estou pronta e não sei se estarei pronta no dia em que Deus me chamar, mas até o último segundo da minha vida eu quero ser fiel, fazer a vontade de Deus e estar onde Ele quer que eu esteja. Eu quero dizer sim a Deus, à Sua vontade.

Não é a Canção Nova que precisa de mim, mas sou eu quem precisa da Canção Nova, pois através dela faço a vontade

*Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

de Deus e sou aquilo que Deus quer. A Canção Nova é uma obra que nasceu do coração de Deus, e seu carisma é santo.

Vou buscar viver este carisma até o último segundo da minha vida, porque ele é imenso, infinito e nasceu de Deus.

Eu quero ser Canção Nova até o meu último respirar e sempre fazer o que ela precisa. Assim sentirei que vou estar dentro da vontade de Deus para a minha vida.

## Arriscar na fé

Monsenhor Jonas Abib

“**A**BRAÃO CREU EM DEUS, e isso lhe foi levado em conta como justiça” (Rm 4,3). São Paulo, na Carta aos Romanos, fala sobre Abraão, cuja fé sempre me deixou admirado. Abraão estava instalado no seu lugar, com sua família. Tudo estava ajustado com seu pai e seus irmãos, mas Deus lhe diz para deixar tudo e ir para a terra que Ele lhe indicaria. E Abraão acredita e vai. Ele não via nada, especialmente uma terra toda, mas seguiu na direção indicada, pois acreditava, e é isso que a Carta de São Paulo destaca. Embora ele lá estivesse, a terra não era dele, era dos outros, mas, passado um tempo, a terra tornou-se de Abraão.

Outra coisa que Deus prometeu a ele foi uma geração infindável. Sua esposa, Sara, era estéril, mas eles tiveram um filho, Isaac. E veja que bonito: a partir de Isaac, vem a descendência de Abraão até hoje. Como diz a Palavra, ele é pai diante de Deus porque creu no Deus que vivifica os mortos e faz existir o que antes não existia.

Quando Isaac já estava mais crescido, Deus disse a Abraão que levasse o menino ao monte Moriá e lá o sacrificasse. Abraão acreditou e obedeceu, por isso a observação de São Paulo de que Deus é Aquele que vivifica os mortos. Abraão obedeceu porque acreditava nisso. Mesmo que ele sacrificasse, matasse o seu filho, Deus, com Seu poder, o ressuscitaria.

Essa é uma fé a toda prova, e é justamente uma fé assim que Deus pede de nós. Graças a Deus, temos vivido esses 40 anos de Canção Nova da fé, e tudo aquilo que foi sendo feito, tudo aquilo que foi sendo construído, é resultado da fé. Nós acreditamos, e, acreditando, as coisas foram acontecendo.

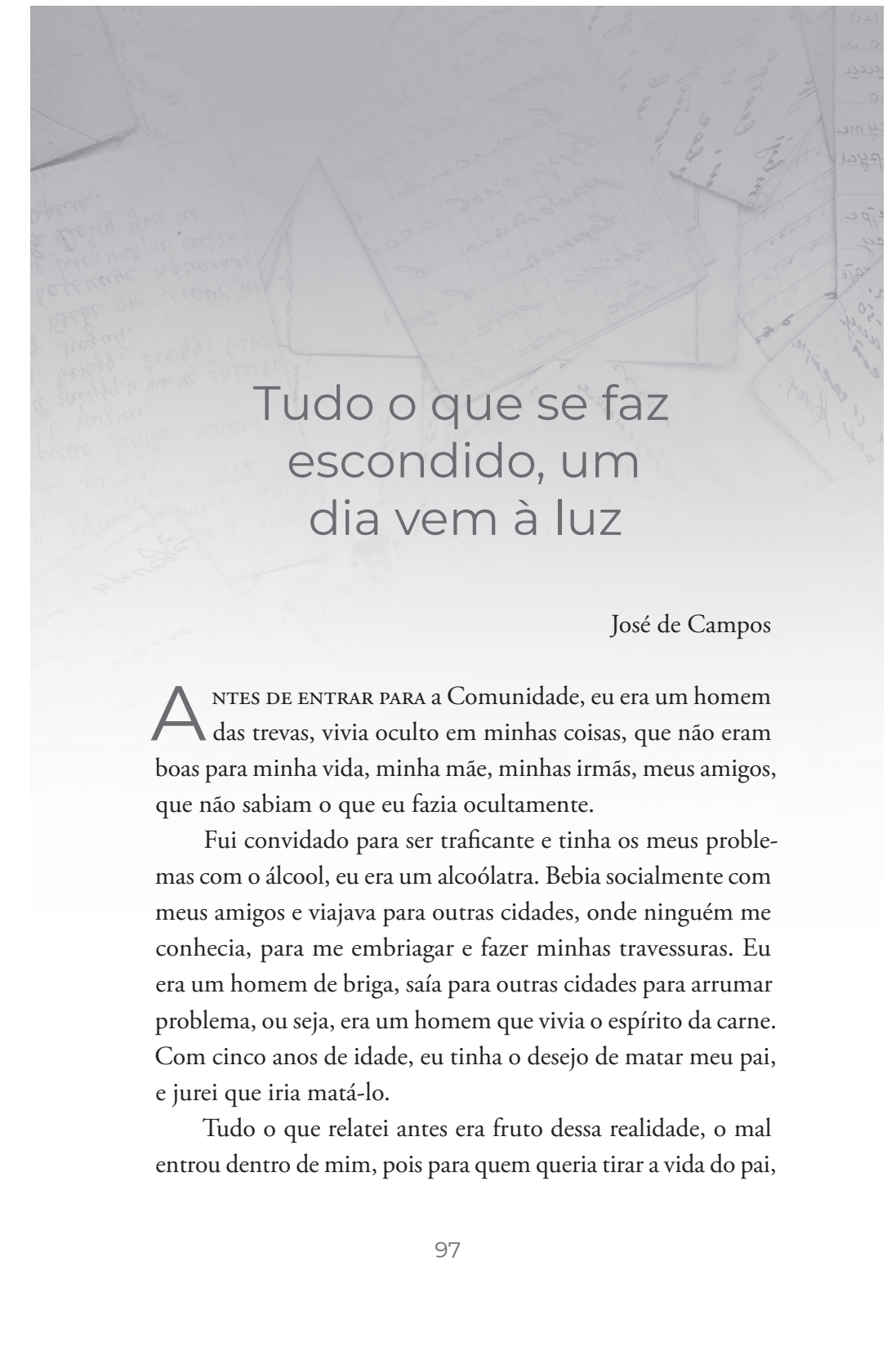
Eu me lembro bem de quando, no dia 24 de junho de 1977, ia acontecer o primeiro encontro de jovens. Um pouquinho antes de o encontro começar, lá onde tinha aquela casinha atrás do dormitório para rezar, em Queluz, a Luzia chamou nossa atenção para o céu estrelado. Realmente estava muito estrelado, e eu disse para ela que nós teríamos uma geração tão numerosa quanto aquelas estrelas do céu. Quando eu poderia imaginar que nós teríamos uma Canção Nova, comunidade com tantos, com tantas centenas, hoje mais de milhares de membros, tudo pela fé? Nós acreditamos e Deus fez.

E eu digo que nós precisamos continuar acreditando e vivendo da fé! Se nós fôssemos viver da técnica, se fôssemos viver acreditando no “ $2 + 2 = 4$ ”, nós não sairíamos do lugar. Mas é de acordo com o sistema de Deus que nós vivemos. Não estou me exaltando, veja bem. Estou dizendo que é o que nós vivemos, e para progredirmos, até mesmo para podermos conduzir esses

mil e duzentos membros, só pela fé! Se quisermos fazer isso pela razão, pela técnica, não será possível, não teremos nem mesmo o que comer. Mas, se continuarmos vivendo pela fé, Deus vai ser maravilhoso conosco, muito mais do que foi até agora. Vivamos da fé, sejamos como Abraão e, pela fé, arrisquemos em tudo aquilo que o Senhor quiser que nos arrisquemos. Amém!







## Tudo o que se faz escondido, um dia vem à luz

José de Campos

**A**NTES DE ENTRAR PARA a Comunidade, eu era um homem das trevas, vivia oculto em minhas coisas, que não eram boas para minha vida, minha mãe, minhas irmãs, meus amigos, que não sabiam o que eu fazia ocultamente.

Fui convidado para ser traficante e tinha os meus problemas com o álcool, eu era um alcoólatra. Bebia socialmente com meus amigos e viajava para outras cidades, onde ninguém me conhecia, para me embriagar e fazer minhas travessuras. Eu era um homem de briga, saía para outras cidades para arrumar problema, ou seja, era um homem que vivia o espírito da carne. Com cinco anos de idade, eu tinha o desejo de matar meu pai, e jurei que iria matá-lo.

Tudo o que relatei antes era fruto dessa realidade, o mal entrou dentro de mim, pois para quem queria tirar a vida do pai,

a vida de nenhuma outra pessoa tinha valor. Até meus dezoito anos, eu vivi tudo isso. Porém, quando completei essa idade, tive a graça de conhecer a Jusânia, que hoje é minha esposa e me levou para Deus.

Eu me julgava um homem muito violento, e no meu encontro com Deus, a Palavra foi intitulada: “o Reino dos Céus é dos violentos”. Quando fui entender esse contexto dentro da ação do Espírito Santo, vi que eu era o mais covarde de todos os homens da face da terra. A partir daí, começou um novo caminho de vida nova com Deus.

A Comunidade Canção Nova já existia em Lorena/SP e era muito criticada pela sociedade. Posso dizer que o padre Jonas padeceu no paraíso. Eu trabalhava numa loja e ouvia as críticas, pois todos diziam que ele era o padre que morava com moças e que vivia nos prazeres da carne.

Eu imaginava que esse padre era igual a gente, e a Luzia, na época, tinha ficado viúva, então ela se tornou, na nossa linguagem do gueto, a viuvinha do padre. Quando ela aparecia na rua principal de Lorena, já começávamos a falar: “Lá vem a viuvinha do padre”.

Um dia pulei o muro da escola para ir ao cinema e passei em frente à casa de palestras da Rua Dom Bosco, e lá estava o Pe. Jonas pregando. Na hora em que eu passei, ele disse: “Tudo que se faz escondido, um dia vem à luz”. E aquela palavra ficou dentro de mim, mas fui para o cinema, porém naquele dia não me deixaram entrar. A voz do padre ficou dentro de mim por dois anos, e eu nem passava mais por aquela rua.

Em setembro de 1978, encontrei com a Jusânia, e ela me levou para uma tarde de louvor na Igreja São Miguel Arcanjo, na cidade de Piquete/SP, e quem estava lá pregando? O Padre Jonas. Foi um encontro glorioso, no qual o padre fez oração de renúncia e tudo foi mudando. E olhando para a imagem de São Miguel, eu falei: “Não sei quem é o senhor, mas se o que esse padre está falando é verdade, eu peço que não me deixe nunca mais sair desse lugar”. E assim começou minha caminhada, minha jornada com Deus até hoje.

Literalmente a salvação entrou na minha casa. O meu avô mexia com uma espiritualidade bem tenebrosa, e ele falou para meu pai, que não tinha se casado ainda, que o filho dele iria dar continuidade às suas atividades, e a minha avó disse: “Valei-me, Virgem Maria”.

Sou o único filho homem do meu pai, que tem mais cinco filhas, e eu tive a graça de nascer no dia 08 de dezembro, dia da Imaculada Conceição. Deus já estava me prevenindo, mas quando eu assumi Nosso Senhor Jesus Cristo, a partir de setembro, na Igreja de São Miguel Arcanjo, Deus entrou na minha casa e toda a minha família tem sido contemplada pela graça de Deus diariamente, diante das tribulações, das coisas que acontecem, porque o homem de Deus tem as suas tentações, suas tribulações, mas Ele jamais deixou de faltar com a Sua graça.

A Canção Nova para minha vida, através do padre Jonas, é uma coisa maravilhosa. Hoje é comum e bonito fazer a inclusão social, mas naquele tempo não, eu era odiado na minha cidade,

tinham mais de trinta pessoas querendo me pegar, vários pais, e o padre me trouxe para Deus.

Fui fazer o Maranathá e lá minha confissão durou três horas, terminando às duas horas da manhã. Até hoje a minha família é contemplada, e até a volta do Nosso Senhor Jesus Cristo ainda seremos contemplados com a redenção gloriosa, eu creio!

A sociedade, naquela época, era totalmente hostil, o padre sofreu várias dúvidas, julgamentos, por ser um padre que morava junto com mulheres. O povo dizia que parecia o Rei da Arábia. Porém hoje a igreja mudou, e olhando esses quarenta anos, vejo que ele, no silêncio, sem levantar uma defesa própria, construiu essa Comunidade maravilhosa de homens e mulheres vivendo juntos com Deus, na Sua infinita misericórdia.

Aqui, de fato, é uma Comunidade utilizada por Deus para transformar a vida de quem quer que seja. E o Padre hoje, no seu dia a dia, permanece tal como eu o vi pela primeira vez. Ele está indo para os seus 84 anos com o motor sarado, com a graça de Deus, e realizando muitas coisas através da presença viva Dele no meio de nós e de toda a sociedade.

E a igreja sanchelou o ministério dele pelo reconhecimento Pontifício, e que isso seja disseminado para o mundo todo. Tudo o que o homem faz estrategicamente dentro do conceito social, eu digo que só com Deus tudo pode ser transformado, porque, sem Deus, nada poderá ser feito.

# Vivemos muitas aventuras

Monsenhor Jonas Abib

**F**UI EU QUE TIVE o mérito de colocar a Luzia para dirigir na Rodovia Dutra pela primeira vez, algo que ela tinha muito medo de fazer. Nem sei se íamos a algum lugar ou se fizemos isso apenas como um treino. Mas ela fez! Venceu o medo e entrou na Dutra dirigindo. Então, em uma ocasião em que o pessoal ia para um encontro e o motorista que os levaria faltou, ela que pegou a Kombi. Já era noite, o carro estava cheio, com dirigentes, músicos, a equipe do encontro... E lá foi a Luzia dirigindo na Dutra.

Em outra ocasião, Dom Cipriano, que foi quem nos incentivou muito para que fôssemos em frente com a compra da Rádio, algo que na época nos parecia impossível, marcou para nós uma reunião no Rio de Janeiro, à noite, para tratarmos justamente desse assunto.

Íamos de Fusca pela estrada quando Luzia avisou que precisava muito ir ao banheiro. Paramos, então, em um posto com um restaurante e entramos. Logo na porta, um homem muito alto e forte nos parou:

– O que vocês estão fazendo aqui?

Você imagina entrar em um restaurante e ser recebido desse jeito?

– A senhorita quer ir ao banheiro – respondi, apontando para Luzia, e ele indicou o banheiro.

Ela seguiu na direção apontada e ficamos esperando, mas logo ela voltou, toda nervosa, dizendo que não tinha conseguido usar o banheiro, pois o local não era muito adequado.

Então entendemos o choque do homem ao nos ver ali. Quando saímos, ele ainda nos disse: “Vão com Deus!”.

# Um chamado de intercessão

Dra. Márcia Mayumi

**E** U GOSTARIA DE FALAR, neste meu testemunho, sobre algo que o Monsenhor Jonas chama de junção da ciência com a graça, da oração com o atendimento médico. É o transbordar do nosso carisma.

Certa noite, acordei às 2h da manhã e não conseguia mais dormir. Fiquei incomodada, mas, em determinado momento, pensei: “Tudo bem, então é hora de rezar o terço”.

Normalmente, à noite, quando não consigo dormir, pego o rosário e rezo, me entrego à oração e ao Senhor. Nessa noite, rezei o rosário inteiro, fiz a contemplação de todos os mistérios, sem saber exatamente por que ou por quem eu rezava. De manhã, quando fui fazer minha adoração, perguntei para Deus: “O que está acontecendo? Eu acordei bem, não estou cansada...”.

À tarde, me veio a resposta de o porquê o Senhor havia me acordado. Foi um chamado de intercessão. Monsenhor Jonas

estava com um problema de saúde e me procurou à tarde para uma consulta. Ele sentiu também de madrugada que devia me consultar, e, conforme ele conta, o que indiquei teve um resultado rápido e perfeito.

– Você deu a receita certa – Monsenhor disse. – Não falo só do remédio, mas da sua pessoa. No mundo espiritual, Deus já estava vindo em meu socorro por intermédio da sua oração de madrugada, ao mesmo tempo em que despertava em mim o impulso de me consultar. Depois, agiu também no atendimento. Essa é a junção da ciência e da oração.



# O sim à vida traz a Vida em abundância

Ângela Menezes

**M**EU NOME É ANGELA Menezes e sou membro da Comunidade Canção Nova, na forma de Segundo Elo. Em 2001, fiz meu primeiro compromisso como consagrada e estou vivendo meu 20º ano de vida consagrada a Deus na Comunidade Canção Nova.

Durante todo o meu percurso vocacional, tenho muitos testemunhos com o Pe. Jonas e com a Canção Nova, e o principal é o nascimento do meu filho, o qual tentei abortar por quatro vezes: três destas tentativas foram por meio de remédios abortivos e a última vez em uma clínica de aborto.

Moro em Cachoeira Paulista, mas sou natural de São Paulo. Quando eu tinha 19 anos, eu estudava em São Paulo e tinha me programado para ir morar no exterior com três amigos para fazer um mestrado na minha área de atuação. Então comecei a namorar um rapaz seis meses antes da viagem, com o qual eu

tive minha primeira relação sexual, e após três meses descobri que estava grávida.

Naquele momento eu entrei em pânico, pois dentro de mim havia uma raiz católica deixada pelos meus avós e pensava na minha vida profissional, no desejo de estudar fora e voltar melhor para o Brasil profissionalmente, com um bom diploma, um bom emprego, um bom salário.

Na época, além de o pai do meu filho, meus professores e colegas da faculdade me diziam para eu fazer o aborto, pois era algo necessário. E depois, quando eu concluísse os estudos e estivesse em um bom emprego, eu teria outros filhos. Porém, dentro de mim havia um conflito muito grande.

Até que uma colega comprou para mim um remédio abortivo e me deu. Porém, mesmo tomando três doses do remédio, eu não tive sangramento. O que mais me chamou a atenção naquele momento foi que uma única dose deste remédio já é o suficiente para acabar com o feto e com o útero, porém em mim não havia ocorrido nada.

Então outra colega, a qual já tinha feito dois abortos e cuja mãe já havia feito seis abortos, me indicou uma clínica abortiva. Fui à clínica e marquei para realizar o procedimento em uma quinta-feira. Porém, no dia anterior, eu fui a um Grupo de Oração e lá o pregador começou a falar que havia uma pessoa que iria cometer um ato muito sério no outro dia e que Deus não queria que ela o fizesse. Então comecei a chorar muito, mas mesmo assim eu fui à clínica.

Quando estava deitada na maca fazendo os exames e já sendo medicada, ao meu lado havia uma máquina que media o batimento do coração do bebê. Ao ouvir as batidas do coração, as quais eram muito aceleradas, pensei que era o meu coração, mas a médica virou para mim e disse que aquelas batidas eram do coração do bebê.

Ao olhar para a máquina, senti Deus falando comigo: “Esta criança está gritando para você, pois ela sabe que você irá matá-la”. No mesmo instante eu comecei a chorar, me levantei da maca, arranquei os medicamentos que estavam sendo injetados em mim e fui direto para a recepção. Chegando lá, pedi meu dinheiro de volta e fui para a Igreja Santa Cecília, pois, como era quinta-feira, havia adoração.

Entrando na igreja, o Pe. Alberto Gambarine estava na capela, pois, naquela época, ele gravava o programa lá. Quando ele me viu chorando, aos prantos, logo foi rezar por mim. No momento em que ele estava rezando, eu lhe disse que havia tentado matar meu filho e me confessei. A partir daquele dia, eu assumi a minha gravidez.

Durante os nove meses da gestação do meu filho, eu impunha as mãos sobre minha barriga e orava por ele diariamente, pedindo para que Deus me perdoasse e que, se fosse castigar alguém, que esta pessoa fosse eu e não o meu filho. No pré-natal, a médica sempre me dizia que meu filho nasceria com alguma deficiência.

Chegou a hora do parto. Quando meu filho nasceu, a médica, que não era a mesma que havia me acompanhado

*Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

durante toda a gravidez, olhou para mim e me disse que eu havia mentido, pois eu não tinha tomado o remédio abortivo.

Hoje meu filho tem 27 anos e é um menino lindo. Vai se casar com a filha do Waldemir e da Dailsa, membros do Núcleo da Comunidade Canção Nova.

Sou casada com um membro da Comunidade Canção Nova. Em 15 de novembro de 2020 faremos 15 anos de casados e temos uma filha de 12 anos que participa do grupo “Sentinelas” e do “Cantinho da Criança”.

# Aceita ser o meu coração?

Prof. Júlio Brebal

**A**NTES DE EU ENTRAR para a Canção Nova, na década de 70, eu era estudante universitário e cursava Geografia na antiga Faculdade Salesiana de Lorena, no prédio do centenário Colégio São Joaquim, e fazia parte de um grupo de jovens cristãos, cujos integrantes eram Felipe Aquino, Paulo Silva, Celso e Ney Guimarães. Também integravam este grupo algumas jovens: Pedrina, Raimunda (Mumu), Fatinha Areco, Maria Cecília (Ciça), Tê, Ana Maria (minha esposa), Vilma (esposa do Paulo) e Zila (esposa do Felipe).

Nessa época, fomos agraciados pela chegada de um padre salesiano, transferido para Lorena devido a um tratamento de saúde, muito carismático: tocava violão, cantava e, como Dom Bosco, atraía a juventude para Deus. Vivíamos um momento de dificuldade política no país e para nós, jovens universitários. Porém, o interessante é que nossos corações eram formados pela pedagogia salesiana: amor (os jovens devem ser amados e saber que o são); razão (somente ela pode dizer ao coração o que é o

bem); espiritualidade (fundamento e coroamento dos valores e dos compromissos do amor e da razão). Ou seja, a meta era tornar os jovens “bons cristãos e honestos cidadãos”. E assim fomos educados na fé e na doutrina católica.

Faço aqui esta lembrança para que o leitor entenda que Deus já nos preparava para uma grande obra a ser realizada pelas mãos do padre Jonas: fundar a Canção Nova, em 1978. Porém, antes disso, ajudávamos nos primeiros encontros de conversão para jovens e adultos no Colégio São Joaquim, chamados Maranathá, cujo nome tem origem de uma expressão aramaica que pode significar: “Vem, Senhor”, ou “Senhor nosso, venha”, ou “Nosso Senhor veio”.

A fundação da Comunidade Canção Nova aconteceu pela obediência do padre a Deus, que acatou o apelo de Dom Antônio Afonso de Miranda, na época, bispo diocesano de Lorena, e colocou em prática a Encíclica *Evangelii Nutandi*, escrita pelo beato Papa Paulo VI em 1975 e que visava ao anúncio do Evangelho aos homens do nosso tempo.

E, como seu discípulo, caminhei ao seu lado, junto com outros jovens, na realização desse projeto de evangelização. Trago, em minha memória, muitas lembranças dos acontecimentos que marcam a história dos quarenta anos da Canção Nova: o sinal de Deus, através do crucifixo todo quebrado, que tocou o coração do padre e o meu coração; a Casa de Areias, onde os Maranathás desenvolveram em muitos homens e mulheres uma nova vida; as experiências de oração no Espírito Santo; os

catecumenatos; a Casa de Queluz; até a Chácara Santa Cruz, em Cachoeira Paulista, atual sede da Comunidade Canção Nova.

Agora transcrevo aqui o que narrei em meu livro *Corações Sedentos*:

*Andando pelos dormitórios do então internato extinto desse Colégio, Pe. Jonas encontrou uma imagem de Cristo crucificado toda quebrada; faltavam-lhe os pés, braços, mãos, seu rosto estava desfigurado... Um dia, ele me pediu que desse uma “restaurada” na imagem e me fez a seguinte pergunta: “Este crucifixo lhe diz alguma coisa?”. Confesso que, num primeiro instante, minha atitude foi responder que aquela imagem nada me dizia, tal era sua aparência. Mas ele me levou a refletir: “Essa imagem de Cristo toda despedaçada nos convida a ser seu coração, sua face, suas mãos, seus pés... para anunciar o Evangelho, a Boa Nova que liberta e cura!”. Fui impactado por essas palavras!*

*Os catecumenatos eram grandes encontros de aprofundamento sobre temas da doutrina católica, sobre o Espírito Santo, que atraíam muita gente de Lorena e cidades vizinhas. Nós, jovens, fomos beneficiários de tão grande graça!*

*A Casa de Areias, em sua simplicidade, faz-me voltar à capela. Adaptamos o local, que, provavelmente, era um galinheiro, em um ambiente parecido com a gruta do presépio: palha no chão; troncos que serviam de assentos; uma grande tora, que era o altar; e uma pequena “tenda” – o sacrário, onde era depositado o Santíssimo Sacramento. Tínhamos também a visita do gado, que colocava sua cabeça pela janela e, junto, louvava*

## *Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

*a Deus conosco, quando estávamos em oração pela manhã. Ao redor da casa, havia muitos morros, onde, muitas vezes, à tarde, o padre nos deixava pregando as palestras e, com seu famoso violão, compunha inesquecíveis canções que louvavam a Deus.*

*Chega, então, o momento em que Deus quer a construção da Casa Mãe para a Comunidade, e pelo gesto de desprendimento de muitos, inicia-se, com muita fé, trabalho e ousadia, a Casa de Queluz. Jovens de Queluz colaboradores estenderam a mão ao padre quanto ao terreno, onde se ergueria essa casa: Marinho Fabri, Zezé, Maria Helena e Eto (que foi o braço direito do padre na edificação da Casa Mãe). No tempo oportuno, Deus coloca, inicialmente, a Rádio de Cachoeira Paulista nas mãos do padre e depois a TV.*

São quarenta e dois anos de fé e muito trabalho, onde, através dos meios de comunicação, Deus se serve da Canção Nova para levar a todos os homens e mulheres a Boa Notícia: o Evangelho.



# Pe. Jonas: uma história de fé

Lurdinha Nunes

**P**ARA MIM, O PE. Jonas é uma bela história de fé. Um dos maiores dons da minha vida foi conhecê-lo, porque, através do testemunho e da proposta de evangelização totalmente nova, eu também pude trilhar a minha história de fé, que começou com a minha família e se desenvolveu com a Canção Nova.

Eu tive a graça de conhecer o Pe. Jonas quando eu tinha apenas 14 anos de idade e fiz o meu primeiro encontro de jovens, o Maranathá, em Areias. Isso antes da fundação da Comunidade. E a partir desse encontro, a minha vida começou a ser moldada na constante busca de Deus, pois através dele eu pude dizer: *“Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir”*.

O Pe. Jonas tinha uma forma toda especial de falar de Jesus. Vestia-se como um homem moderno dos anos 70: calça jeans, camiseta e um violão. Nas músicas, toda a força de uma

juventude em busca de mudanças, em busca da verdadeira liberdade interior.

Uma das nossas músicas preferidas era: “*No peito eu levo uma cruz, no meu coração o que disse Jesus*”. Essa era uma das canções prediletas naqueles inícios dos grandes encontros de jovens em Lorena e Areias, onde estava a fazenda Morada do Sol e onde aconteciam os Maranathás e os encontros de jovens. Ali participavam jovens de toda a região da diocese de Lorena, mas também do sul de Minas, Volta Redonda, Resende e Barra Mansa.

*“Eu venho do sul e do norte, do leste e do oeste, e de todo lugar, estradas da vida eu percorro levando socorro a quem precisar. Assunto de paz é meu forte, eu cruzo montanhas, eu vou aprender, o mundo não me satisfaz, o que eu quero é a paz, o que eu quero é viver. No peito eu levo uma cruz, no meu coração o que disse Jesus. Eu sei que não tenho a idade da maturidade de quem já viveu, mas sei que eu já tenho a idade para ver a verdade, o que eu quero é ser eu. Num mundo ferido e cansado, de guerras sem fim, tem medo da bomba que fez, mas aponta pra mim”.*

A letra da música diz bem do contexto histórico daquele tempo. Uma década caracterizada como um período em que predominou o espírito de contestação. Jovens inconformados com o governo, com as injustiças sociais e os preconceitos. Estavam na moda o movimento *hippie* e os grupos que saíam às ruas em todo o mundo para reivindicar mudanças. Foi dentro dessa realidade, dentro desse contexto histórico e desafiador, que Pe. Jonas conquistou um grande número de jovens.

Suas palestras eram uma novidade, pois falavam de revolução, termo cheio de significado para aquele tempo, mas com uma outra proposta: *a revolução Jesus*. Uma revolução diferente que parte de dentro de cada homem através de uma experiência autêntica com Jesus.

A sua linguagem era evangélica, ou seja, baseada nos textos Bíblicos. Nessa época, ele já se mostrava como um grande estudioso das Sagradas Escrituras. Porém não era um conhecimento somente teológico, mas, sim, uma leitura contemplada à luz do Espírito que leva a experiências profundas e inovadoras com Deus. Ele falava com intensidade, paixão ardente, e, com essa forma de anúncio, conquistou o meu coração e atraiu multidões, não a si mesmo, mas ao próprio Deus, ajudando cada um a trilhar o próprio caminho, através de uma experiência própria, pessoal.

Através do contato diário com o Pe. Jonas, no início da Comunidade, eu fui deixando ser lapidada em mim esta pedra preciosa: a fé. A fé é a herança que ele passou e continua passando a cada um de nós, é um grande dom de Deus. É uma graça imensa que nos leva a aventuras nunca imaginadas, porque abre a mente e o coração para realidades novas que podem ser vistas somente com os olhos do coração. Leva-nos por caminhos totalmente desconhecidos.

Poucos homens tiveram ou aceitaram a graça de se abandonar totalmente a essa realidade. Quem se entregou a essa aventura viveu o que diz o texto de Isaías: *“O que olho não viu*

*e nem ouvido ouviu é o que Deus tem preparado para aqueles que nele creem”.*

Para mim, Pe. Jonas Abib é um dos maiores homens de fé dos nossos tempos. Ele aceitou viver esse grande desafio e se colocou a caminho. Ele não quis viver sozinho e arrastou uma multidão formada não somente por aqueles que fizeram a opção de viver na Comunidade Canção Nova, mas milhares de pessoas que lotam o Centro de Evangelização e que acompanham a programação da Rádio e da TV.

Aqueles que recebem o dom da fé e o tratam como uma pérola preciosa, que têm a coragem de deixar tudo para ficar com este tesouro, são recompensados com “*a visão espiritual*” dos fatos, que nem sempre é clara, mas é imperativa e parte de um lugar misterioso dentro do próprio homem, lugar habitado somente por Ele, o Espírito de Deus que fala e se revela.

A visão é espiritual, a realização é humana, em um belo projeto de parceria. Pe. Jonas é um homem que teve a coragem de acreditar e ir em frente desde o principal desafio: o de acreditar na transformação de corações, na possibilidade de formar homens novos para um mundo novo, até os desafios de enfrentar crises econômicas e outras para anunciar a Boa Nova do Evangelho com as mais modernas técnicas de comunicação e sem limites. Com uma visão espiritual afinada, que o levou a dar passos concretos, ele, de um gravador de rolo, construiu uma Rádio; de um programa de televisão, uma emissora; de um lago, um grande Centro de Evangelização.

Uma grande experiência de fé não vivida sozinho, mas com os seus companheiros mais próximos e cofundadores, Luzia e Eto, e com os primeiros vocacionados, que também viveram com ele e herdaram o dom de acreditar, e depois com uma multidão de novos discípulos e de milhares que seguem a Canção Nova através dos meios de comunicação e vão construindo, cada um em particular, a sua própria história de fé. Nós, os primeiros da Canção Nova, fomos formados nessa escola com ele, a exemplo da relação entre mestre e discípulo, como era nos tempos bíblicos, como Paulo na escola de Gamaliel, onde o discípulo vivia na casa do mestre e aprendia na escola da vida.

*“O que olho não viu e nem ouvido ouviu é o que Deus tem preparado para aqueles que nele creem”.* O apóstolo São Paulo foi o primeiro a vislumbrar todos os meios pelos quais era possível anunciar. É belíssimo o contexto de evangelização na Grécia, quando ele procura um lugar para falar e ali encontra o local dedicado ao deus desconhecido, e aproveita a ocasião, o local, para o anúncio. Nem todos aceitaram, mas ele lançou a semente.

Os nossos primeiros encontros foram no Ginásio de Esportes de Queluz e atraíram um número muito grande de participantes, eram as Tardes de Louvor. E depois vieram os Rebanhões etc.

Após a rebelião dos anos 60, consolidou-se a grande massificação dos meios de comunicação nas décadas de 70 e 80. A indústria cultural cresceu, e com ela a penetração da TV em todo o território nacional. O rádio e a televisão entraram nas casas do povo brasileiro. Recordo-me do meu pai sentado na

varanda da minha casa, onde todos os dias, às 18h00, ouvia a oração da “Ave-Maria” na Rádio Tupi do Rio de Janeiro. Era uma hora sagrada. Pe. Jonas seguiu a moção do Espírito e viu que era necessário anunciar com os meios modernos.

Lembro-me da nossa reunião na sala de palestras da Casa de Maria, durante dois dias, para pensarmos na programação para a Rádio. Dali saímos com a ideia dos programas e dos nomes. O carro-chefe era o programa que Pe. Jonas e Luzia já apresentavam em outras rádios: “Eu estou no meio de vós”, no qual era lido o texto bíblico e depois feito um momento de oração. Esse também foi o programa televisivo. E assim foram surgindo todos os outros, aqueles devocionais ou de oração, mas também o programa para crianças, o qual tive a graça de apresentar durante vários anos como a maçãzinha.

No início, a programação da Rádio ia até a meia-noite, mas Pe. Jonas era inconformado e não parava de pensar em uma programação 24 horas. “É necessário aproveitar todo o nosso tempo”, dizia ele. Programas que, com o passar do tempo, foram se desenvolvendo. Da experiência com o “No país das maravilhas”, nasceu o “Cantinho da Criança”. O programa atingia um grande público infantil, e o que o tornava diferente eram os personagens criados para apresentar o programa.

Apesar de ser um programa de Rádio, todos os dias nos vestíamos para receber as crianças que iam ao estúdio, iniciativa que rendeu à Rádio o nosso primeiro prêmio: o Microfone de Ouro, através do trabalho do Paulinho Figueiredo, que conseguiu escrever a experiência que fazíamos todos os dias,

mexendo com a imaginação das crianças que não podiam estar conosco e encantando aqueles que vinham participar ao vivo no estúdio da Rádio.

Uma coisa interessante é que Pe. Jonas sempre sonhou em ter os nossos programas ao vivo. Mas para nós era sempre mais fácil fazê-los gravados, principalmente os programas de Rádio. Penso que, antes de tudo, o trabalho que ele teve foi o de nos convencer de tudo o que sentia. Mesmo sendo jovens e estando acostumados com as novidades das suas pregações, não conseguíamos acompanhá-lo nas novas ideias. Ele precisou ter muita paciência conosco.

Ele acompanhava a programação da Rádio o tempo todo, ou o máximo possível. Do primeiro ao último programa. Qualquer furo que dávamos no ar, imediatamente, tocava o telefone e técnicos e locutores já sabiam: era ele. Porém não fazia de forma ameaçadora ou arrogante, mas como quem estava ali para ajudar, para formar, pois uma coisa que ele sempre fez muito bem foi a correção fraterna. Éramos todos muito jovens e não tínhamos entendido ainda a grandeza dos meios que tínhamos nas mãos. E como qualquer jovem da nossa idade, divertíamos-nos com os nossos erros, não de forma irresponsável, mas um pouco irreverente.

Foram muitas as vezes que tivemos de parar a oração do terço por causa de acesso de risos, sem motivo nenhum. O interessante é que o nosso bispo naquele período, Dom João Hipólito de Moraes, também acompanhava o terço e percebia. Ele teve paciência, como no dia em que, na jaculatória, rezamos

## *Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

pelo nosso bispo: “São João”, o que foi motivo de risos, e Dom João percebeu e ligou na Rádio dizendo: “Avisa o pessoal do terço que eu ainda não sou santo não, e pergunta se eles vão terminar de rezar o terço, porque eu tenho outras coisas para fazer”. Mas a correção foi feita de forma muito carinhosa e também com senso de humor.

Aprendemos a fazer rádio fazendo, assumindo os desafios do dia a dia. Como Cachoeira Paulista sempre foi um lugar de muitas chuvas e raios, tínhamos uma técnica na Rádio, a Roseli, que cada vez que enfrentávamos uma tempestade com raios, ela ameaçava desmaiar. Era o maior corre-corre para acudi-la e não deixar a Rádio sair do ar. Éramos muito simples e sem malícia. Uma vez, puxamos um fio de telefone da Rádio para a nossa casa, na chácara que ficava ao lado, mas fizemos sinceramente sem maldade. Tanto que no dia em que caiu uma árvore em cima do fio e ficamos sem telefone, a Luzia telefonou para a Telesp pedindo um técnico para ir arrumar, e ele descobriu a “gambiarra” e nos alertou que aquele tipo de instalação era ilegal e não podia ser feita.

São tantos os fatos que eu poderia partilhar sobre esta grande aventura na fé, desde o seu início até os nossos dias. Mas um fato que está muito vivo em mim é o desafio e a coragem de transformar um lago em um Centro de Evangelização.

Recordo-me, com carinho e emoção, da primeira vez que ouvi o Pe. Jonas falar de um “Centro de Evangelização”, como o vemos hoje, ou, aliás, como nem ele mesmo podia imaginar. Eu caminhava no fim da tarde pelo morro, onde está o nosso



transmissor da Rádio. Ali era só mato, casas de formigas, enormes cupins e, no ponto mais alto, via-se um lago formado pela água que a SABESP despejava da grande caixa d'água que abastece a cidade de Cachoeira Paulista. E ali o encontrei rezando o terço no fim da tarde. E ele, com os olhos azuis, que brilhavam ainda mais quando tinha uma inspiração, perguntou-me: “O que você vê neste lugar?”, e eu respondi: “um lago”. Então ele me disse: “Se você observar bem, verá que é um anfiteatro perfeito”. Mas eu olhava e via ali somente um lago. E ele continuava dizendo: “É perfeito! O morro serve como arquibancada, fazemos pequenas escadas no morro onde as pessoas podem se assentar, basta secarmos a água do lago e colocarmos o palco bem no centro. A acústica será perfeita”.

Eu, na minha limitação humana e certamente sem a visão espiritual dele, fazia um esforço para acompanhar o seu raciocínio. Somente quem viu o lago pode ter a dimensão do projeto. Para a realização foi preciso muita fé e muita coragem. Se por um lado Pe. Jonas é o homem da intuição espiritual, o Eto é o homem que Deus o presenteou com o dom da coragem e da ousadia. Os desafios foram muito maiores do que o imaginado, pois certamente as nossas capacidades e condições meramente humanas não nos permitem dar um passo tão grande. É preciso ir além.

O Eto, muitas vezes, contou-nos que tinha época em que ele evitava de se encontrar com o Pe. Jonas, mesmo morando na mesma casa. Ele dizia: “Tenho medo do que o Pe. Jonas está pensando e dos novos projetos”, mas, no final, também o

## *Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

Eto se deixava envolver pelos projetos de evangelização, e, com coragem e ousadia, ia além daquilo que o próprio Pe. Jonas havia imaginado.

A Lu, como carinhosamente a chamamos, sempre foi a mulher de fé, aquela que melhor soube interpretar as moções do Espírito que sempre moveram Pe. Jonas Abib. E certamente ele terminaria este testemunho dizendo como Dom Bosco: “Maria é a mãe da Canção Nova e foi ela quem tudo fez”.

# Anunciadores da Palavra de Deus

Pe. Clayton Luiz

“Vede, eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos. Sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas. Cuidado com as pessoas, pois vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas. Por minha causa sereis levados diante de governadores e reis, de modo que dareis testemunho diante deles e diante dos pagãos. Quando vos entregarem, não vos preocupeis em como ou o que falar. Naquele momento, vos será dado o que falar, pois não sereis vós que falareis, mas o Espírito do vosso Pai falará em vós. O irmão entregará à morte o próprio irmão; o pai entregará o filho; os filhos se levantarão contra seus pais e os matarão. Sereis odiados por todos, por causa do meu nome. Mas quem perseverar até o fim, esse será salvo. Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra. Em verdade vos digo, não acabareis de percorrer as cidades de Israel antes que venha o Filho do Homem” (Mt 10,16-23).

Esse Evangelho com o qual começo meu testemunho fala exatamente sobre o caminho que somos chamados a trilhar

*Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

como missionários, como anunciadores da Palavra de Deus. Também vem ao meu coração uma canção composta por Pitter Di Laura, chamada “Minha vocação”, que muito reflete o Carisma Canção Nova.

*Para caminhar, tenho que escutar  
e calar meus sentimentos,  
renovar meu sim e deixar cair  
tantos planos e conceitos  
que eu fui criando aqui dentro do coração.  
Sem pensar, eu quis de volta minha vida em minhas mãos.  
Não posso mais viver pra mim.*

*A minha vocação é me doar,  
e por amor darei o meu melhor,  
pois o Senhor que um dia me chamou  
quer que eu seja luz para as nações.*

*Não mereci chegar aonde estou.  
Mas, se cheguei, aqui eu quero, então,  
fazer valer a pena toda dor,  
levando esperança a esse povo sofredor.*

O que quero destacar neste meu testemunho é justamente o amor à Palavra de Deus. Muitas vezes, deixamos de ler a Bíblia, de fazer um estudo bíblico. Não é que não nos dediquemos,

não lutemos, não nos esforcemos, mas, como Monsenhor Jonas sempre nos ensina, precisamos realmente amar a Palavra de Deus. Não posso passar nenhum dia da minha vida sem mergulhar na Palavra de Deus, sem mergulhar no estudo da Palavra.

Na Canção Nova, nós somos chamados não a ser doutores da Palavra – muitos de nós nem tiveram a oportunidade de fazer Teologia, de estudar a Bíblia –, mas, sim, a amar a Palavra de Deus. Nós sabemos que há muitas pessoas simples que compreendem melhor a Bíblia do que muitos doutores que a estudaram, e isso porque a Palavra de Deus deve ser vivida, e as pessoas que têm o coração simples lutam para vivê-la.

O perigo surge quando começamos a pensar: “Ah, eu já sei o que diz a Bíblia. Eu já sei o que diz a Canção Nova. Eu já sei o que Deus me pede”. E assim deixamos de viver a Palavra.

São Tiago nos diz: “Sede praticantes da Palavra, e não meros ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1,22). Isso é o que Deus nos pede, e foi por esse caminho que Ele guiou o povo de Israel.

No Antigo Testamento, podemos ler sobre a aliança que Deus fez com Seu povo. No livro de Gênesis, no capítulo 46, acompanhamos a partida de Jacó para o Egito e vemos o medo que ele inicialmente sente. Nós sabemos o que significou para o povo de Israel estar no Egito, e Jacó teve medo também por não saber o que aconteceria quando se deparasse com um povo que não professava a fé no Deus único. No entanto, o Senhor pediu para Jacó partir e afirmou-lhe: “Eu sou Deus, o Deus de

teu pai. Não tenhas medo de descer ao Egito, pois lá farei de ti uma grande nação” (Gn 46,3).

O Senhor se revela a Jacó, afirma que estará ao seu lado e caminhará com ele. E o mesmo vale para nós! Deus sempre se manifesta na nossa vida a partir do momento em que nós damos um passo, a partir do momento em que nós caminhamos.

O povo de Israel foi um povo a caminho. Eles não param, não deixam de olhar para a Terra Prometida e de sonhar. Mesmo quando foram escravizados no Egito, eles acreditaram que a promessa de Deus iria se concretizar e eles iriam encontrar a Terra Prometida.

Nós também precisamos ter essa certeza dentro de nós. Nós estamos peregrinando, somos peregrinos, estamos a caminho da Pátria definitiva, e não podemos permitir que as tribulações, as dificuldades da nossa vida tirem a nossa visão espiritual. Deus deseja que tenhamos essa visão espiritual, que nos guia em nossa jornada, em nossa vocação.

Deus nos quis dar a vocação como meio de salvação. Eu tenho certeza de que Deus me chamou para a Canção Nova, e essa é minha vocação. Eu tive a oportunidade de ser padre na minha diocese, fiz o caminho para entrar no seminário, mas Deus não me queria padre na minha diocese; Ele me queria padre de uma comunidade.

No início, eu disse não a Deus, pois queria ficar perto dos meus pais, já que sou filho único. Porém, depois cedi, pois devemos seguir a vontade do Senhor em nossa vida.

Que vivamos uma comunidade de amor e adoração, entregando uns aos outros a Deus, e não ao ódio, à mágoa, à murmuração. Que sejamos pessoas comprometidas com o projeto de Deus, e não com os nossos projetos. Peço a Deus que eu viva dentro da Canção Nova os Seus projetos e não tenha medo de ser comprometido com eles.

Uma das coisas que eu vivi na Canção Nova como consagrado é não ter direitos, pois, caso estes nos fossem concedidos, perderíamos a inspiração inicial do carisma Canção Nova. Isso não é fácil, pois, como consagrados, saímos de uma missão e somos enviados para outra, deixamos nossa família e partimos para cumprir a Palavra de Deus.

Quando eu dei o meu sim a Deus na Canção Nova, eu perdi os meus direitos. Jacó, quando partiu para o Egito, disse: “Eis-me aqui”. Nossa Senhora também disse a Deus: “Eis-me aqui, faça-se em mim a Tua vontade”. Que o Senhor nos dê forças para fazermos o mesmo, para caminharmos na Sua vontade.

São João da Cruz dizia que temos três inimigos da nossa alma. O primeiro inimigo somos nós mesmos. O segundo é Satanás, e o terceiro é o mundo. Que nós possamos perseverar até o fim, vencendo esses três inimigos, pois o Senhor deseja que cada um de nós seja feliz e cumpra a Sua vontade.

O livro dos Salmos nos diz: “A salvação vem de Deus. Coloca no Senhor a tua alegria e Ele lhe dará o que pedir o teu coração”. Veja que promessa maravilhosa que Deus nos faz.

Quando nos entregamos ao Senhor, nosso coração se alegra, e essa alegria vem de Deus. Mesmo cansados, com problemas,

precisamos sorrir, pois temos que levar o carisma para muitas pessoas, as quais também estão cansadas, mas que, mesmo assim, vêm até Jesus.

Na Canção Nova, todos os que vieram antes de mim geraram a minha vocação. Então, eu preciso continuar tendo esse ardor que está no coração de todos os consagrados. Hoje eu estou na missão de Cuiabá, longe de casa, mas posso ir para lugares mais distantes, pois já me coloquei à disposição de Jesus. Preciso levar a Palavra de Deus para todas as nações e aproveitar todas as oportunidades que Deus me proporcionar. Fui muito feliz em todas as missões pelas quais passei – Cachoeira Paulista, Lorena, São José do Rio Preto –, pois coloquei meu coração à disposição de Deus.

Certo dia, quando eu cheguei a uma missão, os irmãos escreveram para mim: “Nossa Senhora vai lhe dar tudo neste tempo, nesta missão. Você vai colher os frutos. É tempo de colhermos os frutos”. Naquele momento, lendo essa mensagem, eu pensei: “Acabei de chegar, como vou colher os frutos?”. Então, fui meditar e vi quantos frutos eu já havia colhido.

Vamos entregar nossa vida, nossa vocação e nossa história nas mãos de Deus, pois Ele nos conhece e sabe da nossa realidade, da nossa necessidade. O que você tem feito diante de suas lutas: regredido ou progredido? Deus está injetando em você o ânimo, a graça do carisma. Então, abra o seu coração e permita que Jesus entre e faça na sua vida aquilo que é Sua vontade.

Deixemos que o Senhor retire dos nossos ouvidos tudo aquilo que não nos deixa ouvir a Sua voz. Que o Senhor pu-



rifique os nossos ouvidos para que possamos ouvir o carisma que Ele tem para nós. Que o Senhor cure nosso coração, nossas feridas, nossas mágoas, nossos ressentimentos, nossas tristezas e decepções. Que de nossa boca saiam palavras de bênçãos.

Peçamos ao Senhor que nos deixemos encontrar com Ele e ser batizados pelo Espírito Santo, não somente nós, mas também nossa família, nossos amigos, pois todos somos povo de Deus.



# Minha missão é onde Deus me colocar

Eloisa Peixoto

**E**U SEMPRE FUI UMA jovem que tive sede de Deus, porém, mesmo participando de um grupo de jovens, o mesmo grupo do qual o Peixoto participava, sentia-me perdida e oprimida, porque não encontrava nos irmãos a resposta que eu buscava. Sentia-me vazia, confusa, triste, tímida, mas, mesmo assim, continuava buscando a Deus.

Meu encontro com Deus não aconteceu de repente, mas devagar. Minha primeira experiência com Deus ocorreu através de Nossa Senhora, pois, por causa da minha carência materna, pedi a ela que fosse minha mãe, e ela me acolheu, levando-me até Jesus através do grupo da Legião de Maria. Assim fui conhecendo o amor de Jesus por mim e sentindo o enorme desejo de me entregar a Ele.

Quando ocorreu o catecumenato e começaram a escolher os jovens, eu logo me ofereci, pois estava de férias do trabalho

e da escola. O primeiro encontro aconteceu durante toda a semana e lá eu conheci o Pe. Jonas e a Luzia.

Como eu sentia um grande desejo de me entregar a Deus, vi na Canção Nova esta oportunidade, pois me encantei com o trabalho que o padre Jonas fazia com os jovens, o que despertou em mim o desejo de fazer parte dele.

Então, nessa busca em conhecer a Deus e saber o que Ele queria de mim, comecei a fazer um acampamento vocacional em uma congregação religiosa de Aparecida/SP. E foi assim que percebi uma revolução dentro de mim. Aquela Heloísa tímida, que se sentia perseguida, até mesmo dentro de casa, agora se sentia diferente.

Em 1979 comecei o segundo ano de Comunidade. Nos primeiros meses, eu passei por um processo de cura interior e de quebrantamento, pois eu estava muito desestruturada por dentro. Eu sentia Deus quebrando as minhas estruturas, curando o meu interior, pois, como eu disse anteriormente, mesmo com uma família de onze irmãos, não havia diálogo em minha casa e eu sentia uma enorme carência materna.

Na Comunidade, eu comecei a florir e fui me convencendo do que Deus queria para mim. Hoje eu posso dizer que me sinto realizada como pessoa, como cristã. Eu encontrei o meu lugar na igreja e na Comunidade. Sinto-me madura, equilibrada e que estou dentro da vontade de Deus.

No começo, diante de todo aquele fervor, eu queria ir para a África, Amazonas, Bahia, porém, ao conversar com o Frei de

Guará, ele me disse que eu deveria ser missionária onde Deus me colocasse.

Quando eu vim para a Comunidade, queria fazer tudo, mas fui vendo minhas limitações, e Deus foi despertando em mim o Ministério da Intercessão, porque não sou de falar muito, mas gosto muito de ouvir. Então, desde o início, fui percebendo em mim a intercessão e o testemunho de vida.

Hoje sou referência em minha família. Quando precisam de uma oração ou de uma palavra, logo me procuram. Nem todos da minha família participam da Igreja, mas já percebo, por parte deles, uma aproximação maior com Deus, e vejo que eles percebem em mim uma pessoa diferente. Este é um caminho lento, mas tenho a confiança em Deus de que um dia todos eles irão reconhecer Jesus como o Senhor das suas vidas.

Peço a Deus que eu deixe um rastro de santidade, e espero que um dia Ele me conceda esse pedido, pois essa é a herança que eu quero deixar para a minha família: Jesus Cristo como o Senhor da nossa vida.

No começo da Comunidade, acolhemos jovens com vários problemas, vícios, prostituição, mas fomos rezando e perguntando a Deus o que Ele queria, e Ele foi nos mostrando que o foco não era esse.

Então, certo dia, quando estávamos na missa da capela de Queluz, perguntamos para Deus o que Ele queria da Comunidade. Foi quando Dom Cipriano trouxe um gravador de rolo, colocou no altar e disse que Deus estava mandando entregar aquele presente. E foi ali que tudo começou.

Padre Jonas começou a fazer programas de rádio, e aquele gravador era usado para gravá-los. Ali Deus foi abrindo a missão da Canção Nova e logo depois veio a compra da Rádio. Lembro-me da primeira programação: todos nós estávamos reunidos no refeitório de Queluz preparando-a.

Também me lembro do meu primeiro remanejamento, que foi de Queluz para Cachoeira Paulista, para colocar a Rádio para funcionar. Nessa época, eu estava noiva do Peixoto e não fui remanejada junto com ele. No primeiro momento, fiquei chateada, mas depois percebi que era Deus querendo curar meu coração do apego, da carência. Foi um tempo doloroso para mim, mas aprendi que Deus queria me formar, e vem formando até hoje.

A Canção Nova é a voz de Deus chamando o povo e preparando-o para a segunda vinda do Senhor. Eu sinto que a Canção Nova é a voz que chama, cuida e pastoreia esse povo. O povo não vem aqui à toa, mas é Deus quem o traz.

# É preciso dobrar os joelhos e falar com Deus

Fatinha e Elzinha

**C**ERTO DIA, FALARAM-ME QUE haveria um novo ano de caminho vocacional e se eu queria participar. Logo me preparei e organizei todo o meu ano para poder dar esse novo passo na minha vida: paguei todas as minhas contas e preparei a minha família, principalmente minha mãe.

Então fiz o catecumenato, participei de encontros e, em dezembro, Pe. Jonas fez o chamado de quem queria dar um ano da sua vida para Deus, e eu aceitei.

Como Lurdinha, Heloísa e eu éramos de fora, vínhamos todos os dias de manhã e, como nós não tínhamos casa, dormíamos na casa da Iracema. Porém, passado algum tempo, percebemos que queríamos morar aqui. Então fomos morar em um quarto que havia na casa onde passávamos o dia. Nossas camas tinham sido doadas pelo hospital e ficávamos ali em formação e rezando.

Na época em que morávamos em Lorena, tínhamos uma manhã todinha de estudo da Palavra e de oração, e ali Deus falava, curava, corrigia e promovia muitas reconciliações. Hoje vejo que essa época foi o nosso alicerce.

Em Queluz, pela manhã, vivíamos a parte da espiritualidade, e à tarde fazíamos os trabalhos da casa: fazer café, lavar a louça, buscar o leite etc. Depois começávamos os momentos de oração, com o dia e a noite de louvor.

Eu fui uma das últimas a sair de Queluz. Fiquei lá por quase 6 anos. Os outros foram sendo remanejados. Nessa época, eu trabalhava com a formação e, muitas vezes, como não tínhamos material, rezava à noite pedindo para Deus inspiração para saber o que ensinar às pessoas, pois, apesar de o padre estar sempre junto, havia momentos em que ele tinha que se ausentar. E assim aprendemos a rezar, a crescer na fé e a ouvir Deus.

Meu tempo de formação foi com a Palavra, com a Bíblia. Foram tempos intensos de exercícios dos dons carismáticos e levávamos muito a sério o que Deus falava. Inclusive, tudo o que o Pe. Jonas falava naquela época, hoje, faz todo o sentido.

Tínhamos muitos momentos de oração, nos quais a formação nascia e surgiam as direções que Deus queria que tomássemos. Aprendemos a dobrar os joelhos, falar com Deus e fazer a experiência de ver nos fatos a resposta de que precisávamos para viver naquele momento.



# Maranathá

Monsenhor Jonas Abib

“**E**TU, MENINO, SERÁS CHAMADO profeta do Altíssimo, porque irás à frente do Senhor, preparando os seus caminhos” (Lc 1,76). Esse versículo caiu em meu coração e sempre senti que ele tinha um efeito especial sobre mim. Não estou dizendo que o versículo é meu, veja bem, mas que ele sempre me atingiu de uma maneira diferente.

João Batista não sabia, naquela época, nada sobre a vinda do Senhor, do modo como a pregamos hoje, mas esse versículo, que se referia a ele, me guiou em minha preparação para a ordenação: “E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque irás à frente do Senhor preparando os seus caminhos, dando a conhecer a seu povo a salvação, com o perdão dos pecados” (Lc 1,76-77). Esta é a nossa missão: anunciar ao povo a Salvação do Senhor e Sua vinda.

Hoje em dia pedimos, toda vez que rezamos o Pai-Nosso: “Pai nosso, que estais nos céus, venha a nós o vosso Reino”. Quando pedimos o Reino, na oração que o próprio Jesus Cristo

nos ensinou, é a Sua vinda que estamos pedindo. E nós precisamos diariamente, várias vezes por dia, pedir que venha a nós o Reino do Senhor.

Na tradição judaica, quando era celebrado um casamento, havia sete dias de festa. A noiva, antes de consumir o matrimônio, se retirava em um lugar distinto de onde o noivo aguardava para se preparar, levando o tempo que fosse necessário. O noivo só podia entrar nesse lugar quando ela dissesse “venha”. Entrar antes disso era uma violação, e ele poderia até mesmo ser preso.

Nós também precisamos dizer ao Senhor que estamos prontos, estamos O aguardando. Ele está respeitando nosso tempo de preparação, por isso precisamos chamá-Lo: “Maranathá, vem, Senhor”.

“Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas. Na terra, as nações ficarão angustiadas, apavoradas com o bramido do mar e das ondas. [...] Então, verá o Filho do Homem, vindo numa nuvem, com grande poder e glória. Quando estas coisas começarem a acontecer, levantai-vos e erguei a cabeça, porque a vossa libertação está próxima” (Lc 21,25.27-28).

Não nos esqueçamos em nenhum momento: Deus há de vir, e nesse dia haverá nosso julgamento. Busquemos, portanto, viver como Ele nos ensinou, para que essa profecia do Evangelho de Lucas se cumpra em nós e possamos receber o Senhor de cabeça erguida.

Ouvi falar, Senhor, da tua fama, aprendi a respeitar as tuas obras, ó Senhor. Faz tudo reviver agora nesses anos, mostra tudo

nesses tempos. Mesmo irado, não te esqueças do perdão! Nosso Deus vem dos lados de Temã, surge o todo santo na montanha de Farã. Seu esplendor cobre o céu, o seu louvor enche a terra. Seu brilho é como o clarão do dia, saem raios das palmas de suas mãos, aí está guardada a sua força. Caminha a peste adiante dele e, no seu rastro, a epidemia. Quando ele para, estremece a terra. Dá uma olhada, os povos tremem. As montanhas eternas esboroam, as serras antigas se desmancham. Sempre foi assim seu caminhar (Hab 3,2-6).

Nessa oração, o profeta Habacuc destaca que o céu se enche com a majestade do Senhor, e a terra com a Sua glória. Seu esplendor é fulgurante como o sol, saem raios de Suas mãos.

Sempre que leio essa profecia, atrai especialmente minha atenção o que o profeta fala sobre as mãos do Senhor: “Saem raios das palmas de suas mãos”. Santa Faustina também destaca isso para nós: “Jesus virá, e das Suas mãos chagadas sairão raios”. São os raios de poder, raios de misericórdia! O Senhor virá, haverá um julgamento, mas Ele tem para nós Sua misericórdia. Como um véu, Seu poder vitorioso se estenderá sobre o mundo para salvar o Seu povo. Confiemos nisso.

O profeta Habacuc continua em sua oração:

E, mesmo que a figueira não renove seus brotos, mesmo que a parreira deixe de produzir e venha a falhar a produção de azeitonas, se as pastagens nada mais tiverem para alimentar o gado, se as ovelhas desaparecerem dos pastos, mesmo que não haja mais gado no curral, estarei feliz no Senhor, cantando a Deus, meu salvador (Hab 3,17-18).

Nesses versículos, Deus nos exorta a confiar na Sua providência. Precisamos confiar que Deus vai nos dar o necessário, por mais difícil que tudo possa parecer.

Veja que a profecia fala de tempos difíceis, do fim dos tempos, em que passaremos por grande tribulação: a figueira não floresce, a vinha não dá frutos, a oliveira não dá mais o azeite, nos campos não há comida, não há ovelhas nos apriscos, nem gado nos currais. Mesmo assim, eu me alegro no Senhor, exulto em Deus, meu Salvador.

Na Canção Nova, vivemos na prática a confiança na *misericórdia* e na *providência* de Deus. Eu sei, com clareza, que é preciso viver assim, não há outro jeito, porque “o Senhor Deus é minha força, ele me dá pés ligeiros como os da gazela e me faz caminhar nas alturas” (Hab 3,19).

# Deus cuida de nós

Dona Isabel

CERTA VEZ, TIVE A visão de um campo muito grande, cheio de pontinhos amarelos brilhando como se fossem estrelinhas. Brilhavam por toda parte naquela terra arada, e eu pensei: “Meu Deus, me dá o discernimento. O que pode ser esse campo cheio de estrelinhas?”.

Então aquela visão foi mudando, e aquelas estrelinhas tornaram-se moedinhas de um real que brilhavam, mas, conforme fomos avançando, elas foram ficando para trás. Fiquei pensando: o que está ficando para trás?

Monsenhor Jonas Abib tem uma pregação chamada “Deus cuida de nós”, na qual diz para tomarmos cuidado com o mundo, porque, daqui a uns dias, vamos ter que correr atrás dele. Ele explica nessa pregação que a evolução vai ser tão grande que, por mais que corramos, não conseguiremos alcançar o mundo. A modernidade vai nos aprisionar, nos deixar para trás, por isso temos que ter muito cuidado. Na minha visão, a modernidade deixava para trás as moedinhas da Canção Nova.

Veja, não é que o povo tenha perdido o amor. Perdeu, na verdade, o contato, porque os relacionamentos estão ficando muito virtuais. Antes, o pessoal da Canção Nova dizia na Rádio que precisava fechar a campanha, e as pessoas se mobilizavam. Havia um rapaz que trabalhava em uma fazenda bem longe de onde eu moro, mas ele vinha de trator até minha casa.

– Ouvi a Luzia falar no rádio que estão fazendo uma recata... Disse para procurarmos um arrecadador – ele explicava.

Ele vinha com um saquinho de moedas que arrecadava na fazenda e, então, eu ia entregá-las na cidade.

Uma vez, Monsenhor Jonas deu um escapulário para cada um. Foi como se o povo estivesse ganhando um milhão de reais, algo extremamente precioso, uma pedra de ouro, tamanha foi a importância daquele gesto do padre. Era o mais barato, mas o importante não era o valor material, e sim o gesto do Monsenhor, o fato de que era um presente dado por ele.

Com efeito, o Senhor cuida de nós em cada detalhe.

# Somos salva-vidas!

George Lima

**O** ANO ERA 2016. SAÍA do meu discipulado em Queluz, onde tínhamos aprendido e tocado na força do carisma e da fraternidade através de tempos fortes, e no qual fomos apresentados a esta frase dita pelo Monsenhor Jonas anos antes: “somos salva-vidas”. Deixava a Casa de Maria e seguia para Nazaré, lar de formação dos candidatos às ordens sacras na Canção Nova.

Na segunda metade de 2016, experimentaria, ao lado dos meus irmãos, a força desta expressão: somos salva-vidas. Estávamos em festa com a ordenação de novos padres da Comunidade, entre eles o coordenador de nossa casa, padre Edson de Oliveira. Dois dias após a cerimônia presidida por Dom João Inácio, saíamos cedo de Cachoeira Paulista. O sol ainda não tinha raiado e as primeiras luzes do dia começavam a rasgar o céu. O corpo ainda estava se recuperando de dias intensos de trabalho, mas felizes em poder participar de mais um momento importante: a primeira missa do padre Edson. O destino? Bom Jesus do Itabapoana.

## *Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

Mas, algumas horas depois de deixarmos a Chácara de Santa Cruz, Deus refez nossa rota. Digo Deus porque assim aprendemos na Canção Nova: Ele, em Sua Divina Providência, está no controle de todas as coisas. Um dos dois veículos em que estávamos virou em uma curva, tombou e foi atingido por um caminhão que vinha em direção oposta.

Ainda escuto o motorista de nosso carro dizendo, ao olhar pelo retrovisor: “Meu Deus! A ‘kombi!’”. Paramos o mais rápido possível no acostamento da estrada e cada um assumiu uma função. Um cuidava do carro onde estavam todas as nossas coisas; outro fazia sinais na estrada para evitar novas colisões; e a maioria virava a kombi, tentando tirar os que ainda estavam dentro do veículo, sem comprometer os que estavam em estado mais grave.

Ali, sem curso preparatório de primeiros socorros, precisávamos ser os “salva-vidas” dos nossos irmãos. A maioria conseguiu sair, porém outros três, em estado mais delicado, não saíram: um deles, consciente, mas preso às ferragens; o outro, em choque, reagindo como conseguia; um terceiro, inerte, sem reações. Recebemos ajuda de pessoas que passavam na estrada e se compadeciam de tudo. Elas ligaram para o socorro médico, levaram-nos ao hospital, deram-nos comida... Foram presenças concretas da Providência Divina e de Sua infinita misericórdia, as quais não nos desamparam, mesmo nos momentos mais difíceis. Nosso muito obrigado!

Horas depois, saberíamos da páscoa deste último: Tiago Antunes Souza, 28 anos. Um irmão do meu discipulado.



Sofremos. Choramos. Celebramos na casa paroquial que nos acolheu com o coração carregado por duplicidade: um gosto amargo da despedida regado, paradoxalmente, pela esperança da ressurreição, da vida eterna a qual o Tiago tanto desejava.

Mas o relógio da vida corria e nossa missão “salva-vidas” ainda tinha outras frentes. Internado em um hospital, o Felipe; em estado mais grave, quase sem esperanças médicas, em outro hospital, o Willian. O luto precisava dar lugar à outra forma de salvar vidas: se na estrada foi aquela tentativa de tirar os irmãos das ferragens, agora nos restava, em nossa incapacidade humana, contar com a força de Deus pela oração. Com a graça de Deus, os dois saíram do hospital e, como salva-vidas que são, continuaram suas lutas e desafios na caminhada em Deus.

Mas, antes, chegava a hora de voltarmos para Cachoeira Paulista. No caminho, era preciso passar pelo mesmo ponto do acidente. Confesso que apenas fechei os olhos, nem tanto por medo, mas para que ali, de alguma forma, alcançasse a alma do irmão que havia perdido e do qual nós não conseguimos nos despedir no velório – essa missão ficou para tantos outros irmãos que se dirigiram a Bataguassu consolar a família do Tiago.

Na chegada à chácara, ainda com o Willian internado, éramos nós que também precisávamos ser salvos: salvos das dores emocionais, do desgaste físico que passamos por cerca de 48 horas, pelas quais vimos nossa rota ser redirecionada e nossas consagrações transformadas por uma visita de Deus, como nos ensina nosso pai fundador.

Ali, quase no fim do dia, por volta de onze da noite, chegávamos a Nazaré. E ali nós fomos mais uma vez alcançados pelo socorro de Deus. No interior da casa, padres, solteiros, celibatárias, casais, irmãos nos esperavam em silêncio. De fato, não era de palavras que precisávamos ali, naquele momento, mas da Comunidade, do amor de corpo que o padre Jonas nos ensinou. E, sem dúvida alguma, provamos da força da fraternidade, do poder de ressurreição do carisma presente em cada membro que perpetua a graça do Carisma Canção Nova.

Bem, essa história não termina aqui. Cada um a seu modo foi e ainda vive lutas subsequentes ao acidente. Outras ajudas foram chegando. Mais experiências de fraternidade, de oração, como o SOS liderado pelo Monsenhor Jonas em favor da vida do Willian e da recuperação do Felipe.

Mas o que aprendi com tudo isso, e na Canção Nova se aprende e se ensina com aquilo que se vive, foi que Deus não nos abandona e investe em cada um para a salvação de outros. Expressões como “companhia de pesca” e “salva-vidas” são faces de uma única missão nos confiada por Deus: salvar almas, a qual foi confiada a nós, como Comunidade, mas também é comunicada a cada cristão. Cada um de nós é chamado a ser salva-vidas, à medida que deixamos que Deus vá salvando também a nossa.

Que assim seja, até que chegue o dia em que encontraremos no Eterno o descanso de nossa missão! Até lá, “somos salva-vidas!”.

# Meu chamado para a Canção Nova

Maria Terezinha Rozário

**V**OU TENTAR COLOCAR AQUI o que tenho guardado vivo na minha lembrança, pois todas as vezes que eu olho para tudo o que eu vivi e experimentei, não tem como o meu coração não vibrar e ter a certeza de que fui criada por Deus para viver esse carisma.

Quando eu conheci a Canção Nova, tinha 28 anos. Na época, fui fazer uma visita para a minha tia Ana, que estava escutando a Rádio Canção Nova, e ela me perguntou: “Terezinha, você conhece a Canção Nova?”. Respondi que não conhecia.

Minha tia ficou surpresa com a minha resposta e me disse: “quando você chegar em Vinhedo, vá procurar um grupo de oração”, e foi o que eu fiz. Isso ocorreu no final de outubro.

Em janeiro de 1999, o meu irmão comprou uma parabólica, pois eu queria ver as missas do padre Marcelo Rossi, e quando o técnico veio instalar a antena, o primeiro canal que

pegou foi o da Canção Nova. E a partir daquele dia era só a Canção Nova. Este fato aconteceu bem nos dias em que as pregações eram voltadas ao chamado e o Monsenhor perguntava quem queria dar um ano da sua vida pela missão, e eu, em casa, me colocava em pé e dizia: “eu quero”, falando para mim mesma que um dia diria o meu “sim”.

Um dia, chegando do trabalho, liguei na Canção Nova e o Monsenhor Jonas estava falando da história do chamado, e no meio da pregação ele parou e disse: “Você que está em casa, Jesus me diz que Ele não te preservou até agora à toa, Deus tem algo maior para você”. Aquilo mexeu tanto comigo, porque eu já estava me questionando sobre o que Jesus queria de mim, que, quando foi à noite, eu sonhei que uma freira me entregava um hábito cinza e eu falava que queria branco. Diante deste sonho, vi que Jesus me chamava.

Nessa época, eu participava do grupo de oração da TV Século XXI, que antes era Associação do Senhor Jesus, e lá pedi para Jesus ser mais claro comigo. Mal tinha acabado de pedir, um servo do grupo falou assim: “Você que está em dúvida quanto a seguir Jesus, Ele pede para lhe falar isso: deixe as coisas do mundo, deixe a sua casa, se aprofunde no meu amor, no meu conhecimento, segue-me, segue-me, segue-me”. Naquela hora comecei a chorar e no meu coração ecoava Jesus me chamando para ser freira.

Passados três anos, comecei o caminho para a Comunidade em Paulínia. Na época eu fazia para ser núcleo, mas Deus me queria como Segundo Elo. Entrei para a Comunidade em 2008.

No meu primeiro voto como discípula, Jesus me surpreendeu. Monsenhor pediu para que as casas de missão que ficavam perto de Cachoeira Paulista fossem fazer o Compromisso lá, e no dia 02 de fevereiro de 2008 eu estava em frente ao Monsenhor Jonas fazendo o meu compromisso como missionária do Segundo Elo.

Outro fato que me marcou aconteceu no Pertença, quando a música “Senhor, meu amigo”, do Monsenhor Jonas, me remeteu ao pedido de Jesus lá no grupo de oração da Associação, e ali entendi que todas as vezes que saía para evangelizar também estava deixando tudo por Jesus.

Vários foram os fatos que me marcaram na Canção Nova e que me impulsionam a lutar e buscar ser fiel para espalhar o perfume de Cristo. Quero dizer que eu amo Jesus com toda força do meu coração e da minha alma, e amo também o Monsenhor Jonas do fundo do meu coração e busco e luto para ser fiel e santa como o Monsenhor, meu pai querido, tem nos pedido. Tenho muito ainda para crescer, mas quero corresponder ao chamado que Jesus me faz nesse carisma lindo que me confiou.

“Que o Espírito Santo seja o nosso protagonista”. Deus os abençoe pelas mãos de Maria, nossa mãe e educadora.



# Meu encontro pessoal com Jesus

Bruno Dias

**F**UI RESGATADO POR DEUS no carnaval de 2007, na Comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista. Exausto de tanto me consumir no mundo, desmotivado com as constantes cabeçadas que se repetiam constantemente e frustrado comigo mesmo, fui sendo impulsionado e conduzido pelo Espírito Santo a me inscrever naquela excursão, partindo para aquela angustiante viagem que viria a ser o grande divisor de águas da minha vida.

Um fato engraçado na partida daquele ônibus foi que, ao descer do carro dos meus pais, que permaneciam incrédulos na minha partida para aquele tipo de carnaval, uma vez que eles sempre haviam testemunhado a minha presença nos carnavais mais agitados do Brasil, percebi que as pessoas que seguiriam comigo eram divididas, em sua grande parte, da seguinte maneira: ou jovens bem mais jovem do que eu, ou o grupo da

terceira idade. Por pouco não voltei correndo para o carro. Hoje tenho a certeza de que era o Espírito Santo me segurando, para garantir que, daquela vez, eu não deixaria de comparecer ao encontro mais marcante da minha vida.

Lembro-me bem da angústia vivida naquele ônibus, pois, de Campos dos Goytacazes para Cachoeira Paulista, foram mais de oito horas de viagem. Outro fato que me marcou muito foi a chegada à Canção Nova. Parecia um formigueiro, um mar de pessoas entrando por aquele portão principal, subindo aquela rua, e depois tomando diferentes caminhos na chácara. Fui, literalmente, empurrado por aquele fluxo, mas, estranhamente, fui trilhando o caminho que me levaria exatamente para a capela.

Ainda anestesiado por estar vivendo algo tão novo, tão diferente, parecia não acreditar no que estava acontecendo, até que, de repente, aquela pequena multidão de pessoas que seguiam à minha frente parou, e, quando percebi, eu estava na fila dos que desejariam adentrar na capela. Era tanta gente que era preciso aguardar o sair de alguns para que os próximos pudessem ter a chance de entrar.

Naqueles minutos, muitas ideias passaram na minha cabeça, principalmente muitos questionamentos e dúvidas, até mesmo um sentimento de rebeldia e indignação por estar ali, ao invés de estar naquele momento de sunga, com uma lata de cerveja bem gelada nas mãos, com amigos, pulando carnaval. Mas o mesmo Espírito Santo que evitou minha fuga no momento da partida daquele ônibus também me manteve ali, com a musculatura travada, limitada apenas a dar passos lentos em



direção à capela. Uma enorme angústia se apoderava de mim, e um nó atravessava minha garganta. E assim se deu, até que a minha vez de entrar na capela havia chegado.

Estava muito calor em Cachoeira Paulista, e a capela mantinha as portas semiabertas, pois estava refrigerada em seu interior. Finalmente, entrando ali, percebi logo que não havia lugares para sentar, apenas o corredor central, com várias pessoas no chão, e, quando vi, havia sido empurrado, e, ao olhar para frente, estava diante de Nosso Senhor Ressuscitado. Foi então que senti meus joelhos se dobrarem, e um peso incontável sobre a minha cabeça me fez encostar a testa no chão, ajoelhado, diante de Deus, em pleno carnaval. Ali eu vivi o meu encontro pessoal com Deus.

Ajoelhado, com a fronte no chão, pesado pela vida que levava e destituído de qualquer proteção, chorei profundamente. A princípio, senti-me compelido a chorar para desatar aquele nó que travava a minha garganta. Em seguida, Deus me fez recordar muitos momentos vividos, bons e ruins, mas todos vividos durante anos, onde os convites do mundo eram aceitos por mim com a facilidade de quem aceita um copo de água pelo simples prazer de matar a sede. Pude me recordar de muitos excessos cometidos por mim, pude enxergar muitos livramentos que recebi de Deus, pude me arrepender de ter ferido e magoado muitas pessoas. Era como se uma venda tivesse sido desamarrada da minha vista, e eu podia, então, enxergar com clareza as escolhas erradas que havia tomado durante anos.

Quando essas lembranças terminaram, senti meu corpo relaxar, minha energia voltar e tive vontade de levantar minha cabeça do chão. Não mais me sentia pesado, nem envergonhado, nem inseguro e indefeso, mas foi, então, que, ao olhar novamente para Deus, frente a frente, fui dominado por um amor incontrolável, uma gratidão eterna.

Olhando para o Senhor, percebi o quanto tinha para agradecer, pois por anos e anos afastado, entregue a uma vida desenfreada e individualista, estava claro para mim que o Senhor se manteve por perto, livrando-me muitas vezes de desgraças, acidentes e, até mesmo, da morte. Naquele momento, olhando para Deus, desejei me entregar por inteiro a Ele, como forma de agradecer por tanto carinho, por tanta paciência Dele para comigo durante tantos anos, até que aquele nosso encontro ocorresse.

O meu desejo de mudança naquele momento era enorme, mal conseguia caber dentro de mim, mal conseguia me conter. Percebi que novamente o choro voltava a visitar o meu rosto, mas sentia agora se tratar de um choro alegre, leve, acredito ter sido, para mim, o choro da ressurreição. Eu me levantava ali, agradecido, como um soldado que teve a sua vida poupada num campo de batalha, amando como nunca havia amado alguém: meu Deus, meu Salvador.

Eu estava me levantando após horas naquela capela, decidido a mudar, decidido a me deixar ser transformado, desejoso por ser de Deus. Esse foi o fato mais marcante presenciado por mim na Canção Nova: meu encontro pessoal com Jesus Cristo

Ressuscitado. Por isso aquela Comunidade passava a ter para mim um significado imenso de carinho e gratidão. Ali, pela primeira vez na vida, eu me encontrei com Jesus.

Antes desse meu encontro pessoal com Deus acontecer, eu vivia uma vida normal aos olhos do mundo. Nasci e cresci numa família unida, de classe média, e estudei em boas escolas. Desde pequeno, era incentivado por meu pai a fazer esporte, tirar boas notas e respeitar as autoridades. Minha mãe era aquela figura protetora, poderia ser comparada com aquela galinha que, se pudesse, nunca permitiria que os pintinhos saíssem debaixo de suas asas. Cresci nesse meio, era uma criança divertida, apesar de muito levada.

Minha adolescência foi marcada por duas etapas. A primeira, a minha pré-adolescência, onde o núcleo familiar era onde eu gostava de permanecer; e a segunda, após meus 15 anos, durante a qual passei a frequentar as noitadas e a viver muitas experiências mundanas. Como acontece em muitas famílias, as reuniões familiares eram sempre acompanhadas de muita cerveja e muita música secular. Então, ao sair para frequentar as noites, rapidamente tomei gosto pela bebida.

Eu era um jovem bonito, divertido e bem disposto. Tive uma namorada muito querida, mas, por morar distante da minha cidade, passei a experimentar aventuras com outras meninas, mentindo com frequência para ela. Essa fraqueza, mais tarde, levar-me-ia a experimentar dores profundas, pois cresci em um meio onde diziam que o homem não podia se entregar nunca; pelo contrário, precisava mentir e desmentir

os fatos ao seu favor, sempre que necessário. Essa cultura me levou a criar raízes profundas de egoísmo, um comportamento extremamente machista e individualista.

Depois dessa, tive mais quatro outras namoradas, ao longo de cinco anos. E, uma após a outra, o caminho sempre me levava ao sofrimento, consequência de comportamentos viciados e uma cultura deturpada. Com os amigos, dividia o papel de liderança, daquele que sempre tomava a iniciativa, organizava, animava e reunia o grupo. Vivíamos muitas experiências juntos, principalmente sair à “caça” nas noitadas, muito ricas em animação e meninas. Com a família, eu era muito carinhoso, promotor da união e dos encontros familiares, tido como um dos que sempre estava soltando uma piada para animar a todos; aliás, falar demais e me encher de autoconfiança eram as minhas maiores qualidades, mas também meus piores defeitos.

Nos estudos, sempre fui um aluno mediano, e, ao contrário dos meus irmãos, precisava estudar muito para absorver os conteúdos das matérias e tirar boas notas. Por um tempo, isso me deixou revoltado, mas, depois, essa revolta se transformou em automotivação para que eu pudesse alcançar todas as conquistas que eu viria a conseguir por meio dos estudos, sendo a principal delas o meu ingresso na faculdade. Assim eu fui formando a minha personalidade, com destaque para algumas características evidentes desenvolvidas ao longo dos anos.

Após meu encontro pessoal com Cristo, no carnaval de 2007, tomei a decisão mais séria da minha vida. Eu iria mudar, iria renunciar à vida velha, aos velhos vícios, abandonar os com-

portamentos que, por muitos anos, levaram a me distanciar de Deus. Eu queria romper com o mundo. Essa virada de mesa era muito clara para mim, apesar da grande angústia que passava a me visitar em alguns momentos, levando-me a questionar de que jeito eu iria começar a viver tudo isso. Mas, graças a Deus, uma paz voltava a reinar em meu coração logo após esses momentos de angústia, trazendo a certeza de que aquele mesmo Deus que me levou, sozinho, para encontrá-Lo naquela capela, em pleno carnaval, que me olhou nos olhos, amou-me, perdoou-me, curou-me e retirou de mim tantos pesos desnecessários iria me acompanhar e me conduzir a partir de agora, fortalecer-me e me transformar para viver próximo Dele, viver Seus projetos e aprender uma nova forma de amar e de servir.

Depois que voltei daquele carnaval, procurei me aproximar da igreja, especialmente da Casa de Missão da Canção Nova na minha cidade, pois foi por meio desta comunidade que Deus escolheu me chamar. Os primeiros dias foram difíceis para mim, pois, de volta à rotina, à família e aos amigos, tudo me dizia que seria impossível não reviver os mesmos hábitos, os mesmos comportamentos. Mas Deus me acalmava e me convidava a dar um passo de cada vez. E, dia após dia, Deus me surpreendia com Sua forma de me conduzir. Ele me apresentava situações para me fortalecer e amparar e preparava para mim uma grande surpresa.

No meu coração, Deus iria me preparar e me daria a chance de viver uma nova fase, com uma nova pessoa. Mas, para minha surpresa, a minha última namorada seria a pessoa que

Deus havia escolhido para permanecer comigo e construir os projetos do Senhor. O problema era que, naquela ocasião, a Larissa e eu havíamos terminado tão machucados que a nossa humanidade nos dava a certeza de que seria impossível fazer florescer qualquer planta naquele jardim tão pisoteado, tão triste e mal tratado.

Nossa história havia começado no primeiro dia de aula da faculdade. Quando entrei na sala de aula e a olhei, meu coração, disparado, já me falava que não se tratava de uma garota qualquer, mas que seria alguém muito especial na minha vida. Muito contaminado por um comportamento demasiadamente conquistador, não consegui, naquela ocasião, enxergar o sobrenatural de Deus para a nossa vida. Passados alguns meses, aproximamo-nos e fomos nos conhecendo. Iniciamos um namoro ainda no primeiro ano de faculdade, mas, dentro de mim, uma voz gritava: “não faça isso agora! Você não tem condições de levá-la a sério”. Porém o carnal falava sempre mais forte em mim, e, em pouco tempo, estaríamos apaixonados um pelo outro.

Contudo, apesar de encontrar na Larissa todas as características que me fariam ficar encantado por uma mulher, eu não era bem resolvido comigo mesmo. Existia dentro do meu peito um vazio tão grande, um desejo de me encontrar, de me preencher, que me fazia procurar, em vão, nas noitadas algo que eu só iria encontrar anos depois naquela capela. Mas Deus nos permitiu o reencontro, mesmo eu tendo a impressão de não ser esta a Sua vontade, pois cada vez que encontrava a Larissa

sentia o quão magoados e rancorosos ainda estávamos. Mas Deus, encontro a encontro, dia a dia, fazia algo novo acontecer dentro de nós.

A Larissa percebeu, então, uma mudança diferente em mim. Dessa vez eu não fazia promessas, nem me defendia, apenas testemunhava e dividia com ela o que me acontecera e como aquele encontro havia me tocado profundamente, a ponto de não conseguir continuar sendo o mesmo de antes, nem que eu quisesse.

Passsei a não sentir mais vontade de sair para lugares com propostas no prazer da carne, nem em dar risada à custa dos outros, nem tinha mais vontade de compartilhar de assuntos mundanos com amigos ou parentes. Foi muito difícil para mim, pois quem havia mudado era eu. E, por mais que eu quisesse gritar para o mundo ouvir o quanto Deus é maravilhoso e que qualquer dia longe da presença Dele é perda de tempo, eu não podia fazer isso, pois ninguém iria entender, ainda mais se tratando de mim, que sempre levantei a bandeira da liberdade e era o primeiro a organizar e animar festas. Como, agora, algum amigo ou parente iria entender e aceitar uma mudança tão radical? E conviver com isso foi, e continua sendo, difícil para mim, pois ainda moro na mesma cidade onde fui criado, onde cresci e desenvolvi amizades e relacionamentos e onde sou conhecido por muitos.

Certa vez, recentemente, fui a um casamento de um amigo de infância. E, nessa oportunidade, a Larissa não pôde estar me acompanhando. Mas fui assim mesmo, pela insistência do amigo

e porque meu coração pediu para rever todos aqueles que eu sabia que iria encontrar naquele evento. Então, ao encontrar uma ex-namorada, ela me dissera estar muito surpresa, pois, há anos, não me via, e quando ouvia falar de mim nos encontros de turma, diziam que eu havia mudado radicalmente, estava muito estranho e que havia virado pastor. E concluiu dizendo que estava feliz por me rever e que eu não estava gordo nem feio, como ela imaginava me encontrar.

Além desse relato, pude experimentar, naquele casamento, a surpresa de vários outros amigos de infância, que, assim como ela, há anos estavam sem me ver nos encontros de turma ou nas noitadas. Parecia que todos me observavam, buscando encontrar em mim a razão para tamanha mudança de comportamento. Mas somente aqueles com os quais tive a oportunidade de conversar por mais de dez minutos em particular perceberam o quão feliz e realizado eu estou na minha escolha de vida.

Aquela ocasião também foi uma confirmação para mim, pois vi ali, naquela festa, tantas pessoas tão queridas reunidas, mas com os mesmos velhos hábitos e comportamentos. Então, nesse exato momento, senti o mesmo sentimento que sentia no auge de cada noitada que vivi: ausência de Deus, e por esta razão as consequências, muitas vezes, são a confusão e o desequilíbrio. Mas me serviu de lição, pois se a minha decisão é viver segundo a vontade de Deus, preciso continuar evitando certos tipos de ambientes. Não as pessoas, pois estas continuam sendo importantes para a minha vida.



Hoje estou casado há 12 anos com a mulher que Deus escolheu para mim e a amo muito. Temos três lindas filhas, frutos desse amor misericordioso e bondoso de Deus para conosco. Sou consagrado Segundo Elo na Comunidade Canção Nova, juntamente com a Larissa, graças a Deus. Vivo uma luta diária em busca da santidade que Deus tem para mim. Sou provado a cada dia, nas mais diferentes situações e intensidades, como qualquer pessoa. A principal diferença foi que, após ser olhado nos olhos por Deus, fui perdoado amorosamente de todos os pecados e de todas as transgressões que eu havia cometido e tive um arrependimento sincero, tão grande que me fez dizer SIM a Deus, fez-me desejar segui-Lo mais de perto, fez-me pedir a Ele para continuar me transformando e me curando, para que eu possa continuar a segui-Lo e a corresponder ao Seu amor por mim.

Hoje sei que recebi de Deus um chamado, e por amor e gratidão disse “sim” a Ele, disse “eis-me aqui, Senhor”. Desde então, e sabendo de todos os riscos que corremos enquanto caminhamos neste mundo, esforço-me para permanecer bem próximo de Deus. E a Canção Nova foi e tem sido o meio escolhido por Deus para que eu fosse resgatado e onde Deus me deseja caminhando com Ele, formando-me constantemente e me transformando no novo homem que desde sempre Ele sonhou para mim.

Por isso partilho um pouco da minha história com essa Comunidade tão amada, obra de Deus na minha vida e na vida de tantos milhões de outros irmãos e irmãs espalhados e resga-

*Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

tados por Deus. Por amor e por gratidão, coloco-me a serviço da evangelização, pois, na Canção Nova, somos evangelizados para evangelizar. E finalizo pedindo que você, meu irmão ou irmã de Comunidade, ore por mim e por todos que, como eu, lutam para permanecerem fiéis a esse chamado. Somos felizes, pois correspondemos à nossa vocação. Jesus, eu confio em vós!

# É hora de voltar para Deus!

Christian Moreira

**D**EPOIS DE ESTAR PARTICIPANDO ativamente da Renovação Carismática Católica por mais de cinco anos, eu já era coordenador de um grupo de oração, pregador e membro da coordenação local dos grupos na paróquia em que residia, em Fortaleza-CE. Eu não conhecia a Canção Nova, mas, sim, o padre Jonas: seja pelos LP's "Vem louvar", seja pelos K7's de suas pregações.

No entanto, como nos exorta a Palavra: "aquele que está de pé, veja para que não caia" (1Cor 10,12), eu não estava tão atento assim. Atravessava uma crise no namoro que tinha com uma jovem, também da RCC, havia acabado de passar na Faculdade de História na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e tinha discordâncias com o nosso coordenador geral. Tudo isso foi o roteiro da minha queda: abandonei tudo. O

namoro terminou, larguei o grupo e resolvi viver o “*Carpim Diem*” (aproveitar o dia).

Passei a viver tudo aquilo que o mundo me oferecia e proporcionava. Tudo que lhe era normal. O “comum dos homens”. Para completar o cenário, tive um episódio neurológico, ainda hoje inconcluso para a medicina, que meu deixou por 24h com o lado direito do corpo paralisado, afetando meus movimentos, visão e fala. A recuperação foi lenta. Nesse tempo de convalescência, recebi poucas visitas dos irmãos da RCC e muitas dos meus alunos (já havia começado a dar aulas). Obviamente já tinha encontrado ali a quem destinar a minha revolta: RCC. Tornei-me um perseguidor, um crítico, um cético quanto aos dons, aos carismas e à própria RCC. Para mim, naquele momento, era tudo teatro e pouca verdade. Alardeava que se tinha uma visão utilitária das pessoas, e que, portanto, elas podiam ser descartadas.

Foi nessa circunstância em que, pela Providência, reencontrei aquela que foi minha namorada, noiva e, graças a Deus, minha esposa. Digo reencontrei, pois já nos conhecíamos: tínhamos estudado juntos por nove anos, da antiga alfabetização até a oitava série. Ela sempre do meio da sala para frente, e eu do meio para trás.

Com ela, voltei à regularidade das missas dominicais e acabamos entrando em um grupo de canto litúrgico na paróquia. Neste grupo, cantávamos nas missas, saímos para restaurantes, questionávamos as decisões do pároco, íamos para carnavais... Só não rezávamos. E foi nesse ambiente que Deus começou a

me inquietar. Às vezes, após a comunhão, eu O sentia me pedindo um momento de adoração com a comunidade paroquial. Demorou... Resisti... Primeiro falei com a Sorelia (já estávamos noivos), depois me arrisquei e falei com o grupo de música. Eles acharam legal e tudo, mas nada.

Em 2004, quando já estávamos casados, tivemos um desentendimento interno e nós e mais um casal, o qual já tinha sua experiência de Igreja majoritariamente vivida nas CEB's (Comunidades Eclesiais de Base), saímos do grupo de música e iniciamos as adorações na Capela de São Francisco.

Já no segundo encontro eram mais de quarenta pessoas. A adoração durava cerca de uma hora. Cantávamos e rezávamos diante do Santíssimo Sacramento. Até que um dia, após encerrarmos, uma senhora se aproximou e disse: “olha, tô gostando demais. Mas quando vai ser o seminário?”. Aquela pergunta despertou a minha ira. Respondi a ela: “Senhora, não somos RCC. Não haverá seminário”. Mas outras pessoas também mantiveram essa pergunta sempre no ar: “quando vai ser o seminário?”.

Foi quando, em janeiro de 2005, resolvemos levar dois ônibus para o “Queremos Deus”, que ocorreria no estádio do Castelão e que teria a presença do padre Jonas e do Ricardo Sá. Foram dois ônibus lotados de senhorinhas. Ficamos pertinho do palco, mas no lado do sol. Na verdade, nem senti, pois parecia que o padre Jonas pregava apenas para mim. No final, o Ricardo pediu o microfone, compartilhou a imagem de um anjo que cobria o estádio com suas asas e cantou: “É hora de

voltar pra Deus!”. Aquela melodia entrou em meu coração como uma faca de dois gumes.

Em fevereiro, procuramos a Canção Nova em Fortaleza, pois a missão tinha sido reaberta. Nossa ideia era falar com os missionários (achávamos que eram muitos), para que eles aplicassem o seminário. Pois é, fui vencido pela pedagogia de Deus. De tanto as pessoas perguntarem, o casal que estava conosco, um dia, disse: “se o povo tanto quer, por que não fazemos?”. Aquilo me quebrou. Fazamos então. Mas não com a nossa antiga comunidade. Procuraríamos a Canção Nova.

Foi a única vez que a Comunidade realizou um retiro de carnaval. Lá descobrimos que toda a Canção Nova em Fortaleza se resumia em um único casal: Gonçalves e César Gabatel. No retiro, pedi que o Padre que veio para aquele encontro nos confessasse: era o padre Luizinho. Ele hesitou, dada a quantidade de pessoas do encontro, mas depois aceitou nos confessar na hora de seu intervalo de almoço. E ali foi selado o início de nossa volta para Deus. Mas desta vez dentro do Carisma Canção Nova.

Já se vão 15 anos. Lutas, alegrias, lágrimas, dores nessa caminhada. Hoje somos definitivos. Gosto mais de outra expressão interna: para sempre. Muitos irmãos e irmãs imprimiram suas marcas nessa trajetória. Muitos foram os sinais do cuidado e da pedagogia de Deus em nossa vida. Quanto já aprendemos desse Carisma que está em nós, e quanto já encarnamos dele. Hoje temos dois filhos nascidos dentro do Carisma: a Maryana, de 12 anos; e o Christiano, de 6 anos. Somos Canção Nova.

Sempre que olho para trás e perscruto a minha história vocacional, volto a 2005, no Castelão, no lado do sol, pertinho do palco... E consigo escutar: “É hora de voltar pra Deus, é hora de voltar pra Deus, é hora de voltar pra Deus”. Compreendo a natureza do meu chamado: formar homens novos para um mundo novo. E isso para mim apenas foi possível pelo “sim” do padre Jonas, do Ricardo Sá, da Gonçalina e do César Gabatel, do padre Luizinho e de tantos irmãos e irmãs que deram a vida para que a Vida verdadeira fosse apresentada a mim.

E é assim que eu quero viver. É assim que o Senhor quer que vivamos: ofertando a vida ao ritmo da vida, para, a cada dia, a cada decisão, a cada realização, estarmos constantemente voltados para Deus, pois todo dia, todos os momentos e todos os instante são de voltar para Ele!





# Meu sonho se tornou realidade

Sócia Evangelizadora de Lagoa da Prata - MG

**S**OU SÓCIA E, SEMPRE que venho à Canção Nova, trago novas pessoas comigo. Quando não estou aqui, estou sempre acompanhando pela televisão. Fico impressionada com a programação, com as bênçãos, com a qualidade do conteúdo. Minha televisão fica o tempo todo na Canção Nova.

Há oito anos fui liberta do vício da bebida e agradeço a Deus todos os dias. Eu sempre sonhava com o Monsenhor Jonas, que eu o abraçava, chorava, mas, quando acordava, via que era apenas um sonho. Então, no ano passado, na hora de fechar a porta da misericórdia, ele acabou parando na minha frente, e eu aproveitei o momento:

– Monsenhor, quantas vezes sonhei que te via e te abraçava!

E ele respondeu:

– Minha filha, eu estou aqui, realiza o teu sonho.



# O amor de Deus tem poder para nos curar

Juliana Xavier

**N**ASCI EM 1978, EM Belo Horizonte-MG, e, segundo me contam, fui muito desejada e amada em minha família. Fui a primeira dos três filhos de um casal recém-casado e apaixonado. Porém, desde cedo, tive que lidar com muitas dificuldades. E a primeira foi o sentimento de morte, pois, quando minha mãe estava grávida de mim, no quarto de mês de gestação, ela perdeu seu irmão mais querido (que seria o meu padrinho de Batismo). Ele teve um aneurisma cerebral, entrou em coma e morreu em dois dias. Ela, mesmo continuando a me esperar em seu ventre, sofreu muito por essa perda. Eu nunca soube desses relatos quando criança, e, sem entender, desde a minha primeira infância, não tinha alegria de viver, não era uma criança feliz.

Isso se juntou a outras dificuldades: timidez e mudanças constantes de cidade e escola, ocasionadas por diversos fatores. Aos oito anos veio a separação dos meus pais. Como eu também

era uma criança muito sensível, senti muito a ausência do meu pai em casa nos momentos mais simples do dia a dia e também nas datas especiais, como os natais e aniversários. Por mais que meu pai, um homem honesto e bom, fosse nos visitar, a princípio semanalmente e depois mensalmente, a marca da rejeição me apresentou um lado mais amargo da vida. Minha mãe foi presente e, da melhor forma que pôde, recebendo ajuda financeira do meu pai, criou-nos com muito amor. Mas, mesmo assim, um grande vazio interior e falta de sentido na vida tomaram conta de mim. Sou eternamente grata por todos os cuidados da minha mãe para comigo na infância e adolescência, dia por dia, ano por ano. Mas, mesmo ela dando o seu melhor, eu não tinha respostas para meus sentimentos. E o vazio interior foi aumentando. Eu não me compreendia e não compreendia o sentido de viver.

Eu era uma criança até aparentemente tranquila, quieta, tímida, mas o que ninguém percebia é que eu tinha uma profunda tristeza no meu interior. Até que uma pessoa abusou de mim e, a partir daí, a angústia se juntou ao sentimento de culpa, pois eu não contei para ninguém e fiquei dependente daquilo, sendo ainda criança. Entrei, sem que ninguém percebesse, no vício da masturbação. Até que, chegando à adolescência, comecei a ter, em alguns momentos, vontade de morrer: eu preferia morrer a viver com aquelas tristezas e incompreensões. Não conseguia fazer muitas amizades e, por isso, estava sempre isolada. Essa tristeza só aumentava dentro de mim.

Então comecei a me rebelar contra as ordens da minha mãe e desobedecer-lhe. Foi assim que me iludi com amizades mundanas, homens, boates, shows, festas, bares, bebidas e algumas drogas iniciais. Não perdia uma festa. Arrisquei muito a minha vida e me machuquei mais ainda, pois, se já não me sentia amada, isso só se confirmava: muito barulho, festas e bebidas, mas muita traição e falta de sentido. Isso se estendeu dos doze aos dezesseis anos. Nesse tempo minha mãe, que já era uma mulher de muita fé e oração, rezava constantemente por mim. Sempre que eu chegava à minha casa, no meio da madrugada ou já amanhecendo, ao abrir a porta, deparava-me com ela dormindo, deitada no sofá, com o terço na mão, pois ela ficava a noite toda rezando por mim. Em várias situações eu poderia ter morrido, ou de tanto beber, ou raptada por algum homem, estuprada ou drogada. Eu poderia ter engravidado... Muitas coisas poderiam ter acontecido, e eu nem entendia o porquê de muitas coisas não “darem certo”. Mas hoje eu sei: Deus ouviu a oração de minha mãe e me guardou. E eu seguia, tão jovem e tão promíscua, nessa vida.

Até que um dia minha mãe me convidou para ir com uma caravana à Canção Nova, em Cachoeira Paulista-SP, de 18 a 19 de março de 1995. Iríamos ela, meus irmãos e eu. Na mesma hora eu disse que não iria de jeito nenhum, pois haveria um baile em que minha melhor amiga, na época, iria desfilar. Porém minha mãe insistiu muito e me disse que lá haveria shows e jovens bonitos vindos de várias partes do Brasil...

## Canção Nova Um testemunho vivo e vivido

Eu conhecia a Canção Nova pelo rádio de sete faixas (OC) e, como falava de Deus e rezava, eu detestava, mas pela sua insistência comecei a pensar: “eu vou pra esse lugar e, quando voltar e me perguntarem por que não fui ao baile, direi que fui passear ‘na noite’ em São Paulo capital”. Como nesta época eu morava no interior de Minas Gerais e nunca tinha ido a São Paulo, achei legal contar esta “vantagem” para meus amigos.

Viajamos a noite toda de ônibus e chegamos à Canção Nova no sábado pela manhã. Passei o dia em nossa barraca, na área de *camping* da Canção Nova, junto com um dos meus irmãos, fumando e curtindo o sabadão à toa naquele “lugar arborizado”. Minha mãe e meu irmão mais novo foram participar das atividades do Acampamento de Oração que estava acontecendo naquele fim de semana, mas eu nem passei perto do Rincão, onde tudo estava acontecendo, nem para conhecer. Até que, à tarde, fui à lanchonete para comer algo e percebi que no Rincão havia câmeras filmando e quis ir lá participar para ser filmada e depois me ver nas gravações. Perguntei à minha mãe se ela compraria os, na época, VHT's. Ela disse que sim, que compraria TODOS. Então me animei a participar da missa à tarde.

Após a missa, minha mãe me chamou para irmos ao show que haveria à noite, no mesmo local. Tomei um banho e fomos. Marcou-me muito perceber a alegria daqueles jovens, sem bebida, cantando, sorrindo e dançando para JESUS. Algo diferente do que eu estava acostumada a ver.

Na manhã seguinte, toda decidida a ser filmada, fui sentar logo nos primeiros bancos. No momento da oração da manhã,

às oito horas, a Luzia Santiago e o Monsenhor Jonas começaram juntos a rezar pelas famílias, pela falta do pai, pela falta de amor. E a Luzia falava do amor de Deus, que tem o poder de nos curar. Nesse momento fui tocada no mais profundo do meu ser e senti esse imenso AMOR. Chorei muito. Depois houve a pregação do padre Jonas (hoje Monsenhor) também sobre família, pois era dia de São José, e o tema do Acampamento era para as famílias. Durante a pregação, Deus continuou me tocando e curando. A partir daí, eu já não era mais a mesma. Descobri algo que era mais precioso que o ouro e que todas as belezas da terra.

O Acampamento acabou e chegou a hora de irmos embora. Meu coração ficou apertado, pois havia encontrado ali o sentido da minha existência: o AMOR DE DEUS por mim. E agora eu iria voltar para a realidade de vazios e ilusões que eu sempre tinha vivido. Voltei no ônibus refletindo sobre tudo o que tinha acontecido e maravilhada pela descoberta desse amor que iluminou tudo.

A partir daí, vivi grandes batalhas. Meus colegas de escola acharam que eu estava louca, pois antes fazíamos “artes” e éramos levados para a secretaria da escola... De repente, eu volto dessa tal “Canção Nova” (que na época quase ninguém lá conhecia) e, nos intervalos, permaneço dentro da sala lendo a Bíblia... Eles não entendiam também por que parei de sair nas noitadas. Até que chegou aos meus ouvidos que inventaram o boato de que eu estava sumida porque minha barriga estava crescendo. Foi calúnia.

Comecei a participar, junto com minha mãe e minha avó materna, da missa diária. Participava do grupo de oração, lia a Bíblia com muita sede de saber mais sobre Deus. Muitos amigos começaram a virar a cara para mim na rua e fui muito incompreendida por não querer sair mais com eles. Mas o tesouro que encontrei era tão precioso que tudo o mais perdeu o brilho e valor.

Cinco anos mais tarde, após fazer o discernimento vocacional, ingressei na Canção Nova no desejo de retribuir ao Senhor por todo o bem que Ele me fez, tirando minha vida do fundo do poço da amargura e me dando vestes de festa e alegria. Hoje vivo com os pés no chão e os olhos voltados para o Céu, onde, em breve, contemplaremos a Glória de Deus, para a qual fomos criados.

Outros dois testemunhos: eu tinha reumatismo no sangue e adoecia com frequência. Em outubro de 1995, estando na Canção Nova, em um Acampamento de Oração, após uma rápida passagem do padre Gobbi (MSM), o padre Jonas rezou e disse que Maria estava ali intercedendo por todos. E disse que alguém estava sendo curado de um problema sério no sangue. Ele disse: “Tome posse da cura. E, quando chegar à sua cidade, faça logo o exame e constate a cura”. Quando fiz o exame, meu sangue, que havia anos estava todo desregulado, agora estava perfeito, com todas as taxas normalizadas. Ainda tenho este exame comigo. Não houve explicação médica e eu nunca mais tive problemas no sangue e na saúde. Desde então passei a ser doadora de sangue, em gratidão a Deus pela cura.



O outro fato que quero relatar é que eu não tinha perdoado de fato ao meu pai pela separação e não aceitava nem ir à sua casa para uma visita. Mesmo estando na Canção Nova, ainda tinha esta ferida aberta, esta marca na minha história. Até que tivemos uma formação com o Nelsinho Correa (hoje Diácono Permanente), a qual foi sobre o PERDÃO. Ele trouxe o Evangelho de Lucas 6,37-38 e especialmente me marcou as palavras de Jesus: "... à medida que usardes para os outros, servirá também para vós". A partir desta formação, entendi o perdão total ao qual eu era chamada a dar ao meu pai, da mesma forma que Jesus me perdoou gratuita e generosamente. E realmente lhe perdoei de coração. Hoje o amo, aceito e intercedo por ele. O perdão foi libertador para mim. Não dá para explicar a liberdade interior que esse perdão me trouxe.

A Canção Nova foi e é esse CANAL de cura e FONTE de bênçãos na minha vida! Obrigada, Monsenhor Jonas, pelo seu SIM, que me fez nascer pela FÉ e entender o chamado de DEUS para a minha vida. Sou consagrada e sou muito feliz por ser CANÇÃO NOVA!



# Milagres em minha vida

Adriana Pereira

**M**EU NOME É ADRIANA Pereira e comecei na Canção Nova como estagiária na Rádio Canção Nova de Cachoeira Paulista, no ano de 1991.

Em 1997, vivi um momento incrível com padre Jonas da “Bíblia” (Abib), no qual pude fazer a experiência da Palavra de Deus, que é viva e eficaz, em um pequeno trecho que está em Atos dos Apóstolos, capítulo 3, versículo 6, que diz: *“Pedro, porém, disse: ‘Não tenho nem ouro nem prata, mas o que tenho eu te dou: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda!’”*.

Eu morava em uma nova casa de moças, a maior casa na época, apelidada de “A casa das 20+”, pois éramos vinte moças morando em uma única casa. Trabalhávamos o dia todo, e nossas noites eram tomadas por formação, missão, grupos de oração; portanto, mesmo nossa casa sendo grande, vivia vazia, pois estávamos sempre envolvidas na missão de evangelizar.

Lembro-me de que, em uma manhã de terça-feira do mês de agosto, fui trabalhar na Rádio Canção Nova e, após algum

tempo, comecei a sentir muitas dores abdominais. Imaginei que seria uma costumeira cólica de gases, mas a tal dor só aumentava e, mesmo com remédios apropriados para esse fim, a dor não passava. Fiquei o dia todo assim, suportando a dor.

No dia seguinte, piorei ainda mais. No período da tarde, sequer fui trabalhar, pois andar era um suplício, cada vez que meus pés tocavam o chão, me doía toda a barriga, a ponto de eu ficar curvada. Minhas irmãs de casa ficaram muito preocupadas e marcaram uma consulta no outro dia com o Dr. Djalma, muito amigo da Canção Nova. Fui examinada e encaminhada para fazer exames, os quais eu deveria entregar ao médico no dia seguinte.

No meio da tarde, após a consulta, chegamos em casa e as meninas voltaram ao trabalho e ficaram de trazer o remédio para dor receitado pelo médico. Porém a hora foi passando e a dor aumentando e ninguém retornava para casa com o remédio. Foi então que eu resolvi ir às casas dos casais da Comunidade que ficavam na mesma rua e ver se alguém tinha aquele remédio para dor. Fui caminhando bem devagarzinho, procurando pisar leve no chão por causa da imensa dor que sentia. Passei de casa em casa, mas ninguém tinha o remédio receitado pelo médico. A única casa que eu não havia chamado era a casa da Luzia e do Eto, onde morava também o padre Jonas. Vi a luz acesa do quarto do Padre pela janela que dava para a frente da casa e fiquei receosa de chamar porque a luz da sala estava apagada. Eu hesitei, mas a dor era tanta que resolvi voltar e bater na porta da frente. Para minha surpresa, o próprio padre Jonas veio atender, pois

a Luzia e o Eto não estavam em casa. Expliquei ao Padre que necessitava do remédio para dor, e ele, todo solícito, foi pegar uma caixa onde Luzia guardava os remédios. Olhamos todos os frascos, mas não o encontramos. Ele então lembrou que o Eto também tinha uma caixa de remédios só dele e foi buscá-la. Olhamos demoradamente e também não encontramos. Eu lhe agradei e, quando já ia sair, o Padre, me vendo curvada de dor, sem conseguir andar direito, não hesitou e disse-me: “minha filha, a Palavra de Deus nos diz ouro e prata, eu não tenho o remédio, eu não tenho... Mas vamos orar, é tudo o que temos neste momento”.

Padre Jonas colocou uma de suas mãos em minha cabeça e a outra em minha barriga e começou a orar pedindo que, em nome de Jesus, o médico dos médicos, o Espírito Santo viesse me curar daquela enfermidade que me causava dor, orou em línguas e eu senti um forte calor no meu abdômen e no peito. Foram alguns instantes de oração. Ao terminar, o Padre me perguntou: “como se sente, minha filha?”. Foi aí que eu percebi que a dor insuportável que me fazia curvar parecia ter desaparecido. Eu ergui o corpo e não doeu, então eu exclamei: “Padre, eu não estou sentindo mais dor”. O Padre me motivou a andar e eu dei alguns passos. Ao tocar o chão com os pés, percebi que não doía, e eu, mais uma vez, disse: “não dói!”. E foi então que ele me mandou pular, dizendo: “pule, pule pra ver se não dói...”. Eu pulei e não havia mais dor. O Padre então exclamou: “louvado seja Deus!”. E com um lindo sorriso no rosto me falou: “agora vai, minha filha, Jesus te curou”. Nós

não tínhamos o remédio, mas tínhamos Deus. E eu saí dali pisando firme, erguida, andando normal e louvando a Deus.

Mais tarde, quando minhas irmãs chegaram em casa, contei-lhes o que havia acontecido. No dia seguinte, fui fazer os exames e os levei ao médico. A princípio, ele disse que havia ficado muito preocupado e que tinha pesquisado várias enfermidades que causam esse tipo de dor, inclusive chegou a suspeitar até de apendicite, apesar de, clinicamente, eu não apresentar todos os sintomas, mas que, diante do meu bom estado e de um RX normal, ele só poderia dizer que estava tudo bem.

Nunca mais tive uma dor como aquela. A causa, eu não sei, mas de uma coisa eu tenho certeza: eu fui curada, em nome de Jesus e pelo poder do Espírito Santo, através da fé e da oração do padre Jonas Abib.

Outro fato ocorrido em minha vida envolve o nascimento do meu primeiro filho, Marco Antônio, em novembro de 2001. Eu estava prestes a dar à luz e tinha um pressentimento muito ruim que voltaria da maternidade de braços vazios. Clamei a Nossa Senhora do Bom Parto que não permitisse que isso ocorresse conosco, pois meu marido e eu confiávamos em sua intercessão. Eu havia feito várias vezes a novena de Nossa Senhora do Bom Parto, que foi dada pelo Diácono Nelsinho Correa à minha sogra quando ela estava grávida do seu filho caçula, Rafael.

Na quarta-feira, dia 14 de novembro, comecei a entrar em trabalho de parto. Tudo ia bem, tive as contrações e fui para o hospital na madrugada do dia 15, disposta a ter o parto normal.

Nosso amigo, Dr. Djalma, estava me acompanhando no final da gravidez. Fomos encaminhados para o centro cirúrgico para o final do trabalho de parto. A hora ia passando, o Dr. Djalma vinha algumas vezes, me examinava e dizia que ia esperar mais um pouco. Mas, como o bebê não nascia, ele avisou que, se não viesse normal, nós teríamos que fazer cesárea.

Eu acompanhava o passar do tempo por um relógio que ficava na parede, do lado direito da mesa de parto. Meu marido estava comigo acompanhando tudo. Foi quando o Dr. Djalma retornou à sala, me examinou mais uma vez e disse para esperarmos mais 10 minutos. Quando já ia saindo da sala, ele se virou novamente para nós, olhou no relógio que estava na parede e disse: “eu posso esperar, mas não devo”. Chamou a equipe e mandou mudar o procedimento de parto normal para cesária bem rapidamente. Então saí da sala para se preparar e, em poucos minutos, fui anestesiada e uma tensão enorme encheu a sala. Eu olhava para o relógio e, com meu marido, rezava, pois tudo mudou muito rápido.

Com um pano azul enorme bem na altura do meu pescoço, eu só conseguia ver o relógio, a cabeça do Dr. Djalma e os cabelos brancos do neonatologista. Meu filho nasceu e passou das mãos do obstetra para as mãos do neonatologista. A única coisa que consegui enxergar foi o semblante do Dr. Djalma que indicava que alguma coisa de errado havia acontecido.

Comecei a buscar os indícios do que poderia estar acontecendo... Meu filho não chorou! Meu marido, que trazia uma máquina fotográfica para fotografar esse momento, levantou-se,

mas não tirou nenhuma foto. Então ele voltou, pegou em minha mão e disse que nosso filho era lindo.

O tempo passava e nada do choro do bebê. Fui ficando preocupada e pedi para o meu marido ver o que estava acontecendo, mas ele ficou ao meu lado e apenas dizia que estava tudo bem. Até que ouvimos o chorinho do bebê e fiquei aliviada. O neonatologista chegou perto do Dr. Djalma e disse: “calma, Djalma, está tudo bem. Deu tempo. Está tudo bem”. Em seguida, mostraram o bebê para mim, mas o neonatologista disse que era preciso levá-lo rapidamente.

Após a maioria dos profissionais saírem da sala, perguntei ao Dr. Djalma o que havia acontecido. Ele, então, me explicou que estava aguardando para que o bebê nascesse de parto normal, que tínhamos tempo, porém ele sentiu que deveria fazer o parto imediatamente, que algo poderia não estar bem com o bebê, e, de fato, meu filho havia entrado em sofrimento.

Ao nascer, meu filho não chorou porque ficou sufocado, todo arroxeadado, como morto. O teste de reflexo do meu filho, que é feito quando o bebê nasce e que mede os reflexos de vida das crianças, havia dado 1 (o que significa morte aparente), mas após cinco minutos subiu para 5.

Durante todo o tempo em que estive na sala de parto sentia que Nossa Senhora estava ao meu lado, bem próxima, num lugar bem específico da sala. Quando todos os procedimentos acabaram, ficou somente uma enfermeira na sala de parto e ela me perguntou se eu acreditava em Deus, e eu disse que sim, que era católica, da Comunidade Canção Nova. Ela



sorriu e falou: “então a senhora vai entender o que vou dizer. Nossa Senhora estava aqui nesta sala e ela salvou seu filho. Ela estava bem ali, embaixo do relógio”. Este era exatamente o lugar que eu sentia a presença dela e onde os médicos estavam no momento do nascimento.

Eu creio que, no momento em que meu filho passou das mãos do obstetra para as mãos do neonatologista, bem embaixo do relógio, Nossa Senhora o pegou e intercedeu por sua vida.

Mas a história não acaba aqui. Após o parto, tudo parecia estar bem comigo, mas minha barriga estava inchada e latejando, estava quente. Após quatro dias, voltei ao consultório e o Dr. Djalma viu que eu estava com um processo hemorrágico um pouco acima dos pontos da cesária. Ele afastou um ponto para que pudesse sair o sangue que estava ali parado, mas nem uma gota saiu. Recomendou-me, então, fazer compressa quente e avisou que, se não saísse aquele sangue até sexta-feira, eu teria que passar por uma nova cirurgia para corrigir o que estava acontecendo.

Naquele mesmo dia eu comecei a fazer compressa quente, fiz várias vezes, por dois dias, mas nada adiantava. As dores e a quentura na barriga só aumentavam. Foi quando minha sogra, que morava ao lado da casa do padre Jonas, pediu a ele que fosse me visitar. O padre estava saindo em viagem e passou na casa de meus pais, onde eu estava após o parto. Chegando lá abençoou meu filho e, sabendo da situação, rezou por mim.

Logo depois fui dar de mamar para o Marco Antônio e, quando eu o ergui do colo, a roupa dele estava com uma mancha

de sangue. Chamei minha mãe para pegar o bebê enquanto eu fui ao banheiro e vi que minha roupa estava suja de sangue, bem no local onde, desde segunda-feira, o médico havia afastado o ponto. Após a oração, começou a verter sangue, um sangue escuro. Eu me banhei e, como o sangue não parava de verter, tive que colocar um absorvente em cima dos pontos, como se fosse um curativo. Foi assim naquela tarde e à noite até o outro dia, quando diminuiu e parou. Minha barriga havia desinchado e não latejava mais.

Na sexta-feira de manhã, eu tinha que fazer ultrassom e a médica da clínica perguntou por que eu estava fazendo o exame, e eu expliquei a ela o que estava acontecendo. Então a médica me mostrou na imagem que havia um filetinho de sangue, mas nada demais, e que eu não ia precisar passar por nova cirurgia.

Meses depois, no programa “Manhã Viva”, o Dr. Djalma contou a experiência vivida no meu parto e como, por uma moção Divina, meu filho foi salvo. No mês de novembro de 2001, Deus me visitou muitas vezes... Ah! Já ia me esquecendo: meu filho Marco Antônio tem uma marca de nascença, uma mancha roxa no quadril, que sempre me faz lembrar que ele foi salvo pela graça de Deus e por intercessão de Nossa Senhora.

# Uma nova mulher

Maria Josiane da Silva

*“Não fostes vós que me escolheste, mas eu vos escolhi e vos  
constituí para que vades e produzais fruto e  
o vosso fruto permaneça.”*

*(João 15,16)*

**E**U SOU NATURAL DE CACHOEIRINHA, PERNAMBUCO. Mas, antes de ingressar na Comunidade, morei na zona rural de São Caetano, uma cidade localizada no mesmo estado, com meus pais, João Batista e Maria, e meu irmão Joseilson.

Conheci a Comunidade em 2003, pela TV Canção Nova, durante uma pregação do padre Jonas Abib em um retiro de carnaval. A partir dali, minha história começou a tomar outros rumos, pois minha vida estava sem sentido, sem alegria e motivação. Todos os dias eu assistia à programação da TV Canção Nova, e a alegria e o brilho daqueles jovens que apresentavam os programas me encantavam. Pensava que eles trabalhavam

apenas na televisão. Até então não imaginava o que era morar em uma Comunidade.

Certo dia, minha mãe me disse: “Filha, por que não se torna sócia do Clube da Evangelização da Canção Nova?”. Respondi para ela: “Minha mãe, não tenho nem emprego ainda... Como poderei ajudar a Canção Nova todo mês?”. Contudo, depois disso, mudei de ideia e me associei.

Quando chegou a primeira revista da Canção Nova, na última página, havia um convite discreto. Constava uma foto da Luzia Santiago, onde estava escrito: “Você gostaria de fazer parte dessa companhia de pesca na formação de homens novos para um mundo novo?”. Quando li essas palavras, senti meu coração arder. Pensei comigo mesma: “Estou ficando louca”. Até ali não tinha dimensão da minha vocação, mas pouco a pouco Deus foi me revelando a riqueza do meu chamado.

Em 2005 tomei a decisão de escrever para a equipe vocacional de Cachoeira Paulista, São Paulo, e passei a me corresponder com eles por meio de cartas. Em 2006 comecei o caminho vocacional com a Comunidade em Gravatá, Pernambuco. Todo o período de discernimento vocacional foi percorrido lá, até ingressar na Comunidade. Foi um tempo de muita luta, crescimento pessoal e amadurecimento na fé. Período em que Deus, nas situações da minha vida, foi me formando uma mulher nova.

Muitas vezes, na minha história, duvidei do amor de Deus e de Sua presença. Mas hoje, com alegria no coração, posso testemunhar que Deus está comigo, que me ama e me ensina sempre o melhor caminho a seguir. Vale a pena trilhar esse caminho

de conversão e de formação. É um caminho de conhecimento pelo qual fui conduzida a descobrir verdadeiramente quem eu sou, filha de Deus.

Hoje, com a graça de Deus, sou missionária definitiva da Canção Nova. Na vivência dos princípios da Comunidade, vai sendo formada a mulher nova que a cada dia escolhe por Deus e que cada vez mais quer mergulhar nesse infinito amor, o qual ilumina quem eu sou. Com a Sua graça quero amá-lo até meu último suspiro.

Não tenha medo de dizer sim a Deus. Teremos desafios e lutas, mas, quando deixamos verdadeiramente o Senhor nos formar e nos educar, tocamos na Sua promessa.

Hoje posso dizer como o salmista: “Vós me ensinai vosso caminho para vida, junto de vós, felicidade sem limites, delícia eterna e alegria a vosso lado” (Salmos 15,11).



# Vencendo as dificuldades

Roberta Andrade

**E**U ME CHAMO ROBERTA e sou casada há 37 anos com Itamar – somos da Comunidade Canção Nova do Segundo Elo de São Paulo –, com quem tenho dois filhos: Wagner e Vanessa.

Durante minha vida vocacional, fiz dois anos de engajamento na Comunidade Canção Nova de São Paulo e três anos de vocacional em Cachoeira Paulista, onde vivi várias experiências maravilhosas. Meu primeiro compromisso na Canção Nova foi em 2007, o qual hoje já é definitivo.

Meu vocacional – tempo de discernimento na Comunidade – foi muito ativo na missão de São Paulo, pois participava de todas as atividades e escalas da Casa de Missão. Fui responsável por organizar as documentações e liberações em órgãos públicos para a realização de grandes eventos, como Ibirapuera e Portuguesa. Nessa época, Deus sabia das minhas limitações em fazer estes serviços, já que eu tinha que lidar com pessoas formadas em Engenharia e advogados, mas Ele sempre me capacitava no falar e no agir.

Durante, mais ou menos, uns oito anos, ajudei nos eventos da missão e também no serviço de duplicação de fitas e CDs dos eventos. Estas foram experiências muito especiais, pois eu tinha que escutar todas as palestras, e, com isso, Deus foi me ensinando a ser obediente em tudo.

Neste período, o meu esposo teve um AVC e ficou internado por trinta dias. Os médicos diziam que ele iria ficar com graves sequelas, mas eu, com a fé e ajuda dos irmãos, confiei no poder do Senhor e ele se recuperou milagrosamente, sem ficar com nenhuma sequela, para a surpresa dos médicos.

Passados alguns anos, meu marido novamente teve um grave problema, pancreatite aguda, diante da qual os médicos também o desenganaram, pois, segundo eles, de dez pessoas que possuem esta doença, apenas vinte por cento sobrevivem. Porém, com as orações e súplicas a Deus, ele reagiu e se recuperou.

Eu também passei por um problema de infecção generalizada, devido a um cisto, do tamanho de uma laranja, que se rompeu dentro de mim, entre as trompas e o ovário. Porém com fé e confiança em Deus, eu me recuperei totalmente. Infelizmente perdi uma trompa e o ovário, mas Deus preservou minha vida. Não pude ter mais filhos, como era meu desejo, mas na Comunidade Deus me deu vários filhos e filhas para cuidar.

Houve até um fato engraçado e perigoso que fiz por conta da confiança que tenho em Deus, porém não aconselho ninguém a fazer isso. No tempo em que fiquei internada, antes de passar por uma cirurgia de emergência, fugi por uma hora do hospital e fui à igreja pedir ao Padre a unção dos enfermos. Chegando



lá, ele já estava me esperando, pois o Espírito Santo havia lhe dito que iria chegar uma pessoa para ele atender. Então, após receber a unção, voltei ao hospital e encontrei todos os enfermeiros e médicos procurando a paciente que havia desaparecido do quarto com infecção generalizada, pronta para entrar em cirurgia, correndo risco de morte.

O meu filho sempre foi um bom menino, mas, como todo jovem, teve um tempo de rebeldia, e eu sempre orava por ele pedindo a Deus sua conversão total. Ele saía muito para as baladas e bebia. Ficava sem voltar para casa e não ligava. Eu sofria muito e pedia a Nossa Senhora das Graças para protegê-lo e acompanhá-lo onde eu não poderia estar e que o livrasse de todo mal. Foram vários anos nesta súplica, pedindo a Deus a sua conversão. Um dia, conversando com Nossa Senhora, de madrugada, foi-me revelado que, se ele não viesse no amor, viria na dor. Chorei muito, mas acolhi no meu coração.

Ele trabalhava à noite na Rede Bandeirantes de Televisão como operador mestre. Um dia, após sair de uma balada, foi trabalhar direto, sem dormir, e, ao voltar para casa, de manhã cedo, sofreu um acidente gravíssimo de carro porque dormiu ao volante e perdeu o controle. Ele bateu na parede de uma igreja evangélica, entrou dentro dela com o carro e ficou preso nas ferragens. Neste momento, eu senti que havia acontecido alguma coisa, então peguei o celular e liguei para ele. O socorrista do bombeiro que atendeu disse que ele estava preso nas ferragens, desacordado, mas estava sendo socorrido. Depois fiquei sabendo que os irmãos evangélicos estavam lá orando e

intercedendo pela vida do meu filho. Fiquei muito grata a eles pelas orações.

Fui direcionada ao hospital e lá o encontrei com a cabeça do tamanho de um balão de doce, aqueles de aniversário, e os médicos disseram para mim e para minha filha que tudo o que ele tinha que fazer já tinha sido feito e que só um milagre o salvaria e me pediu para rezar por ele. Eu, então, olhei para o médico e disse: “Doutor, então deixa com o Espírito Santo, pois eu irei clamar ao céu, porque DEUS tudo pode”. O médico achou tão estranho eu dizer isso com tanta confiança de que o milagre iria acontecer que depois veio conversar comigo e dizer que minha fé o evangelizara.

Mas não foi fácil. Eu fiquei com a cabeça muito perturbada, e os irmãos Ítalo e Marabá foram os meus suportes na oração. Ele, então, foi transferido de hospital e os médicos nos disseram que ele iria ficar em coma por, no mínimo, três dias, já que teve traumatismo craniano, perfuração no pulmão e a quebra de duas costelas. Eu liguei para o padre Ailton, um amigo que fez crisma com o meu filho, e pedi a ele que orasse pelo meu filho Wagner. Ele disse que iria celebrar uma missa às 18h00 e que depois iria visitá-lo no hospital para dar-lhe a unção dos enfermos.

Na missa, padre Ailton, ao erguer o cálice, pediu, em voz alta, pela recuperação do Wagner. No mesmo momento, eu estava com o meu filho e, para a surpresa dos médicos, o Wagner, mesmo estando em coma induzido e sedado, acordou e sua cabeça começou a desinchar. Foi um milagre inexplicável.

Pediram, então, a minha autorização para desentubá-lo, porque ele estava se debatendo para falar. Foi um milagre feito pela intercessão de Nossa Senhora, pois eu estava pedindo à mãe que, como ela intercedeu em Canaã pela falta de vinho, intercedesse por uma nova chance para o meu filho.

Depois do acidente, ele mudou totalmente. Não sai sem dizer para onde vai, não bebe e está sempre conosco. Realmente foi o resgate do meu filho.

Tudo isso aconteceu na minha vida e na da minha família com a Comunidade Canção Nova presente, dando-nos apoio, atenção e se unindo a mim na hora da dor. Só tenho a agradecer a Deus por estas visitas na minha família, porque me fortaleceram e me tornaram a serva que sou hoje: serva missionária e irmã desta Comunidade família que é a Canção Nova.

Não pense que também não tive perdas consideráveis neste tempo de caminhada na Canção Nova, mas até as perdas foram todas na presença deste carisma maravilhoso, o qual tenho certeza de que foi o próprio Jesus que me concedeu para enfrentar toda dificuldade.

Meu pai sempre foi muito bom homem, bom pai, mas tinha o vício muito forte do alcoolismo e, por conta disso, teve um câncer muito agressivo no fígado. Porém, mesmo na dor, eu tive a graça de ver a sua conversão através da dedicação dos irmãos da Canção Nova. Houve até um fato que me surpreendeu e me assustou no leito de sua morte. Quando o padre Adriano Zandoná foi orar por ele e dar a unção dos enfermos na UTI, pois ele já estava em coma induzido, meu pai respondeu depois

da oração “amém”. Isso foi uma libertação, porque depois ele veio a falecer, mas tenho a certeza de que com a graça de receber a absolvição de seus pecados.

Meu sogro também, depois de três meses da morte de meu pai, teve uma pneumonia e veio a falecer. No seu enterro, na missa de corpo presente, pois ele era diácono da igreja católica, a presença da Comunidade Canção Nova foi muito importante e marcante, pois, mesmo sendo no interior de São Paulo, em Caraguatatuba, a Canção Nova estava presente. Família é isso.

As visitas de Deus não pararam por aí. Após todos esses fatos, minha mãe teve uma parada cardíaca e Ele a levou, mas deu a graça de ela, um dia antes, participar da missa e comungar Jesus Eucarístico.

Em tudo isso, eu vejo o Carisma Canção Nova me ensinando e me formando. Estamos aqui somente de passagem e precisamos estar sempre preparados para Deus e também preparar o Seu povo, mostrando como Ele é bom e misericordioso com quem confia e espera Nele. Porque a alegria, o temor, a esperança e até a tristeza vêm de Deus. Ele nos ama, e o nosso destino é sempre estar com Ele, dando-nos a oportunidade de tirar um bem de tudo o que acontece.

Ser missionária Canção Nova me ensina a enfrentar meus temores e ajudar os que não conseguem, sozinhos, entender os tempos e momentos difíceis com amor e fidelidade, sempre tendo como meta a esperança e a confiança em DEUS.

# A dor nos devolve o essencial

Willian Guimarães

**R**AIAVA A MANHÃ DO dia 30 de agosto de 2016. Lembro-me de acordar e ver que ainda estava escuro e que, de maneira tímida, a luz da aurora inaugurava aquele novo dia que trazia consigo um misto de alegria e fadiga. Alegria por celebrar com a Comunidade a vocação de oito novos padres, e o cansaço acumulado da semana de intensos trabalhos pelos irmãos que, há apenas dois dias, receberam da Igreja o dom do sacerdócio.

Naquele dia nos organizamos para sair cedo e chegarmos em Bom Jesus do Itabapoana antes da hora do almoço, onde a Igreja local haveria de nos preparar um carinhoso almoço. Nosso destino era esta pequenina cidade da zona norte do Rio de Janeiro, bem distante de Cachoeira Paulista, lugar onde se daria uma celebração marcada de muito sentido e emoção: seria a primeira missa do nosso querido padre Edson em sua terra natal. Mas os acontecimentos daquela manhã mudariam os

nossos planos, e, de maneira dramática e profunda, eles marcaram para sempre, tal qual uma cicatriz, nossas vidas e vocações.

Sáímos de Cachoeira Paulista saudados pelos primeiros raios de sol, que timidamente aqueciam os inícios daquela viagem, e o júbilo daqueles dias ia, aos poucos, nos abrasando os corações. Eram dias diferentes, fora da nossa rotina, dias de intensa celebração, escalas, organizações, liturgia, solenidade; enfim, elementos próprios de um seminário que colhe os bons frutos de sua sementeira. Para um seminarista, celebrar, preparar e viver dias como aqueles é experimentar uma alegria que não cabe nas palavras, é sonhar com o dia em que chegará a nossa vez, com o dia em que também sobre nós se cumprirão as promessas de Deus e a voz da Igreja nos dirá: sacerdotes para sempre. Assim eram nossos corações naquele dia. Tal qual o sol que despontava naquela manhã, a celebração da vocação daqueles irmãos recém-ordenados aquecia de novo nossos corações e nos fazia dar a Deus um sim ainda mais vivo e generoso.

Porém, aquele dia escondia uma surpresa dolorosa e inesperada que mudaria em pranto a tão viva alegria que pulsava em nós. Ao final daquela manhã, já bem próximos do nosso destino, nossa viagem foi surpreendida por um grave acidente que frustrou os planos para aquele itinerário e nos fez experimentar o auge da dor e, ao mesmo tempo, a força inquebrantável da fé e da esperança.

O carro onde eu estava perdeu o controle numa curva, tombou e se chocou de maneira violenta com um caminhão que vinha na outra direção. Tudo muito rápido e veloz, sem

qualquer explicação lógica ou matemática para toda aquela surpreendente fatalidade: um acidente terrível que, num piscar de olhos, nos deixou esmagados no fundo daquele veículo enquanto os outros irmãos, assustados e desesperados, gritavam por nós e não obtinham resposta.

O drama daquele momento, o barulho da kombi se arrastando, os gritos de socorro, as lágrimas de dor e desespero permanecem ainda hoje vivas e atuais no coração de muitos irmãos que tentavam nos ajudar. Felipe Pavão, Ricardo Cordeiro, Thiago Antunes, Pe. Carlos e eu fomos os mais atingidos. Um a um fomos retirados pelos irmãos e por pessoas próximas que acorreram a nos ajudar, verdadeiros anjos que Deus colocou em nossas vidas naquele dia para nos amparar e nos dar a lucidez que a dor daquele momento nos havia roubado. Nunca vi tais pessoas, não sei quem são elas, não sei se um dia vou conhecê-las, mas a gratidão do meu coração por cada uma delas jamais adormeceu, e com frequência brota do meu coração uma grata oração por elas, nos dias em que a memória se desperta e me leva de volta para aqueles acontecimentos tão dolorosos.

Thiago veio a falecer poucos momentos após o acidente, uma oferta dolorosa que nossa Comunidade devolveu à eternidade. Nunca entendi o porquê de tamanha fatalidade, e creio que nunca poderei alcançar toda a plena compreensão de tudo que estava por trás daquilo que vivemos, mas o sentido construído a partir da dor devolve-nos sempre a capacidade de continuar com os olhos fixos Naquele que faz bem todas as coisas.

Fui levado ao hospital tendo ao meu lado um grande amigo, alguém que me sustentou com sua voz e viu a dor nos meus olhos inchados, a asfixia que tomava conta de mim e o medo da morte que me assombrava naquele caminho tão incerto e obscuro. Nunca pensei que uma dramática “viagem” de ambulância, marcada por tanta angústia e incertezas, me revelaria a grandeza e o valor da palavra amizade e deixaria em mim um legado tão duradouro: a dor nos devolve ao essencial. Não me lembro bem destes momentos, trago apenas lampejos de memórias e recordações, mas uma certeza palpita dentro de mim: os amigos são um dom que o carisma nos deu, um presente que a vida comunitária nos agraciou, e ter alguém assim por perto, quando a morte se avizinha, era como um bálsamo que me aliviava, um abrigo naquela tempestade, um sopro de ressurreição que mantinha o ar nos meus pulmões.

Cheguei ao hospital politraumatizado, com fraturas na coluna, no rosto, no ombro e, as mais graves, nas costelas, que causaram perfuração pulmonar e uma hemorragia intensa e severa. Havia pouco tempo, eu deveria ser estabilizado rapidamente, ou meu óbito aconteceria dentro de poucos minutos. Fui ligeiramente atendido e, mesmo com todos os limites daquele primeiro hospital que me acolheu, os médicos conseguiram me manter vivo: meu estado era estável, mas muito grave. A cidade era a pequena Santo Antônio de Pádua, lugar pelo qual passei sem conhecer pessoas que me sustentaram, sem que eu tivesse a oportunidade de lhes oferecer um sorriso de gratidão. Iniciava-se ali um tempo de coma induzido que duraria dezesseis



seis dias, pouco mais de duas semanas, que se tornaram longas e angustiantes para todos que estavam à minha volta. Nossa viagem acabara ali, nas primeiras horas da tarde daquele dia, momento em que se iniciava um extenso e angustiante calvário para minha família, minha Comunidade e para todos aqueles que me assumiam em suas preces e sacrifícios.

Dias mais tarde fui transferido para a cidade de Itaperuna, para um hospital de referência naquela região que tinha todo aporte tecnológico para cuidar do meu caso de maneira mais eficiente e promissora. Porém, ali se deu início ao momento mais dramático de toda aquela situação: o quadro se agravava, os drenos nos pulmões me causaram uma forte pneumonia, com febres altas e acúmulo de líquidos no meu corpo, frequentes agitações por conta da intubação, oscilações de pressão e oxigenação, tudo isso somado a uma luta contra o tempo por parte daqueles excelentes profissionais que cuidavam de mim. Mas meu estado evoluiu para uma septicemia, uma infecção generalizada que poderia me levar à morte em pouco tempo. Os médicos haviam feito por mim tudo o que estava ao seu alcance, mas meu organismo não reagia.

Nesse dia, minha história coincidiu de maneira mais profunda com os fatos da história de outro homem, um “jovem” que naquele ano celebraria seus 80 anos de vida, que tinha na sua história tantos dramas e dores como aquelas que eu estava vivendo: viveu sérias dificuldades no seu nascimento, sofreu de tuberculose, cirurgias, internações, e ainda mais, uma misteriosa doença acometeu seus olhos e quase não lhe permitiu alcançar

o maior sonho de sua vida: ser padre. Mas, pela fé, ele superou tudo isso e tornou-se para mim, naquele momento, uma presença crucial para o desfecho desta história. Monsenhor Jonas Abib, um milagre aos nossos olhos, recebeu todas as notícias do meu estado crítico e, num ímpeto de fé e ousadia, viu o que ninguém via, acreditou numa loucura que a olhos humanos e clínicos não se realizaria. Ele, um homem que experimentou na sua carne tantos milagres, se tornava agora o grande intercessor da minha causa, o para-raios da minha ressurreição: ele viu o invisível, ele vislumbrou o milagre.

Numa veemente convocação de oração, padre Jonas liderou um grande levante dentro da Comunidade, clamando aos céus pela salvação da minha vida; ousadamente foi aos nossos meios de comunicação e bradou uma oração que ecoou por toda a nossa comunidade e por todas as partes do Brasil: “Dai-nos o padre Willian!”. Assim, regidos pelo ânimo e pela fé deste homem de Deus, todos: nossa Comunidade, minha família, parentes, amigos e uma multidão de vidas que ouviram minha história se colocaram em súplica ardente e insistente pela minha recuperação. Sob o título de SOS Willian, o movimento de oração feito pelo padre Jonas atingiu um alcance extraordinário, de modo que muitas pessoas se uniram à Canção Nova naquele mesmo clamor.

Como a velocidade da luz, pelas ondas do rádio, da televisão e da internet, realizou-se rapidamente um movimento nacional de intercessão, de clamor e súplica pela minha vida: grupos, paróquias, missas, comunidades, congregações religio-

sas, mosteiros, católicos e evangélicos, pessoas de boa vontade se uniram à voz do padre Jonas e replicavam em uníssono o mesmo clamor: “Dai-nos o padre Willian!”. Não tenho, e acredito que nunca terei, a dimensão de todos os lugares por onde percorreu esta história, mas não posso duvidar da eficácia que ela porta, não por méritos humanos, mas pela graça de Deus que se derramou sobre mim naqueles dias e que transbordou no coração de tantas outras pessoas: enquanto Deus ressuscitava o meu corpo, tantas outras vocações, famílias, vidas e almas eram ressuscitadas por aquele movimento divino em direção a mim e a todos aqueles que estavam ao meu lado naqueles dias.

Foi este grande levante de oração que me salvou, me devolveu a vida, me fez viver uma recuperação surpreendente. Ao final de quarenta dias, deixei aquele hospital sem nenhuma sequela motora ou respiratória. Vivi ali dias dolorosos, difíceis, impacientes, com muitas oscilações no meu quadro, medicações, traqueostomias, sondas, hemodiálises, desconfortos e dores. Tive medo da morte, medo da solidão, medo de sequelas, medo de não poder ser padre, saudades da Comunidade, dos amigos, dos irmãos, da liturgia, do serviço ao altar, dos domingos, dias belos em que temos a oportunidade de celebrar com solenidade a Ressurreição do Senhor. Como eram longos e dolorosos os domingos vividos dentro da UTI, sem qualquer perspectiva de alta médica, sem o bem maior que é a Eucaristia... Um grande sofrimento que me tirou tudo, mas que me devolveu ao essencial, me mostrou a força da fé e a simplicidade da vida, me fez dar leveza às coisas e entender que minha vida não me pertence

mais, ela é de Cristo, para Ele quero viver, e não haverá outra razão de ser e existir se não for para isso: viver à altura da vida de Jesus, em tudo e em todas as coisas.

Hoje, quase quatro anos após tudo isso e na iminência de celebrar este jubileu na vida do nosso fundador, não poderia deixar passar a bela oportunidade de escrever com simplicidade estas linhas em sinal de minha gratidão a ele, que sofreu, acreditou e esperou pelo milagre da minha recuperação. Em um de nossos colóquios, ele me segredou que havia pedido a Deus que o levasse no meu lugar, que me permitisse continuar para me tornar padre. Segredos do coração de um pai que entendeu o que é dar a vida.

Vivo hoje a reta final do tempo da Teologia, em preparação para a minha ordenação. Aspiro pelo sacerdócio e desejo que minha vocação seja um tributo de amor a Deus, por tudo aquilo que Ele fez em meu favor.

Minha vida não me pertence mais, ela é de Deus, da Canção Nova, ela existe pela salvação das almas e do povo que Deus nos confia. Não morrerei, viverei, pelo tempo que Deus ainda me permitir, para cantar as obras do Senhor, para cantar uma Canção Nova... Um canto que agrade ao coração de Deus, uma melodia de gratidão e amor por todos aqueles que foram canais da bênção e do milagre de Deus na minha vida. As tragédias são oportunidades de santidade, é na dor que o amor pode crescer e se amadurecer, a vida pode se tornar mais leve e profunda. Encerro com as palavras de Paulo, uma palavra que recebi naqueles dias e que sintetiza minha vida desde então:

*“Pois para mim viver é Cristo e o morrer é lucro. Mas, se o viver na carne me dá ocasião de trabalho frutífero, não sei bem o que escolher. Sinto-me num dilema: meu desejo é partir e ir estar com Cristo, pois isso me é muito melhor, mas o permanecer na carne me é mais necessário por vossa causa. Convencido disso, sei que ficarei e continuarei com todos vós, para proveito vosso e para alegria de vossa fé, a fim de que, por mim – pela minha volta entre vós – aumente a vossa glória em Cristo Jesus.”*

*(Fl 1,21-26)*



# Procuro a Pátria do Amor. Procuro sem descansar

Elane Gomes

**E**U TINHA APENAS QUINZE anos quando vi pela primeira vez Monsenhor Jonas Abib pregando. Era o ano de 1992. Trazia no coração tantos sonhos que pareciam não caber dentro de mim. Ele já tinha os cabelos brancos, é claro! Mas, com suas palavras, parecia ter os mesmos sonhos que eu, ou melhor, eu tinha sonhos parecidos com os dele: o desejo de um mundo novo, uma sociedade nova, onde as fronteiras se rompessem e as diferenças também. Fiquei encantada com aquele padre, tão enérgico e dinâmico... Mas percebi que entre os meus sonhos e os do Monsenhor havia uma diferença essencial: nos meus, faltava Alguém!

Estava no começo da caminhada cristã e não entendia muita coisa, mas a transformação que eu queria fazer no mundo começava e se encerrava em mim, já que dependia em tudo de minhas forças e de minha vontade. Naquela idade eu já até

tinha feito vários esforços, tudo em vão! Já até havia pensado em desistir. Entretanto, na palestra em que ele fazia ao ar livre, na Casa da Divina Providência, em São Gonçalo dos Campos, minha cidade natal, olhando os olhos azuis daquele homem, eu entendi que não conseguiria nada sozinha, que estava lutando errado e que precisava de mais uma Pessoa em meus projetos. Alguém que realmente faria alguma coisa, que me convenceria de que não era utopia. Alguém que seria tudo aquilo que eu não era... Fiz uma nova experiência com Deus!

Nisto percebi que a Pátria do Amor precisava começar em mim, que o mundo que precisava transformar era o meu e que somente com Deus tal coisa se daria. Sete anos depois, tornei-me uma das filhas de Monsenhor Jonas Abib. Agora os sonhos dele se confundiram realmente com os meus. Também *“procuro a Pátria do Amor. Procuro sem descansar!”*.

Hoje, passados mais de 25 anos dessa experiência, já não tão jovem quanto naquela ocasião, estes anseios continuam a pulsar dentro de mim. Talvez não com o romantismo de antes, mas, certamente, com a fé um pouco mais amadurecida de quem já percorreu uma parte do caminho e viu que, apesar das pedras, vale a pena caminhar.

Minha vocação à Canção Nova se construiu com sonhos, milagres, fracassos, despedidas e retomadas que, talvez, não caibam em um livro. E ela é muito concreta. Começou muito cedo, ainda na adolescência, e foi se formando enquanto eu vivia cada etapa, podendo dar ao Senhor os melhores anos da minha vida até aqui. Sem dúvidas, ser Canção Nova é uma



profunda definição de mim mesma e uma das melhores opções que já fiz. Permaneço porque sei que a “Pátria do Amor que o Monsenhor canta é logo ali no Céu, onde, para mim, só se chega cantando uma Canção Nova”.



# As surpresas de Deus

Heitor Figueira

**E**U ME CHAMO HEITOR e sou membro da Comunidade Canção Nova, na forma de Segundo Elo, desde 2007. Gostaria de deixar registrado aqui o meu testemunho com uma graça que alcancei juntamente com minha esposa, Suzanne (também membro da Comunidade desde 2007).

Em 2005, o Pe. Jonas estaria participando de um evento chamado “Queremos Deus”, o qual aconteceria no estádio Castelão, em Fortaleza/CE. Dias antes, o Senhor já havia me dado sinais da bênção que Ele estava me preparando. Eu sonhei que o padre viria aqui em Natal, oportunidade na qual eu o abraçava, dava-lhe um beijo e tirava uma foto com ele.

Outro fato que ficou gravado em meu coração foi quando o Lúcio Domício, responsável da Missão Canção Nova em Natal, à época, perguntou-me o que eu faria se encontrasse com o padre. Foram “pistas de Deus” para aquilo que viria a acontecer.

No sábado, dia 22, recebi um telefonema do Lúcio convocando minha esposa e eu para uma reunião. Como eu sabia

que o Pe. Jonas estava bem próximo, em Fortaleza, senti que se tratava da presença dele aqui em Natal. Não conseguia imaginar outra coisa; afinal, uma reunião em plena segunda-feira pela manhã, horário em que todo mundo trabalha... Mas ao mesmo tempo parecia coisa da minha cabeça.

Finalmente, chegando o dia, fomos à Casa de Missão. Meu coração já estava disparado, pois tinha a convicção de que a surpresa que nos aguardava era a visita do padre Jonas. De repente, vejo o Padre descer as escadas da residência dos irmãos da Comunidade de Vida... Que alegria!

Eu tive a imensa felicidade de ser apresentado a ele. Dei-lhe um forte abraço, olhei em seus olhos e disse: “padre, eu ensaiei tantas coisas para lhe dizer... Mas agora eu não consigo dizer nada, de tanta emoção. Posso lhe dar um beijo?”. Ele olhou-me nos olhos e disse: “claro que pode, meu filho”. Então eu o beijei e o abracei novamente. Em seguida, apresentei-lhe minha esposa. O Padre, então, segurou a minha mão e a de Suzanne, fechou os olhos e começou a orar. E disse: “Que o Senhor possa retirar todos os impedimentos desta vocação. Que eles sejam uma bênção em suas famílias. Que Deus abençoe a sua fecundidade e que Ele possa lhes dar todos os filhos que Ele quiser”. Depois disto, pediu para que mandássemos a notícia de quando Suzanne estivesse grávida e disse que já havia visto muitos prodígios a este respeito. Ele posou para algumas fotografias conosco e sorriu.

Detalhe: há pouco tempo, Suzanne havia passado por exames que diagnosticaram cistos no ovário, os quais a estavam

impedindo de engravidar. E o mais impressionante é que nós não havíamos dito isso para ninguém.

Tomamos posse da graça e, na mesma semana, Suzanne repetiu os exames que constataram a cura: seus ovários estavam limpinhos! Cerca de dois meses depois ela estava grávida! No mesmo ano, o padre Jonas retornou novamente a Natal, para participar de um encontro no estádio Machadão, promovido pela Missão Canção Nova de Natal. Nesta ocasião, como mencionei acima, Suzanne já estava grávida do nosso primeiro filho, mas nós ainda não sabíamos.

Felipe nasceu em 2006 e, já no ano seguinte, em 2007, nasceu nossa segunda filha, Mariana. Em 2011, nasceu o Gabriel, nosso terceiro filho, e assim se cumpria a profecia da cura da nossa fecundidade.

No ano de 2019 pudemos apresentar nossos três filhos ao padre Jonas, e ele disse que nós deveríamos colocá-los na barca de orações, como gratidão a Deus pelo milagre alcançado.



# Um milagre pelas mãos da Virgem Maria

Mariana Lazarin

**N**OS ANOS DE 1967, eles se conheceram, namoraram e se casaram na festa de São Pedro e São Paulo. Meu pai, José Orando Gabriel, com 22 anos; e minha mãe, Maria Izabel Lazarin Gabriel, com 20 anos.

Ambos eram de uma família numerosa. Minha mãe tem 11 irmãos, e meu pai tem 4. E havia dentro deles o sonho de terem muitos filhos. Mas os anos foram se passando e minha mãe não conseguia engravidar.

Então, a partir de 1976, eles começaram a fazer alguns tratamentos, pois tanto meu pai quanto minha mãe seriam “aparentemente” inférteis. Após ambos passarem por dois procedimentos cirúrgicos e serem desenganados pelos médicos, entregaram este sonho nas mãos de Deus. Em paralelo a isso, eles foram convidados para participar da RCC, a qual estava em ascensão no Brasil.

Em 1986, foram chamados para participarem de um Cenáculo no Pacaembu, no qual estariam padre Jonas Abib e Tia Laura. Meu pai e minha mãe se abriram e foram juntos participar deste evento com o coração aberto. Era o domingo da Festa da Santíssima Trindade, e durante o período da manhã, começou a tocar a música “Maria, nossa mãe, ensina-nos a amar como Jesus amou” (Maria Nossa Mãe – Canção Nova). Tia Laura conduzia o momento de oração, e padre Jonas intervia e proclamava a cura de um casal que havia sido desenganado pelos médicos, mas que, por meio das mãos da Virgem Maria, iriam engravidar e trariam a criança no próximo ano para dar o testemunho.

Meus pais acolheram esta graça. Meses depois, em julho, minha mãe engravidou de mim, após dezesseis anos de casados. E dois anos depois veio a minha irmã, Mirian.

Hoje sou missionária da Comunidade Canção Nova. Aos poucos, fui vendo a mão de Deus me conduzindo e me direcionando e fazendo o dom Canção Nova desabrochar e florescer em mim.

Não posso negar que, desde sempre, Deus me escolheu para ser Canção Nova, e a minha existência passa pela graça e pela docilidade do Monsenhor Jonas Abib.



# Eu sou Canção Nova

Cláudia Bastos

**E**NTRE TANTOS TESTEMUNHOS, FAÇO memória de um que muito falou ao meu coração.

Em 2019, o mês não recordo ao certo, fui à santa missa na paróquia que fica no Largo Santo Antônio, no centro do Rio de Janeiro. Cheguei cedo porque queria adorar Jesus antes. Fiquei ali entre 15 e 20 min. O horário da missa se aproximava... Então, ao meio-dia em ponto o Padre passou pelo santíssimo onde eu me encontrava, olhou em meus olhos e disse: “você é uma Canção Nova”. E continuou seu caminho... Depois disso fiquei pensando no que ele tinha visto em mim para afirmar que eu era Canção Nova. Eu não vestia camisa, nem usava nada que indicasse ser uma consagrada. Mas durante a missa tive a resposta.

Onde estou tem um fruto Canção Nova que leva o Dom Canção Nova. E a minha postura diante de Cristo naquele momento fez a diferença. Preciso fazer a diferença, exalar o perfume de Cristo, e o Carisma precisa estar impregnado em meu ser.

*Canção Nova* Um testemunho vivo e vivido

Que o Senhor me ajude a permanecer firme na Lei e no Carisma Canção Nova, dom de Deus para a Igreja. Deus abençoe.

*“Não morrerei, mas, ao contrário, viverei para cantar as grandes obras do Senhor!” (Sl 118,17).*

# Como é linda nossa família

Cívita Teixeira

*Irmãos nos tornamos.  
Em sadia convivência  
vamos nos relacionando.  
Como é linda nossa família!  
É Deus em meio a nós  
que vai trabalhando.*

**U**MA DAS GRANDES RIQUEZAS do nosso Carisma é a graça de vivermos em sadia convivência. Somos irmãos e convivemos como irmãos. Assim Deus nos constituiu.

Desde o caminho vocacional, este princípio ardeu no meu coração, e através dele Deus foi trabalhando em mim e me transformando. O dom já está em nós. À medida que vamos caminhando, o carisma vai florindo em nós.

Sempre fui uma pessoa mais reservada, tímida. Contudo, já durante o caminho vocacional, nas convivências, o Senhor foi me inquietando e colocando no meu coração o desejo de levar ao ambiente fraterno um algo a mais. Aos poucos fui me abrindo e permitindo que o Espírito Santo agisse em mim. Eu fui colocando à disposição dos meus irmãos os dons que Deus estava me dando.

Primeiro foram as dinâmicas, depois as homenagens, as brincadeiras, a poesia... Assim começou a fluir em mim muitas ideias para o ambiente de convivência e fui descobrindo os meus dons e os dos outros. Percebi que todos juntos podemos promover um ambiente para uma melhor convivência. Nossa família é grande e linda e tem todos os estados de vida. São solteiros, celibatários, padres, casados e os filhos. Todos convivendo sadiamente na missão e na vida fraterna. Esse é o grande testemunho que nós vivemos.

Um dos momentos de convivência que mais me alegra de nossa família é as nossas jornadas. É muito bom criarmos juntos, de improviso, teatro, música, poesia etc. Há muita criatividade em nosso meio, pois um complementa o outro. É uma alegria apenas estar ali, juntos, como irmãos e irmãs.

Deus nos ofereceu este princípio para mostrar que conviver juntos, como vivemos, não é só um desafio, mas também uma alegria e nos refaz. Conviver com meus irmãos, mesmo em meio ao cansaço, me faz renovar as forças junto com eles.

*O ambiente fraterno  
é alegre e terno.  
O princípio é eterno,  
um dom que vai além.  
Juntos, como irmãos,  
vamos nos conhecendo.  
Laços sempre tecendo.  
Um dom que nos faz amar.  
Quando bem vivido,  
tem todo um colorido.  
O dom fortalecido,  
uma beleza singular.  
Como é linda nossa família!  
Só Deus para todos nós  
nela juntos pensar.*





## Produtos Canção Nova, INOVANDO PELA EVANGELIZAÇÃO!



### ■ CD's E DVD's

Música de evangelização para você ouvir quando quiser



spotify  
.com



deezer  
.com



itunes  
.com



Google  
Play

### ■ LIVROS PARA OUVIR

Ouçá seus livros preferidos onde você estiver



tocalivros.com.br



try.ubook.com/cancaonova

### ■ EBOOK' s

Os livros Canção Nova para você ler como quiser



kobo  
.com



amazon  
.com



iBooks  
App Store



Google  
Play

